

Universidade Federal de Santa Catarina

Pós-Graduação em Letras-Inglês

**The Acquisition of English Initial /s/ Clusters by Brazilian EFL Learners**

por

Jeanne Teixeira Rebello

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em Inglês e Literatura Correspondente.

FLORIANÓPOLIS

Dezembro, 1997

Esta Dissertação foi julgada adequada e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês para obtenção do grau de

MESTRE EM LETRAS

Opção Língua



Prof.<sup>a</sup>. Dra.<sup>a</sup> Barbara Oughton Baptista  
COORDENADORA



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Barbara Oughton Baptista  
ORIENTADORA

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Hilário Inácio Bohn



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Margarete Schlatter



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Barbara Oughton Baptista

Florianópolis, 8 de dezembro, 1997.

## Acknowledgements

I would like to thank all those who somehow helped me along the way. Capes, for providing me with the financial support ; my advisor, Barbara O. Baptista, for having encouraged and trusted me all the time; and my fiancé and family, for being so helpful and supportive at all moments.

**Abstract****The Acquisition of English initial /s / clusters by Brazilian EFL learners**

Jeanne Teixeira Rebello

Universidade Federal de Santa Catarina  
1997

Supervisor Professor: Barbara Oughton Baptista

The production of English initial /s/ clusters in various phonological contexts by Brazilian EFL learners was analysed based upon universals of syllable structure regarding cluster length, strength relations within the syllable and syllable contact, with the Markedness Differential Hypothesis (MDH) and the Structural Conformity Hypothesis (SCH) as predictors of learners difficulties. Longer initial /s/-clusters were expected to cause a greater rate of epenthesis than shorter ones. In addition, initial clusters which violate Hooper's (1976) Syllable Structure Condition (SSC) were expected to be more difficult than those which do not violate it. Finally, based on Murray and Venneman's (1983) Syllable Contact Law (SCL), the greater the degree to which the strength of the final segment of the context word surpassed the strength of the initial /s/ of the target word, the more difficult the structure was expected to be. In order to investigate these aspects of the syllable, six Brazilian learners of English from the extra curricular course at UFSC read aloud sentences containing initial /s/ clusters in controlled environments. The results yielded by this study demonstrated that the universal CV syllable structure, the SSC, and the SCL were not sufficient by themselves to predict the degree of difficulty learners found in producing English initial /s/ clusters. Rather, L1 transfer of voicing assimilation and the resulting markedness relationships of /s/-nasal and /s/-liquid onsets in relation to /s/-stop onsets, in addition to markedness relationships regarding voicing in the environment, were considered to be the most crucial variables affecting the rate of epenthesis. The results of the present study complement those of previous research in the area, since additional aspects of the syllable were taken into consideration, and since this study dealt with Portuguese as the native language, as opposed to Spanish or Asian languages.

Number of pages : 207

Number of words : 37.756

## Resumo

### **A Aquisição Dos Encontros Consonantais Iniciais Da Língua Inglesa iniciados pelo segmento /s/ Por Estudantes Brasileiros Da Língua Inglesa**

Jeanne Teixeira Rebello

Universidade Federal de Santa Catarina  
1997

Orientadora: Barbara Oughton Baptista

Baseando-se nos princípios universais da estrutura silábica no que se refere ao tamanho dos encontros consonantais, relações de força consonantal dentro da sílaba, e contato silábico, foi analisada a produção dos encontros consonantais iniciais da língua inglesa iniciados pelo segmento /s/ em vários contextos fonológicos por estudantes brasileiros. As hipóteses usadas para prever as dificuldades dos alunos foram: a Hipótese da Diferencial de Marcação e a Hipótese da Conformidade Estrutural. Os encontros consonantais iniciais mais longos causariam um maior índice de epêntese do que os encontros consonantais iniciais mais curtos. Além disso, os encontros consonantais iniciais que transgridem a Condição da Estrutura Silábica (SSC) (Hooper, 1976) seriam mais difíceis de serem adquiridos do que aqueles que não o transgridem. Finalmente, baseando-se na Lei do Contato Silábico (SCL) (Murray e Venneman, 1983), quanto mais o grau de força do último segmento da palavra contexto ultrapassasse o grau de força do segmento inicial /s/ da palavra alvo, mais difícil seria a estrutura. Para que fosse possível averiguar estes aspectos da sílaba, seis alunos brasileiros do curso extra curricular de inglês da UFSC leram em voz alta frases que continham encontros consonantais iniciais iniciados pelo segmento /s/ em contextos controlados. Os resultados obtidos por este estudo revelaram que o grau de desvio da estrutura silábica universal CV, a Condição da Estrutura Silábica (SSC), e a Lei do Contato Silábico (SCL), não foram suficientes para prever o grau de dificuldade que os alunos encontraram na produção dos encontros consonantais da língua inglesa iniciados pelo segmento /s/. Pelo contrário, a transferência da assimilação de sonorização da língua materna e as relações de marcação resultantes dos onsets do tipo /s/-nasal e /s/-líquido, em relação aos onsets do tipo /s/-oclusivo e

também as relações de marcação em relação a sonorização no contexto, foram consideradas as variáveis mais cruciais a afetar o índice de epêntese. Os resultados do presente estudo complementam os resultados de estudos realizados anteriormente na área, uma vez que aspectos adicionais da sílaba foram levados em consideração, e uma vez que em este estudo a língua materna pesquisada foi o português, e não o espanhol ou línguas asiáticas.

Número de páginas : 207

Número de palavras : 37.756

## TABLE OF CONTENTS

Chapter 1-Introduction.....	1
Chapter 2- Review of the Literature.....	4
2.1- Phonological Considerations on the Syllable.....	4
2.1.1- Syllable Structure.....	5
2.1.2- Syllable Contact.....	11
2.2- The English Syllable.....	17
2.3- The Portuguese Syllable.....	25
2.4- Markedness Differential Hypothesis and Structural Conformity Hypothesis.....	29
2.5- SLA Phonological Studies on the Syllable.....	34
2.5.1- Studies Focusing on the Learner's Preference for a CV Syllable Structure or a CVC.....	35
2.5.2- Studies Focusing on Strength Relations Within and Across Syllables.....	42
2.5.3- Studies Focusing on the Principles and Parameters of UG.....	44
Chapter 3- Method.....	46
3.1- Hypotheses.....	46
3.2- Subjects.....	47
3.3- Material.....	48
3.4- Procedure.....	49
3.5- Transcriptions.....	50
Chapter 4- Results and Discussion.....	52
4.1- Epenthesis by class level.....	52
4.2- Analysis of /sC/ clusters vs. /sCC/ clusters.....	54
4.2.1- General Clusters Independent of Components.....	56
4.2.2- Analysis of Clusters Grouped by Second Component.....	58
4.2.2.1- Cluster /sp/ vs. Cluster /spC/.....	58
4.2.2.2- Cluster /st/ vs. Cluster /stC/.....	60

4.2.2.3- Cluster /sk/ vs. Cluster /skC/.....	63
4.2.2.4- Summary of Results.....	66
4.2.3- Discussion of /sC/ vs. /sCC/ Clusters.....	67
4.3- The Consonantal Strength Hierarchy Within the Syllable.....	71
4.3.1- Analysis of /s/ Clusters in Violation of the Syllable Structure Condition (SSC) vs. /s/ Clusters Not in Violation.....	72
4.3.2- Comparison of /s/-nasal and /s/-liquid Clusters and Homorganic Advantage.....	77
4.3.3- Voicing Assimilation of /s/-sonorant Clusters.....	80
4.3.4- Discussion of Clusters in Violation vs. Clusters Not in Violation.....	83
4.4- The Consonantal Strength Hierarchy Across the Syllable.....	91
4.4.1- Analysis of the Syllable Contact Numbers.....	94
4.4.2- Discussion of the Different Environments.....	104
4.5- Summary of Overall Results.....	109
Chapter 5- Conclusion.....	112
5.1- Limitations of the research.....	112
5.2- Theoretical Implications.....	113
5.3- Pedagogical Implications.....	115
5.4- Future Research.....	117
Appendices.....	119
Appendix A- Corpus.....	119
Appendix B- Transcriptions.....	137
Bibliography.....	191



## Chapter 1- Introduction

The acquisition of a second language sound system has always been a challenging task to learners. This fact can be easily observed in foreign language classrooms, where the majority of post-pubescent learners demonstrate difficulty in losing their foreign accent. Grammar and lexicon, on the contrary, are areas in which many of these learners succeed in acquiring a native-like competence. The frequent lack of complete phonological attainment in second language acquisition made researchers aware of the importance of L1 transfer in this particular area of language.

Brazilian EFL learners share many difficulties regarding English pronunciation. The most obvious reason for these shared difficulties is that the Portuguese and English phonological inventories differ not only in terms of manner and place of articulation of sounds but also in relation to distribution. Two less obvious, but equally important factors which influence their oral performance are the differences in syllable structure and phonotactic constraints of English and Portuguese. That is to say, sequences of segments- both within and across syllables- which are permissible in English may not be permissible in Portuguese, and vice-versa.

This study focuses on one particular aspect of English pronunciation frequently found to be difficult to Brazilians: the production of English initial /s/- clusters. These structures are known to cause epenthesis due to the fact that they involve a longer and different distribution of segments than that permissible in Portuguese. The phoneme

/s/ in /s/-nasal and /s/-liquid clusters is also known to be frequently voiced by these learners due to native language interference. Thus, it is important to verify the frequency to which these clusters are modified, which ones are more frequently modified and in what context. It is worth pointing out that native speakers of English depend heavily on rhythm for comprehension and that epenthesis interferes a lot with it.

Natural generative phonology has been chosen as the phonological model of this research due to the fact that it offers the most relevant work in terms of syllable structure. This model takes into consideration strength relations within and across the syllable, aspects frequently neglected in previous research in the field of interlanguage phonology. Also, the Markedness Differential Hypothesis (MDH) (Eckman, 1987a) and the Structural Conformity Hypothesis (SCH) (Eckman, 1991) have been chosen as the predictors of learners' difficulties. These hypotheses were chosen because they base their predictions on the comparison of the L1 and L2.

This study was carried out with two main purposes: (1) to evaluate the difficulties Brazilian EFL learners would encounter in relation to the production of the various initial /s/ clusters, (2) to verify the possibility of making predictions, based on Natural Generative Phonology, regarding the degree of difficulty students would have in producing /s/-clusters in different phonological contexts.

The thesis is organised as follows: Chapter 2 reviews the relevant literature in the area. Syllable structure in general is discussed mainly from the perspective of

natural generative phonology, the theory on which this research is based. Then Portuguese and English syllable structures are described and compared. The hypotheses used to predict learners difficulty, the Markedness Differential Hypothesis (MDH) and the Structural Conformity Hypothesis (SCH), are also compared and commented on. Several studies on second language phonological acquisition are also presented in this chapter.

Chapter 3 presents the three hypotheses elaborated for this study and it also describes the method used. The first hypothesis compares /sC/ clusters with /sCC/ clusters in respect to length, the second hypothesis deals with strength relations within the syllable, and the third, with strength relations across the syllable. In regard to the method, details are given concerning the subjects who took part in the experiment, the material and the procedure used for the data collection as well as details concerning the transcriptions.

Chapter 4 presents and discusses the results. The main divisions of this chapter are related to the three hypotheses proposed: a) comparison of /sC/ clusters and /sCC/ clusters in terms of length, b) the consonantal hierarchy within the syllable, and c) the consonantal strength hierarchy across the syllable. At the end of this chapter a summary of the overall results is presented.

Chapter 5 presents the conclusions of the study. The limitations of this research, theoretical and pedagogical implications are presented along with suggestions for future research.

## Chapter 2- Review Of Literature

### 2.1- Phonological Considerations on the Syllable

The concept of syllable as a phonological unit has been a rather controversial subject amongst professionals in the area of phonology. There have been many attempts not only at defining it, but also at including it as a unit within phonological theory. Hooper (1972) claims that the insertion of syllable boundaries between sequences of segments leads to a formal and universal definition of the syllable, and that phonological processes are directly affected by such boundaries, since in many languages they are dependent upon syllable structure. Redenbarger (1979:40), on the other hand, criticises Hooper's (ibid:536) universal rule of silabication by stating that each language should develop its own rules. Evidence in support of his claims is found in the necessity of language-specific rules of syllable parsing for the Portuguese language. Saussure (1915 [1959], in Hooper 1976) defines the syllable in terms of the degree of opening of the sounds. He states that the margins of the syllables are formed by the least open of the sounds whereas the nucleus, by the most open ones. This classification in terms of the opening of the sounds is similar to that of the degree of sonority.

According to Ladefoged (1982:224), there has not been an agreement on a phonetic definition of the syllable. There are two theories which attempt to define it.

On the one hand, there are those who claim that the syllable should be defined in terms of the properties of sounds, such as sonority or prominence. On the other hand, there are those who propose a definition of the syllable in terms of what speakers do, such as their production of chest pulses or their organisation of the components of utterances. As Ladefoged (ibid) claims, none of the available phonetic theories which attempt to define the syllable seem to be adequate.

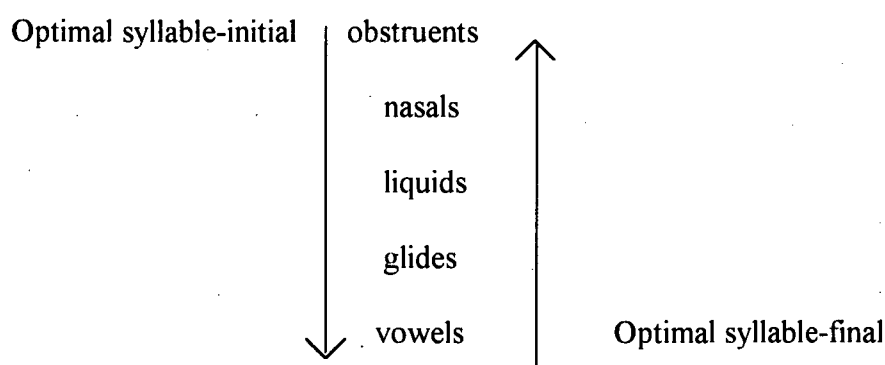
The syllable has been thoroughly analysed within Natural Generative Phonology, which places special emphasis on phonotactic constraints and strength relations. The adoption of this theoretical model is linked to the fact that both aspects, phonotactic constraints and strength relations, are paramount to the work I propose here. In addition to that, there is the need to fill in an existing gap in the SLA research on the syllable, since most studies in the area involve the composition of the syllable only in terms of CV (Broselow, 1987a, 1987b ; Tarone, 1987a ; Anderson, 1987a), not in terms of natural classes or strength values as proposed in this study.

### **2.1.1- Syllable Structure**

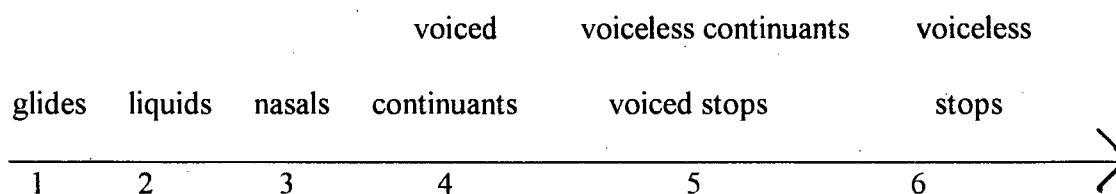
Hooper (1976) proposes a theory of universal and language-specific syllable structure. Within her theory there is also an explanation for the constraints related to the syllable structure itself. She analyses the syllable structure of Spanish and concludes that the occurrence of segments within a syllable seems to be dependent on

their natural classes, i.e., “whether it is an obstruent, nasal, liquid, glide or vowel.” (ibid:196).

Below is the hierarchy of suitability of segments in initial and final positions within the Spanish syllable as proposed by Hooper (1976:196).



Hooper (ibid:206) has also proposed a universal consonantal strength hierarchy as follows:



Based upon the strength scale above, it can be noticed that glides are the most sonorant, therefore, the weakest segments on the scale while voiceless stops are considered the strongest, i.e., the least sonorant segments. The position of affricates on the scale is not determined, but Hooper (ibid :206) believes that voiceless affricates are probably the strongest consonants on the scale, due to their complexity. Their voiced counterparts are said to be weaker. She also states that the degree of strength

of affricates is very much language specific, i.e., it depends on how they relate to the other segments in the language and also to their specific phonetic properties. In spite of strength scales being to a certain extent language specific, there is a universal tendency for the general location of segments along them.

The degree of strength a segment is said to have determines the positions it can occupy within the syllable. Syllable-initial position is said to be universally stronger than syllable-final position. This is supported by the fact that fortition processes, such as aspiration of voiceless stops in English and the changing of the glides /y/ and /w/ into obstruents (fricatives) in Spanish, “always occur in syllable-initial position and never in syllable-final or second position” (Hooper, 1976 :199). On the other hand, lenition processes, such as assimilation and deletion, tend to occur in syllable-final position. According to Hooper (1976) the nucleus of a syllable is always occupied by the most vowel-like segments, while the segments at the margins especially in syllable-initial position, are the least vowel-like.

One can say, then, that the syllable structure of languages varies not only in relation to the optimal CV universal syllable, but also regarding phonotactic constraints on the syllable, associated with differences in strength relations amongst segments, helping to make each language a unique system of communication.

Returning to the issue of CV as the optimal universal syllable structure, this implies that all languages of the world allow this type of syllable. In fact, for some languages this is the only type permitted. The CV syllable is also said to be the first syllable type learned by young children. The fact that the CV syllable type is universal

predicts a preference for consonants in initial position over consonants in any other position and a preference for consonants over vowels in initial position.

Hooper (1976:229) proposes a universal condition on preferred syllable structure as stated below:

$P(C): \$C_m C_n C_p C_q V C_r C_s C_t \$$

where  $m > n > p > q$

$r > s > t$  [sic]<sup>1</sup>

$m > t$

$m \neq \emptyset$

According to Hooper, this universal condition on syllable structure establishes that the C elements are to be found at the margins of the syllables, and that an obligatory element V comprises the nucleus. As we can see, the universal preferred syllable structure allows up to three segments in syllable-initial position and up to four segments in syllable-final position. The English words *spree* and *splash* are examples of three-member initial consonant clusters while the words *texts*, *bursts* and *glimpsed* are examples of four-member final consonant clusters (Bowen, 1978 :150). In relation to the degree of strength of the consonantal segments involved, their values should decrease not only from syllable-initial position toward the nucleus, but also from syllable-final position toward the same point. In English, the words *smile*, *snail*, and *sleeve* decrease in terms of strength value of their consonantal segments from syllable-initial position toward the nucleus, and the words *fans* and *north* decrease from syllable-final position toward the nucleus. Exceptions to Hooper's conditions are

---

<sup>1</sup> The arrows should be pointing toward the opposite direction.



found in the English language. For instance, all words which have initial and final-clusters with the fricative /s/ plus a stop (*speak, sky, store, cramps, bags* and *bats*) violate this condition. Thus, m is greater than n, which is greater than p, which is greater than q. The same occurs in syllable-final position where t is greater than s, which is greater than r. What is implied by the preferred syllable structure universal condition  $m > t$  is that "...the strongest C permitted in syllable-initial position must be stronger than the strongest C permitted in syllable-final position." (ibid:230). The condition  $m \neq \emptyset$  establishes that CV type must be allowed in all languages.

Based upon the theory of universal syllable structure associated to the universal strength hierarchy as presented above, some claims can be made concerning syllable initial clusters. The implicational universals to be discussed here were first discovered by Greenberg (1965) and later reformulated by Cairns (1969, paraphrased in Hooper 1976:230-1):

- a) "...if a language allows syllable-initial clusters of \$CNV (where N= nasal consonant), it must also have syllable-initial clusters of \$CLV (where L= liquid)."
- b) "...if a language allows syllable-initial [two-] obstruent clusters, it must also allow obstruent-nasal clusters."
- c) "...if a language allows the syllable-initial cluster \$cNV (where c= voiced consonant), then it must also allow clusters of \$CNV (where C= voiceless consonant.)"
- d) "...if a language allows an initial sequence of \$NLV, then it must also allow \$CLV."

e) “...the non-existence [sic]<sup>2</sup> of clusters of two liquids in syllable-initial position is ruled out by the requirement that  $m > n$  and the condition that there be some minimum difference in strength between the first and the second C in the cluster.”

The syllable structure condition is also meant to explain possible syllable-final clusters. However, the details regarding these sequences of segments will not be covered here since final-clusters are not within the main scope of this research.

The consonantal strength hierarchy proposed by Hooper (1976:208) is similar to that proposed by Hankamer & Aissen (1974) with the difference that the latter use the opposite term sonority rather than strength. Thus, the sonority hierarchy works in the opposite direction, i.e., stops are located at the very beginning of the scale instead of at the end. Hankamer & Aissen (ibid:131) point out that their theory differs from that proposed by Chomsky and Halle (1968) in the sense that phonological rules no longer distinguish segments based upon their binary-value distinctive features; Instead, phonological processes depend upon hierarchical relations amongst phonological classes. In order to show that phonological rules can be stated in terms of hierarchical relations amongst classes, Hankamer & Aissen present an assimilation rule in Pali which can be formulated in such a way.

The range of values of the feature sonority is from 1 to 9 on Hankamer & Aissen’s scale (ibid :137), stops being located at the low end with a value of 1 and vowels at the high end with a value of 9. According to Hankamer & Aissen (ibid:138) the scale is universal, but the placement of segments along its extension is language

---

<sup>2</sup> This should read existence, since the ruling out of non-existence means obligatory existence, which is obviously not what Hooper wants to say.

specific. Classes such as stops, fricatives and nasals are said to vary very little from language to language, and an inversion of order amongst these three classes is never expected to occur. On the other hand, glides and liquids vary considerably from one language to another. This means that the region along the scale between nasals and vowels is determined by each language, by the articulatory nature of segments of the language being described.

### 2.1.2- Syllable Contact

It was seen above that strength relations within the syllable are paramount in differentiating the syllable structure of languages, and it will be demonstrated in this section that syllable contact is another important factor to be taken into consideration when investigating syllable structure. According to Hooper (1976), the relative strength of segments which occur in a given sequence is the basis for assigning syllable boundaries. In her discussion of Spanish syllable structure, Hooper (ibid:220) adds to her Syllable Structure Condition (SSC) for Spanish the further condition that “requires that a syllable -initial C be stronger than the immediately preceding syllable-final C:

12) If  $XVC_rSC_mV$ , and there is no pause between  $C_r$  and  $C_m$ , then  $m > r$ .”

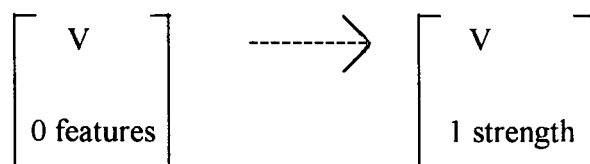
What Hooper means by the previous condition is that when a consonant in syllable-final position ( $C_r$ ) is followed by a consonant in syllable-initial position ( $C_m$ ) and no pause is produced between them, the consonant occupying syllable-initial

position must be stronger than the one occupying syllable-final position. An example which obeys Hooper's condition would be the sentence "ten soaps" /tɛnsəʊps/ pronounced without a pause between the words. One which disobeys her condition would be the sentence "Guess what?" /gɛswɒt/ also pronounced without a pause between the words. This condition that Hooper added to her SSC for Spanish was generalised to historical change in all languages by Murray & Venneman (1983:520), who proposed the Syllable Contact Law (SCL), based on a reformulation of this principle. They claim that "the tendency for a syllabic structure A\$B to change, where A and B are marginal segments and *a* and *b* are the Consonantal Strength values of A and B respectively, increases with the value of *a* minus *b*." That is to say, the more the consonantal strength of A exceeds that of B, the greater the syllable structure violation will be, and the more likely some remedial measures will be employed in order to improve syllable contact. Some of the measures used on these occasions are: epenthesis, metathesis, assimilation, gemination, resyllabication with vowel lengthening, and strengthening of glides.

In Natural Generative Phonology, the Syllable Structure Condition (SSC) is what accounts for epenthesis when violations of the syllable structure occur (Hooper, 1976:235). Therefore, there is no need for the application of a rule of epenthesis such as those proposed in Traditional Generative Phonology. In the case of the treatment of loan words in a given language, such as initial /s/ + C cluster words borrowed by Spanish, whether the vowel will be placed before or after the first consonant of the cluster is not predicted by the Syllable Structure Condition. Rather, the position of

the epenthetic vowel will usually be the one causing minimal change in the original form- before the /s/ in the following examples: *sport-* /es'pɔrt/, *spray-* /es'preɪ/, *status-* /es'tatus/ and *standard-* /es'tandar/. Once the syllable structure of the loan word has been adapted to that of the native language, the new item is then added to the lexicon of the native language.

As stated by Hooper (ibid 236), the vowel to be inserted can be predicted on the grounds of its features, i.e., "The epenthetic vowel must always be the minimal vowel or a vowel whose features are copied from a nearby segment". In both English and Portuguese a minimal vowel is used in epenthesis, as opposed to tone languages and vowel harmony languages which employ a vowel whose features are similar to those of a neighbouring segment. Hooper (ibid:238) proposes a universal rule to explain the quality of the minimal or weak vowel inserted. In order for this rule to operate a strength scale of vowels, which may vary from language to language, is needed. The rule is as follows: an unspecified vowel becomes a minimal or weak vowel.



By relating the Syllable Structure Condition to the strength scale of vowels and to the rule described above, Hooper (ibid) believes that the epenthetic vowel can be

generated in new loan words, without the need of specific rules. The addition of an epenthetic vowel to a loan word, which in this case begins with the cluster /s /+ C, is motivated by the syllable structure of the language and by its phonotactic constraints, which in turn means that there are principles within the language which govern such insertions.

When violations of Hooper's condition occur, second language learners often employ epenthesis in order to make the syllable structure of the target language (TL) conform to the universal CV syllable structure, especially if the native language (NL) conforms to this structure. According to Weinberger (1994:287), epenthesis is a common strategy employed by adult L2 learners in order to simplify the syllable structure of the target language. This strategy differs from that used by young L1 learners who adopt consonant deletion instead. When epenthesis is used, the underlying form tends to be preserved, making it possible for the listener to recover the underlying form. Thus, Weinberger claims that the use of epenthesis by adult L2 learners shows that a subset of universal grammar which includes the recoverability principle, is still available in second language acquisition. Epenthesis is said to be employed by these learners because their level of phonetic accuracy is low at a stage when they can still access the recoverability principle. In the case of young L1 learners, the epenthesis stage is passed over since by the time the recoverability principle becomes available to them, they already possess the phonotactic ability to handle complex syllable structures (1994 :294).

Returning to the issue of Hooper's Syllable Structure Condition principle, it is crucial to mention that violations of it do occur in the underlying phonological structure of Brazilian Portuguese. Whenever they appear, however, some strategies are employed in order to improve syllable contact. For instance, an epenthetic vowel /i/ is inserted in words in which A is greater than or equal to B - *obtusio*. In this example, the strength of *b* is very similar to that of *t* - value 7 on the strength scale proposed for Portuguese by Baptista (1987:9). According to Istre (1983:193), the mid vowel [e] is also used as an epenthetic vowel in some dialects of Brazilian Portuguese in order to break consonant clusters which initiate with an obstruent. To illustrate this phenomenon, Istre (ibid:193) mentions the word *advogado* and the two possible pronunciations which are [adivo'gadu] and [adevo'gadu], and proposes the following general rule of epenthesis, using Transformation Generative (TG) notation :

$$\left[ \emptyset \right] \rightarrow \left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ -\text{recuado} \\ -\text{baixo} \end{array} \right] \left[ \text{sic} \right]^3 / \left[ \begin{array}{c} \text{C} \\ -\text{contínuo} \end{array} \right] \dashrightarrow \left[ \begin{array}{c} +\text{consonantal} \\ \text{vocálico} \end{array} \right]$$

<sup>3</sup> The slanted line meaning "in the environment of" was omitted in the book.

An epenthetic vowel is also used at word boundaries in order to cause syllable-final obstruents to become syllable-initial, such as in the loan word *bike* [ˈbaiki].

In some instances, even when A is weaker than B, some lenition processes will occur in Brazilian Portuguese in order to make A still weaker in relation to B. This is the case of the final /r/, which is realised as a flap as opposed to a trill in dialects where initial /r/ is realised as a trill, and frequently elided in dialects in which it would otherwise be realised as the fricative [x], as discussed by Baptista (ibid:11). The fact that sonorants become more vowel-like in syllable-final position also makes it easier for Brazilian Portuguese to conform to the Syllable Contact Law. Two illustrations of this phenomenon are the production of final /l/ as the glide /w/, and the weakening or deletion of final nasals as the previous vowel takes on the [+nasal] feature.

Not only are the sequences of segments allowed in Portuguese different from those allowed in English, but also the strength values of the segments are not the same. Both factors associated with the syllable structure permitted in each of the languages under discussion makes the acquisition of the target language syllable structure a challenging task for Brazilian learners. The syllable structure of both languages is the topic to be discussed next.



## 2.2- The English Syllable

The syllable structure of the English language can be described in the following simplified formula as proposed by Prator and Robinett (1985:174):

$$(C)(C)(C)V(C)(C)(C)(C)$$

On a phonological level the syllable in English must always contain a vowel which forms its nucleus. This is an obligatory element in the syllable, as it is in the syllable structure of any of the languages of the world. The other elements are optional. That is to say, the onset of the syllable can consist of zero to three non-syllabic elements while the coda can be formed by zero to four non-syllabic elements. This, as we shall see later when the notion of markedness proposed by Eckman (1987) is presented, will determine that final clusters in English are more marked than initial ones, because the universal preferred syllable structure allows up to four non-syllabic elements in initial position but only three non-syllabic elements in final position<sup>4</sup>.

The way in which non-syllabic elements cluster within a syllable is determined by phonotactic constraints, i.e., there are limitations regarding what sequences of consonants may or may not occur within the onset and the coda in a particular language.

Wolfram and Johnson (1992), in their TG description of the phonology of English, establish some conditions regarding the syllable structure of the English

---

<sup>4</sup> When the above authors refer to initial and final clusters, they mean to say word-initial and word-final, although this is also the limit for the syllable.

language, as well as the phonotactic constraints related to it. They make use of feature specifications in order to state the sequences permitted in the language. The first condition proposed by them regards the syllable structure of initial clusters.

Condition 1- (ibid:80).

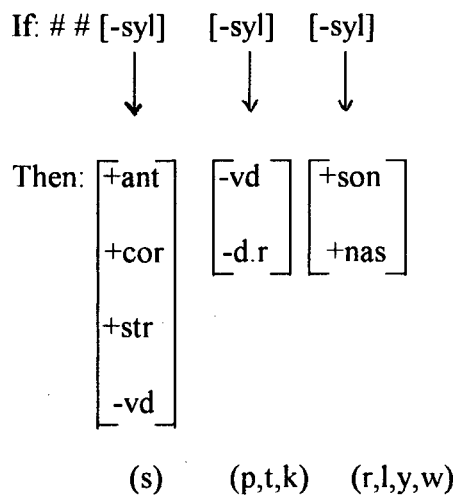
1) + # # ([-syl]) ([-syl]) ([-syl]) [+syl]

Condition 1 as stated above means that combinations of the following kinds will be accepted initially: # # CCCV, # # CCV, # # CV, or # # V. Although Wolfram and Johnson are referring here to word-initial clusters, as indicated by the double boundary symbol # #, the same condition applies to syllable-initial clusters in general, as we saw in Prator and Robinett above. Since Wolfram and Johnson do not pretend to give an exhaustive analysis of the phonological structure of English, they do not include conditions on final clusters. Based on Prator and Robinett and using Wolfram and Johnson's notation, however, a condition for final clusters could also be stated in the following manner:

Final clusters- [+syl] ([-syl]) ([-syl]) ([-syl]) ([-syl]) # # +

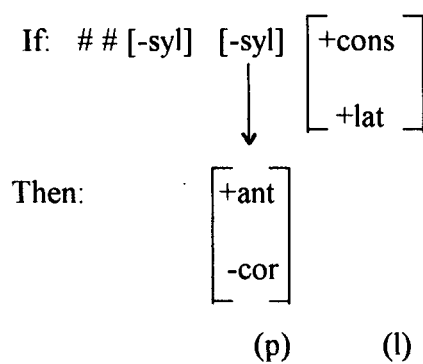
Wolfram and Johnson's condition 2 pertains only to initial three consonant clusters. It is expressed as an if-then condition, which means that a preliminary condition must be met in order for a second one to apply. The second one indicates which consonants are allowed in each position of a three-consonant cluster.

## Condition 2- (ibid:81)



Condition three is related to consonant clusters of three segments which end in the liquid /l/.

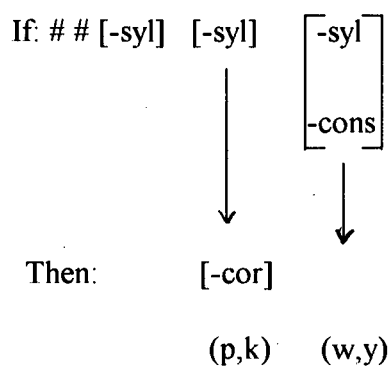
## Condition 3- (ibid:81)



This condition states that the second segment must be /p/ when the final one is /l/. In relation to the liquid /r/, which is not included in this condition, it could be preceded by any of the voiceless stops in the second position.

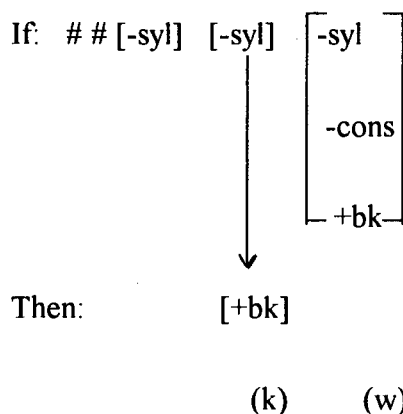
Condition four deals with glides as the third segment in three-consonant clusters.

Condition 4- (ibid:81)



Condition four states that whenever there is a glide in the third position, the second segment must be a /p/ or /k/. The glide /y/ can be preceded by either /p/ or /k/, but the glide /w/ cannot. It is a restrictive case. Condition five expresses this restriction.

Condition 5- (ibid:82)



Acceptable English sequences should be allowed by the conditions mentioned above. These conditions eliminate all non-permissible initial three-consonant clusters in the English language and reflect the knowledge of native speakers of English.

In their discussion of two-consonant initial clusters, Wolfram and Johnson (ibid:83) did not formalise the conditions to be applied. The sequences of segments to be permitted in each of the positions will therefore, be discussed here in a different fashion.

When the second segment in a two-consonant cluster is anything apart from /r/ and /l/, then the first one must be /s/. Here are some examples of these clusters: /sp/, /st/, /sk/, /sm/ and /sn/.

The segment /r/ can be preceded by /p, b, t, d, k, g, ʃ, θ, f/ whereas /l/ can be preceded by /p, b, k, g, f, s/.

The discussion of final consonants in English will be based on Kreidler (1989:122-23) and it will not be in the form of conditions established in order to describe the constraints of these clusters.

The English language allows open and closed syllables. An open syllable does not contain a coda ; it ends with a vowel. A closed syllable, on the other hand, has at least one consonantal phoneme as part of the coda. Directing our discussion toward closed syllables, it can be stated that the English language allows up to four consonantal phonemes in syllable final position. All possible patterns for syllable-final position will be described below:

- Syllables ending in a single consonant

- a) any consonantal segment but /h/.

- Syllables ending in two consonants

- a) rC clusters- where C can be /p, b, d, y, k, g, f, v, s, m, n, l, θ, ʃ, dʒ/;

- b) lC clusters- where C can be /p, b, t, d, tʃ, dʒ, k, f, v, s, m, n, θ, ʃ/;

- c) NC clusters (nasal+consonant)- /mp, nt, nd, nf, ndʒ, nk, mf, nθ, ns/;

- d) FS clusters (fricative+stop)- /sp, st, sk/;

- e) SF clusters (stop+fricative)- /ps, ts, ks, dz/ ;

- f) SS clusters (stop+stop)- /pt, ct/.

A scale of sonority has been established by Kreidler (1989:124) based upon the sequences described above.

vowel r l nasal obstruent #

Kreidler claims that either of the liquids could come before a nasal and that liquids and nasals occur before obstruents in syllable-final position. He goes on to state that the four consonants represented in the sonority scale above cannot occur together due to constraints on clusters of more than three consonants. Clusters of four consonants will be discussed later based on Bowen (1978). Below is the structure of final clusters of three consonants in English as proposed by Kreidler (1989:125).

- Syllables ending in 3 consonants

- a) Three obstruents (stop+fricative+stop)- /kst, dst/;
- b) Nasal + two obstruents- NSS: /mpt, nkt/, NSF: /mps, nks/, NFS: /nst, ŋst/
- c) Liquid+stop+fricative (LSF)- /rps, rts/;
- d) Two liquids+stop (LLS)- /rld/.

According to Bowen (1978:150), instances of four-consonant clusters also occur in the English language. They always consist of at least one suffix and may occasionally contain two, which is possibly the reason they are not considered by

Kriedler. He also states that the three-member cluster can either be an inherent cluster or it can be the result of an intrusive stop. Below are the possible sequences of segments of four-member final clusters and the examples of words as proposed by Bowen (ibid):

Cluster	Examples
1a. ks-th-s	sixths
b. kst-s	texts
c. rst-s	bursts, thirsts, firsts
2a. rm[p]-th	warmth
b. m[p]-th	tempts, prompts
c. m[p]f-s	nymphs, lymphs
d. m[p]f-t	triumphed
e. m[p]s-t	glimpsed
f. n[t]-th-s	thousandths, ninths, tenths, months
g. n[t]s-t	danced, pranced, fenced, chanced
h. ng[k]-th-s	lengths, strengths
i. ng[k]-st	amongst
j. l[t] s-t	waltzed, pulsed
k. l[t]-th-s	wealths, twelfths



### 2.3- The Portuguese Syllable

The description of the Portuguese syllable structure will be given within the natural generative phonological framework, which takes into consideration the strength of the elements which comprise a syllable. Baptista (1987:7) described the Portuguese syllable based on previous work done by Hooper (1976) on the universal preferred syllable structure and on Spanish syllable structure. Below is her representation of the syllable structure for the Portuguese language.

$$\$CmCnVCpCq\$$$

m1 = /p, t, k, b, d, g, f, v/ = initial, may be followed by Cn

m2 = /s, ʃ, z, ʒ, m, n, ñ, l, ʎ, r, ʀ/ = initial, may not be followed by Cn

n = /r, l, w/ = may follow Cm1 /w/ follows only /k/ and /g/)

p = /y, w/ = may follow V; may be followed by Cq1 (as in Spanish, /r/ occasionally occurs in this position)

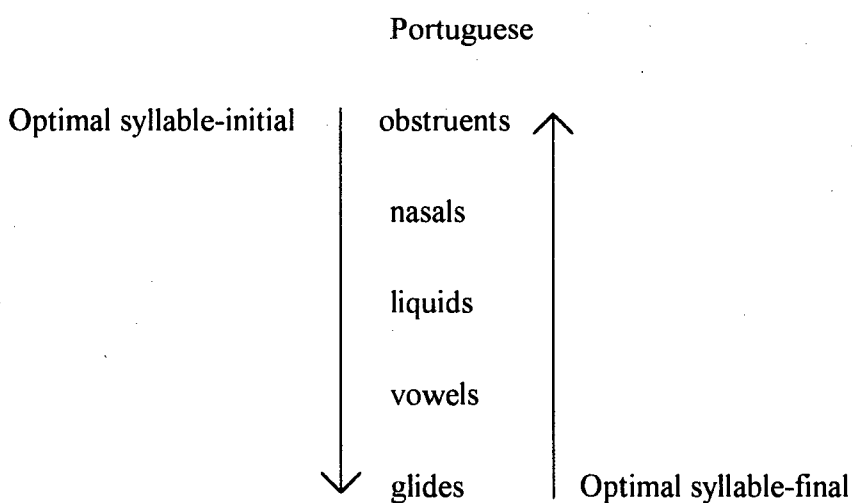
q1 = /s/ = may follow V and/or Cp

q2 = /s, m, n, l, r, or ʀ/ = may follow V (/m/, /n/, and /l/ are doubtful in this position)

Based upon the representation of the syllable structure given above, it can be seen that the sequences in which segments can occur in the Portuguese language is

strictly determined by language-specific phonotactic constraints. There are restrictions concerning initial clusters as well as final clusters. These restrictions are part of what makes Portuguese different from English, for example.

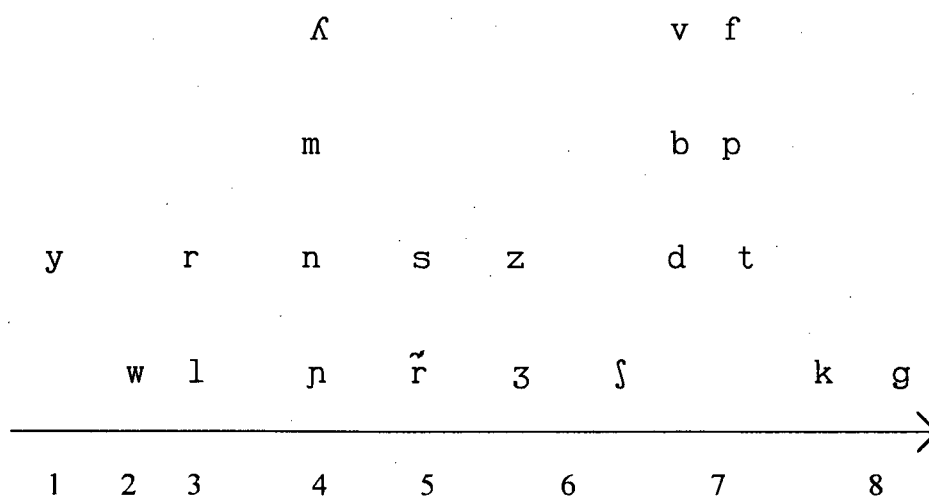
Below is a hierarchy by natural classes for the Portuguese language also proposed by Baptista (ibid:8).



This hierarchy establishes that the optimal syllable-initial segments for the Portuguese language are obstruents in the first place, followed by nasals, liquids, and finally vowels, which are the least preferred segments to begin a Portuguese syllable. Baptista (ibid) first proposed the above positions for vowels and glides in the hierarchy due to the fact that Portuguese, as opposed to Spanish, does not generally accept on-

glides (the sequences /kw, gw/ are considered exceptional), but concluded later (personal communication) that the proposed order was problematic for Optimal Syllable-Final, because it would imply that the glide occupied the nucleus position rather than the vowel. The orders for Optimal Syllable-Initial and Optimal Syllable-Final would therefore have to be different in Portuguese. Connecting this hierarchy of classes to the universal preferred syllable structure CV, we can state that the Portuguese language has a tendency to adhere to universal principles of syllable structure. That is to say, open syllables tend to predominate over closed syllables.

A strength scale for the Portuguese language has also been developed by Baptista (ibid:9) based upon Hooper's work.



$$\$CmCnVCpCq\$$$

$$2 \leq n \leq 3 \quad *If n < 3, then m > 7$$

$$m > n \quad p \leq 2$$

$$If n, then m \geq 7 \quad q > p$$

$$q \leq 5$$

In this scale, the value of each segment is given in terms of strength. Also, the possible sequences in which these segments of different strength values can occur within the syllable is established by a hierarchy.

In the representation of the Portuguese syllable structure above, it can be seen that its nucleus is always occupied by a vowel. The remaining parts of the syllable, i.e., the onset and the coda, are optionally occupied by limited sets of segments which are allowed to occur in these positions. Camara (1970:42) points out that the only consonantal segments found in the syllable coda are the archiphonemes /S/ and /N/, and the liquids /l/ and /r/, corresponding to  $q \leq$  in Baptista's scale above.

Even these, however, are marginal and thus weakened by most Portuguese speakers. The liquid /l/ in final position in the syllable becomes more vowel-like. The fricatives /s, z, ʃ, ʒ/ neutralise and are represented by the archiphoneme /S/. Vowels become nasalized before nasal consonants in final position and the nasals are usually deleted. Final /r/ is also often deleted. When one of these four elements which may

constitute the coda of the Portuguese language is followed by any consonantal segment except /s/, it establishes the end of the syllable.

The syllable structure of Portuguese complies more closely with that of the universal preferred syllable structure than the English syllable structure. In Portuguese only two consonantal segments are allowed in syllable-initial position while in English three consonantal segments are allowed. In relation to syllable-final position, again we have two elements permitted in this position in Portuguese in opposition to four elements in the English Language. Besides the reduced number of elements in syllable-final position in Portuguese, the ones which may occupy this position either become more vowel-like (nasals and the liquid /l/) or are often deleted (/r/ and /s/ in some contexts of certain dialects). All these factors make the Portuguese syllable structure closer to that of the optimal CV syllable, and thus less marked than its English counterpart.

#### **2.4- Markedness Differential Hypothesis (MDH) and Structural Conformity Hypothesis (SCH)**

Many studies in the area of second language acquisition have made their predictions concerning the areas of difficulty second language learners would have, based upon the Contrastive Analysis Hypothesis (CAH) proposed by Lado (1957). The CAH simply suggests that by comparing both the first language and the target language the errors learners will make can be predicted. That is to say, the areas in

which the languages differ would be areas of difficulty. A comparison of descriptions of the target language and the native language per se has not always been successful in determining these areas of difficulty, though. Consequently, certain principles of the universal grammar (UG) have been suggested to be incorporated into the CA in order to make it possible to predict the directionality of difficulty. Eckman (1987a), the proponent of the Markedness Differential Hypothesis (MDH), claims that the CAH by itself is unable to predict the areas of difficulty or the relative degree of difficulty. He, therefore, suggests that a universal notion of “relative degree of difficulty” be incorporated into the CAH. This notion, as stated by Eckman (ibid:60) “...must be valid on the grounds which are independent of the facts surrounding second language acquisition.” This notion of “relative degree of difficulty” is based on “typological markedness”, which he defines as follows (ibid:60):

“A phenomenon A in some language is more marked than B if the presence of A in a language implies the presence of B; but the presence of B does *not* imply the presence of A.”

The notion of markedness can be applied not only to phonology but also to syntax. One example from phonology would be the voiced and voiceless obstruent phonemes. Voiced obstruents are said to be more marked than their voiceless counterparts, since the presence of voiced obstruents implies the presence of voiceless obstruents.

To apply the Markedness Differential Hypothesis, the grammars of both the native language and the target language are systematically compared with the

markedness relations stated in UG. Based on this comparison, the following predictions can be made, according to Eckman (ibid:61):

(a) Those areas of the target language which differ from the native language and are more marked than the native language will be areas of difficulty.

(b) The relative degree of difficulty of the areas of the target language which are more marked than the native language will correspond to the relative degree of markedness.

(c) Those areas of the target language which are different from the native language, but are not more marked than the native language will not be difficult.

Eckman mentions as an example of the application of the MDH the facts regarding English and German final obstruents. In order to predict if German learners of English would have more difficulties in producing final voiced obstruents than English learners of German would have in suppressing this contrast in final position, since both voiced and voiceless obstruents are allowed in final position in English, the notion of markedness as proposed by the MDH can be applied. The contrast of voiced and voiceless obstruents in final position is more marked than in medial or initial position. Thus, since Germans do not contrast these sounds in the most marked position, they have difficulty in acquiring this contrast in English, while English speakers do not normally have difficulty suppressing the contrast when acquiring German.

All in all, Eckman (ibid) believes that the comparison of the native language and the target language is important for the prediction of errors to be made by second

language learners, but has incorporated markedness into the CAH in order to make it more effective in the prediction of the direction and relative degree of difficulty.

In order to complement the MDH, Eckman, Moravicsik, & Wirth (1989, in Eckman 1991 :24) developed The Interlanguage Structural Conformity Hypothesis which was defined as follows : “The universal generalisations that hold for the primary languages also hold for the interlanguages.” The two justifications for this hypothesis is that Interlanguages are languages and that universal generalisations hold for both primary and non-primary languages. This hypothesis differs from the MDH in the sense that it is more easily falsified, since there are facts that falsify the SCH but not the MDH, and facts that falsify the MDH also falsify the SCH. In the SCH, predictions are based only upon implicational universals whereas in the MDH, they are based upon implicational universals and differences between the NL and the TL (ibid :33).

Eckman (1991) tested The Interlanguage Structural Conformity Hypothesis against two implicational universals concerning initial and final consonant clusters formulated by Greenberg (1978, in Eckman 1991 :24) :

a. “Fricative-Stop Principle: If a language has at least one final consonant sequence consisting of stop + stop, it also has at least one final sequence consisting of fricative + stop.

b. “Resolvability Principle: If a language has a consonantal sequence of length  $m$  in either initial or final position , it also has at least one continuous sub-sequence of length  $m - 1$  in this same position.”



A strong version of the Resolvability Principle predicts that a language that has a tri-literal consonant cluster should also have both of its bi-literal sub-sequences. That would be the case of /spɫ/ cluster and the bi-literal subsequences /sp/ and /pɫ/. The weak version, on the other hand, predicts that a language that has a tri-literal consonant cluster should have at least one of its bi-literal subsequences, but not necessarily both. In this case, a language with /spɫ/ cluster should contain either /sp/ or /pɫ/, but not necessarily both of them.

No such distinction between weak and strong version was proposed for the Fricative-Stop Principle in Eckman's (1991 :30). This principle was simply confirmed or not.

In order to perform the testing of the hypothesis, data from the interlanguage of Korean, Japanese and Chinese (Cantonese) learners of English were gathered. These data included initial and final consonant clusters related to both the Fricative-Stop Principle and the Resolvability Principle. Results showed that only a very few number of the tests of the generalisations were counter to the universals. The majority of them supported both universals under study. Thus, Eckman (ibid) concluded that the results substantiated the Interlanguage SCH, since the generalisations made in the principles above also held for the interlanguages tested. This in turn meant that universals that hold for primary languages possibly hold for non-primary languages as well.

## **2.5- SLA Phonological Studies on the Syllable and Others**

A great deal of research has been done in the field of phonological acquisition regarding the syllable. These studies generally investigate patterns of behaviour of EFL learners in the production of initial and final clusters in English, and the extent to which native language transfer of rules and language universals affect learners' oral performance. Most studies to be mentioned in this section treat the issue of syllable structure in relation to the learner's preference of a CV syllable structure or a CVC syllable structure. They are, therefore, studies which completely neglect other linguistic aspects which are of extreme importance when analysing the syllable structure of any language. This trend of research, however, has not yielded conclusive results because a preference for different structures has been demonstrated in different studies (see 2.1). This restricted view of the syllable has been expanded in very few studies conducted in the field over the past fifteen years. These studies, discussed in 2.5.2, take into consideration aspects of the syllable, strength relations within and across syllables, which have demonstrated to influence the oral performance of EFL learners.

### **2.5.1- Studies focusing on the learners' preference for a CV syllable structure or a CVC.**

One study which focus upon the learner's preference for a CV or CVC syllable structure is that of Broselow (1987a), who examined the production of initial clusters by Iraqi and Egyptian learners of English. The focus of her study was to check how the epenthetic vowel would be employed by these two groups in order to make the syllable structure of English conform with that of both dialects of Arabic. Egyptians and Iraqis approached initial clusters of two segments in different ways. While Egyptians would insert the epenthetic vowel between the first and the second consonant in the cluster, the Iraqis would insert it before the cluster itself. However, in two-consonant clusters initiating with /s/ plus a stop, Egyptians changed their pattern of error and placed the epenthetic vowel before the cluster itself. On the other hand, in clusters of /s/ plus any consonant other than a stop, such as /sɪ/ and /sw/, their pattern of error was to place the epenthetic vowel between the first and the second segment in the cluster. In clusters of three elements, i.e., /s/ plus stop plus another consonant, the epenthetic vowel also occurred before the cluster. Broselow explains the exceptionality of the production of /s/ + stop clusters by Egyptian learners as being related to the fact that these clusters are also exceptional in the English language, due to the fact that they violate the sonority hierarchy within the syllable. Selkirk (1984) claims that the behaviour of Egyptian learners toward /s/ plus

obstruent clusters could be explained on the grounds that these segments, /s/ plus obstruents, can function as single consonants. Hence, Egyptian learners would hesitate to break them up. Broselow concluded from her findings that some of the errors committed by both groups of learners could be attributed to the use of a phonological rule of the first language in the production of second language forms, which in turn means that language transfer played a significant role in the production of the initial clusters by Iraqi and Egyptian learners. Errors related to clusters which violate the sonority hierarchy within the syllable, such as /s/ plus stop clusters, could not be attributed to language transfer, but rather to universal principles.

In a very similar study Broselow (1993) investigated the production of English initial clusters by Iraqi and Egyptian learners, and observed that their pattern of behaviour in regard to these structures varied. The systematicity of certain errors led her to believe that learners did transfer NL phonological rule into the second language. Even when the NL and the TL differed in some respects, some aspects of the NL predicted the sort of error these learners committed. There was only one type of error detected which could not be attributed to NL transfer, that related to the principle of sonority within the syllable. This fact was observed since the Egyptian learners treated the marked clusters s + stop different from the unmarked obstruent-sonorant. The same treatment of these exceptional clusters was found in the in the production of loan words by Hindi, Bengali, Central Pahari, and Sinhalese speakers (ibid :82).

Broselow (1987b) also investigated the perception and production of American learners of Egyptian Arabic in relation to word juncture. The way in which cross-

word linkage of syllables is allowed differs in these two languages. Consequently, the errors committed by these learners are said to be associated mainly with language transfer, since they tend to use the syllable structure of English when producing the target language forms. According to Broselow (ibid:275), the findings of this paper support the fact that transfer plays an important role in the acquisition of a second language phonological system, specially in regard to syllable structure restrictions. However, the fact that learners preferred a less marked syllable structure indicates also the importance of universal principles of markedness in second language acquisition.

Initial clusters have also been investigated by Karimi (1987), who observed the strategies employed by Farsi speakers in the production of these clusters in English. Difficulties handling initial clusters were expect to occur since the syllable structure of Farsi differs from that of English. Farsi allows only one consonant before the vowel while English allows up to three. The epenthetic vowel was the strategy used by all speakers before initial clusters in order to overcome syllable structure differences. In relation to the /s/ clusters, Farsi speakers inserted a vowel before both /s/ plus stop and /s/ plus nasal clusters, regardless of the differences in terms of violation of the sonority hierarchy within the syllable. Therefore, their pattern of error differed from that of the Egyptian speakers mentioned by Broselow (1987a), who treated these clusters in different ways. Karimi concluded that neither the use of the epenthetic vowel nor the speakers' treatment of initial /s/ cluster could be traced to their native language. Yet the fact that all speakers employed the same strategy in handling initial cluster and different strategies in handling /s/ clusters, was an indication of the

necessity of a better understanding of the syllable structure of Farsi and interlanguage as well as of the exceptionality of /s/ clusters, in order to analyse the results from a different perspective.

Tarone (1987a) analysed the syllable structure of the interlanguage of speakers of Brazilian Portuguese, Cantonese and Korean. The main purpose of her work was to compare how interlanguage syllable structure differs from that of the target language and also to determine the processes involved in the elaboration of interlanguage syllable structure. The processes expected to occur were language transfer, reactivated first language acquisition processes and different universal processes. Each of these would suggest a different behaviour on the part of the learner towards the syllable structure of the target language. That is to say, language transfer would be connected to the use of first language syllable structure in target language forms. Reactivated first language processes would mean the use of common first language acquisition processes, such as deletion, in the shaping of the syllable structure. And finally, universal processes would mean that the interlanguage syllable structure would be influenced by the universal preference for the open CV syllable. The results yielded by this study indicate that language transfer was perhaps the most dominant process affecting the syllable structure of interlanguage phonology. Epenthesis and deletion were employed by the learners as a way to simplify syllable structure. The choice of the strategy used by the learners seemed to be directly related to their first language. Brazilians, for instance, applied epenthesis instead of deletion. Another interesting factor observed by Tarone was the preference learners showed for the CV open syllable in shaping the interlanguage syllable structure. All

these factors contributed to the differences detected between the syllable structure of the interlanguage and that of the target language.

Anderson (1987a) also conducted a study on the syllable. The Markedness Differential Hypothesis was applied in order to predict the relative frequency of errors of learners of two dialects of Chinese (Amoy and Mandarin) and of colloquial Egyptian Arabic in their production of English. The predictions made by the MDH were in terms of the length of the clusters and their positions within the syllable, since these languages differ from English in both respects. Neither of the Chinese dialects allows clusters in initial or final positions. In addition to that, there are restrictions concerning what consonants may occur in final position. Colloquial Egyptian Arabic, on the other hand, allows clusters only in final position. These clusters cannot consist of more than two consonants before a pause. Thus, for the Chinese groups final clusters are expected to be more difficult to learn since they are more marked than clusters in initial position. For the Arabic group no predictions can be made, since the language allows clusters only in marked position. The results of this study proved the MDH to be a good predictor of the performance of these learners in relation to syllabification, since the production of less marked shorter clusters was superior to that of more marked longer ones for both the Chinese and the Arabic group. Also, the Chinese group performed better on the unmarked initial clusters than they did on the marked final ones. Unmarked forms were well performed by both groups, regardless of the fact that they could be new to some of the learners. On the other hand, when forms were marked and new to some of the learners, the results differed.

Eckman (1987b) attempted to elucidate issues regarding interlanguage phonological rules, such as the constraints and limitations that govern these rules, their relationship with the TL and the NL phonological structures, and also the simplicity of interlanguages in relation to a certain TL. Word-final consonant cluster reductions produced by Japanese, Korean, and Cantonese learners of English served as the basis for the analysis of the interlanguage phonological rules. A certain systematicity was detected in the shortening of clusters these learners produced. For instance, when a tri-literal consonant clusters was reduced, it resulted in a less marked bi-literal form, i.e., in a fricative-stop or stop-fricative cluster instead of a stop-stop or fricative-fricative cluster. Bi-literal clusters, on the other hand, had equally either their first or second segment eliminated. Thus, the reduction of both types of clusters (tri-literal and bi-literal) showed that more marked forms were reduced to less marked ones. Based upon these facts, it can be said that the shortening of the clusters by these learners served as a means to approximate the phonetic representations of the IL to those of the NL. Concerning the simplicity of ILs in relation to a given TL, Eckman concluded that the forms found in the IL of these learners were relatively less marked than the TL forms. Regarding the constraints and limitations that govern ILs, results show that violations of universal principles on final bi-literal clusters occur only when such clusters are not the result of the shortening of a tri-literal cluster.

One interesting similarity between L1 and L2 acquisition is that of the application of universal principles. To illustrate this fact, Major (1987:215) mentions Donegan and Stampe's (1979) principles which govern fortition processes, such as epenthesis. Their first principle is that fortitions precede lenitions. Major exemplifies



this principle by showing the behaviour of L1 learners in relation to /sC/ clusters. He states that a child often deletes the initial /s/ as in the word *spoon* - /spun/ -- [pūn] or insert a vowel [əspūn] or [səpūn] but never inserts a vowel after deletion (a lenition process) has occurred - /spun/ → [pūn] → \*[əpūn]. Their second principle regarding fortitions is that they never occur twice on the same segment. Major (ibid:216) gives some examples of children learning English as their first language and Brazilians learning English as their second language concerning the production of /sC/ clusters. Children would produce [səpun] or [əspun] but perhaps never \*[əsəpun]. Also, Brazilian learners would produce [ispun] or [əspun] but rarely if ever \*[isipun] or \*[əsəpun]. The oral production of both groups of learners (L1 and L2) demonstrates one phenomenon of language speech, vowel epenthesis, that could be considered either a developmental or an interference process within Major's theory. According to his findings, interference processes predominate at the early stages of L2 acquisition at the expense of developmental processes, which appear at later stages. In L1 acquisition, on the other hand, only developmental processes are to be found.

The acquisition of second language syllable structure was also investigated by Ross (1994) who analysed two phenomena present in the interlanguage of Japanese EFL learners of English. The first phenomenon was the preference learners showed for open syllables as demonstrated in the use of paragogic epenthesis. The second was the developmental process of apocoptation of final segments in first language words.

Ross (ibid: 3) observed that learners applied the process of epenthesis, paragoge, in order to make the target language word conform with the syllable structure of Japanese. This meant transfer of syllable structure constraints of the first language to the second language. The process of apocopation, on the other hand, appeared at a later stage in the interlanguage of these learners when they already had some fluency in the language and had acquired some of the stress rules of English. Thus, Ross (ibid) concluded that learners attempted to suppress open syllables in the second language due to the influence the acquisition of L2 stress rules exerted on syllable structure constraints. The appearance of epenthesis (a transfer process) at the early stage of acquisition and of apocopation (a developmental process) at a later stage, supports Major's (1987) claim that interference processes predominate at early stages of acquisition at the expense of developmental processes which appear at later stages (Ross, ibid :5)

### **2.5.2- Studies focusing on strength relations within and across syllables**

Tropf (1987) analysed the production of single syllable final consonants and of initial and final consonant clusters in the interlanguage of 11 Spanish learners of German. The main focus of the study was to verify if L2 phonological acquisition is influenced by the sonority factor, specially considering the variability that may occur in the IL of learners. Not only was the difference in terms of the syllable structure of both languages observed, but also the relevance of sonority in the integration of co-occurrent variants. That is to say, there was an interest in verifying the connection of

the feature “sonority” with the fact that certain “free” variants occur more often and cannot be explained based upon the differences between the native language and target language. The results provided by this study demonstrated that the sonority factor influenced the choice for certain variants in the production of initial and final clusters and of syllable final consonants, regardless of the syllable structure condition of both the NL and the TL. For instance, in the production of syllable initial plosive-fricative clusters /pf/ and /ts/, learners showed a preference for fricatives to plosives. Whenever a plosive was realised a fricative was also produced. Trof (ibid:187) could not explain this phenomenon in relation to NL or TL influence. Further evidence in support of the sonority hierarchy as an explanation for the results was demonstrated in the production of the syllable initial cluster /tʃv/. Whenever a plosive variant occurred, two fricatives were also realised in the same cluster. And the realisation of a sibilant involved the realisation of a [v]. Trof (ibid) could not say whether the regularities presented were due to the sonority factor alone, or also to the fact that the clusters were in conformity with the canonical syllable structure of the TL. It can be said, though, that the facility learners have in acquiring a TL form is related to the degree of sonority of single consonants and of the components of consonant clusters in a given context. In this particular study Trof (ibid) did not control for environment, the sonority relations mentioned here are those within the syllable, i.e., within the given clusters.

One study which takes phonological environment into account is that of Carlisle (1991). He verified the performance of Spanish learners of English in relation

to the production of three-member initial clusters of the type /sC/, where C was a voiceless stop. His main objective was to check if the frequency of epenthesis of these learners was influenced by the environment which preceded the onsets. Results demonstrated that subjects used epenthesis more often after word-final consonants than word-final vowels. Thus, strength relations across syllables seem to have affected the oral production of these learners.

### **2.5.3- Studies focusing on the principles and parameters of UG**

Young-Scholten (1994) conducted a study in L2 acquisition to verify whether second language learners have access to the principles and parameters of UG (Universal Grammar). She commented on the results obtained by some studies (Broselow, 1987; Broselow and Finner, 1991) and the extent to which they supported the view that UG is directly accessible in L2 acquisition, that learners' ILs conform to its principles and also that parameters can be reset. The question posed by Young-Scholten (*ibid*:195) research was, then, why only a very limited number of L2 learners acquire the target language phonological system completely if the principles of UG are accessible and parameters can be reset.

One of the principles of sonority, the sonority sequencing generalisation, was discussed by Young-Scholten (*ibid*) in relation to the choice of placement of the

epenthetic vowel by Egyptian Arabic learners in Broselow's (1987) study. The fact that these learners were sensitive to the violations of the sonority hierarchy in some of the initial /sC/ clusters, showed that phonological principles of UG are still accessible to second language learners. The minimal sonority distance parameter was also discussed in relation to Broselow and Finner's (1991) study. In this case, learners reset this parameter at an intermediate stage in relation to the NL and the TL, i.e., the new parameter setting allowed more clusters than permitted in their first language but less than permitted in the second language. Young-Scholten (ibid:198) explained that lack of complete L2 phonological attainment is related to some learnability considerations which go beyond parameter resetting and access to the principles of UG.

Thus, the Subset Principle was examined in order to explain these differences in L2 phonological attainment. The basis for this explanation is related to the fact that when a learner must acquire the superset, a less restricted grammar, in the L2 and has the subset, a more restricted grammar, in the L1, s/he is at disadvantage. The opposite occurs when the subset has to be acquired in the L2 and the learner has the superset in the L1. In this case, the learner is at an advantage. In order to obtain more conclusive results, Young-Scholten claims that further research is necessary in the field involving EFL learners at the final stage of acquisition.

## Chapter 3- Method

### 3.1- Hypotheses

Universal principles, strength relations within the syllable and syllable contact are the key elements to be taken into consideration in this research in order to predict the behaviour of Brazilian EFL learners in relation to the production of initial /s/ clusters in English. The Markedness Differential Hypothesis (MDH) and the Structural Conformity Hypothesis (SCH) will be used as predictors of the difficulties learners are to be confronted with in terms of the length of initial clusters, and of strength relations both within and across syllables.

Anderson (1987a:283) claims that longer clusters are more marked than shorter clusters, therefore, more difficult to be acquired. This statement leads to the elaboration of the first hypothesis, i.e., that due to the effect of universal syllable structure, learners will have greater difficulty in producing initial three-segment clusters than two-segment ones.

Hooper (1976:206) proposes a universal strength hierarchy of segments by natural classes and establishes the positions each of these segments can occupy within the syllable, which in turn means that these elements relate to each other and are directly interwoven within the structure of the syllable. The second hypothesis, based on this aspect of the syllable, states that due to the effect of strength relations within the syllable, learners will have greater difficulty in producing initial /s/ clusters which

violate the sonority hierarchy principle within the syllable than those clusters which do not.

Hooper's (1976:220) principle of strength relations across syllables, which was further reformulated by Murray & Venneman (1983:520), will serve as the basis for the third hypothesis, which involves phonological context. This hypothesis states that due to the effect of strength relations across syllables, learners will have greater difficulty in producing initial /s/ clusters preceded by segments of greater or equal strength value than those preceded by segments of lesser strength value.

### **3.2- Subjects**

Six subjects from English extra-curricular courses at UFSC were selected to take part in this experiment. The levels of instruction chosen were 3, 6 and 9 respectively, and two subjects were selected from each of these levels. The reason for having selected subjects from three different levels was to verify whether their level of instruction influenced their performance. Only one out of these six subjects was a female, and their ages ranged from 19 to 31 years old. All of them were university students enrolled in different courses at UFSC. Their experience as EFL learners varied from 1 to 8 years of instruction at private institutions. None of these subjects had ever spent any time abroad. They were considered by their teacher to be average students within their groups in relation to the accuracy of their pronunciation, and none of them spoke any other language fluently apart from Portuguese.

The fact that only six subjects participated in this research is related to the large number of phonological contexts included in the corpus and also to the limited scope of this study, since it is a Master's thesis. A larger number of subjects would certainly make results more reliable, but the large number of examples per consonant found in the corpus somehow make up for the small number of subjects.

### 3.3- Material

Isolated sentences were chosen as opposed to free speech, a common procedure in phonological research, in order to ensure that all relevant phonological contexts were included in the corpus. The corpus consisted of a total of 312 sentences distributed as follows. Each of the seven two-segment /s/- clusters / sl, sw, sp, st, sk, sm, sn / and five three-segment /s/- clusters / spr, str, skr, spl, skw / was contextualized in 312 sentences, in each of which the cluster was preceded by a different phonological context including all of the 21 consonants /p, t, k, s, f, ʃ, θ, b, d, g, z, v, ʒ, ð, m, n, ŋ, ɹ, l, tʃ, dʒ/, two of the six vowels/diphthongs /i, u, ou, aɪ, aʊ, oɪ/ (varied at random) and silence (i.e., when the /s/-cluster was at the beginning of the sentence).

The establishment of different contexts was an essential feature of the corpus because of the objective of determining under which circumstances an epenthetic vowel was more likely to occur in the speech of these EFL learners. Final consonant clusters in the context words were avoided in order not to complicate the syllable



structure at the boundary of the words under investigation. Also, reduced vowels were avoided in the context since they would make it more difficult to tell whether epenthesis had occurred or not.

Since the pronunciation of one sentence may affect the pronunciation of the following, each subject was given a different sequence of sentences to be read. Thus, similar mistakes related to the sequence of sentences would be avoided amongst subjects. In addition to that, special attention was paid to alternating clusters of the same type and similar environments, so that they would not occur in a row. This was a way to keep subjects from perceiving the purpose of the study as well as to avoid the influence of one cluster or context on the following one.

### **3.4- Procedure**

A pilot test was conducted prior to the data collection itself in order to ensure that the procedures established were correct and efficient. Although no major alteration had to be made in the original set of procedures, this test helped the researcher be more certain that neither time nor subjects would be wasted due to its possible mishandling.

Subjects were recorded individually reading the 312 sentences, on a small Sony cassette recorder, in a quiet room of the Centro de Comunicacao at UFSC. The time spent for each recording varied from 30 to 50 minutes, depending solely on the subject. Subjects were first asked questions regarding personal information such as age, EFL experience as a learner, level of education, time spent abroad, and command

of any other language besides Portuguese. After this short interview, instructions were also given in Portuguese concerning how the test would work. Subjects were then informed that the test consisted of four sittings and that they would have to read aloud approximately 78 sentences in each of them. A two-minute interval was allocated between the sittings to give them a little rest. Subjects were asked to cover the sentences they had read in order not to get lost. They were not allowed to read the test beforehand, but they were made aware of the fact that many of the words in the text could be unknown to them in terms of meaning as well as pronunciation, but that for the purpose of the research it was not necessary to be acquainted with all of them. Subjects were also asked to make a pause between sentences and to repeat the entire sentence whenever they hesitated ; since only their last attempt would be considered.

### **3.5- Transcriptions**

In relation to the transcriptions, only the target word and the word supplying the context were transcribed. Because of the large amount of work involved in analysing the data, it was impossible to find another rater to make the data more valid. However, the researcher had been previously well trained in transcription and every sentence was listened to several times before making a decision as to whether epenthesis had occurred or not. An acoustic analysis was not necessary in this study, since what was taken into consideration was the perception of the listener. It would be necessary in studies focusing on detecting epenthesis not perceived by the listener.

The lack of fluency in the subjects' speech and the change in the vowel quality, facilitated the perception of the epenthetic vowel, specially when the vowel /i/ occurred in the position of environment.

## Chapter 4- Results and Discussion

This chapter is comprised of the results and discussion concerning hypotheses 1, 2 and 3. The analysis of the results obtained for these hypotheses did not take into consideration the /sw/ cluster, since none of the subjects inserted a vowel before this structure, although some subjects substituted the high vowel /ɪ/ for the glide /w/, causing, for example, the bisyllabic English word *sweater* /swɛ.təɪ/ to be pronounced with three syllables: /su.ɛ.təɪ/. By excluding /sw/ from the analysis, the variable transfer was not confounded with the variable cluster length. Of all clusters investigated in this study, /sw/ is the only one that also occurs in Portuguese; The only difference is that its second element can be either the glide /w/ or the vowel /ɪ/, depending on the dialect spoken. For instance, the name *Sueli* may be pronounced either as /su.ɛ.li/ or as /swe.li/.

### 4.1- Epenthesis by class level

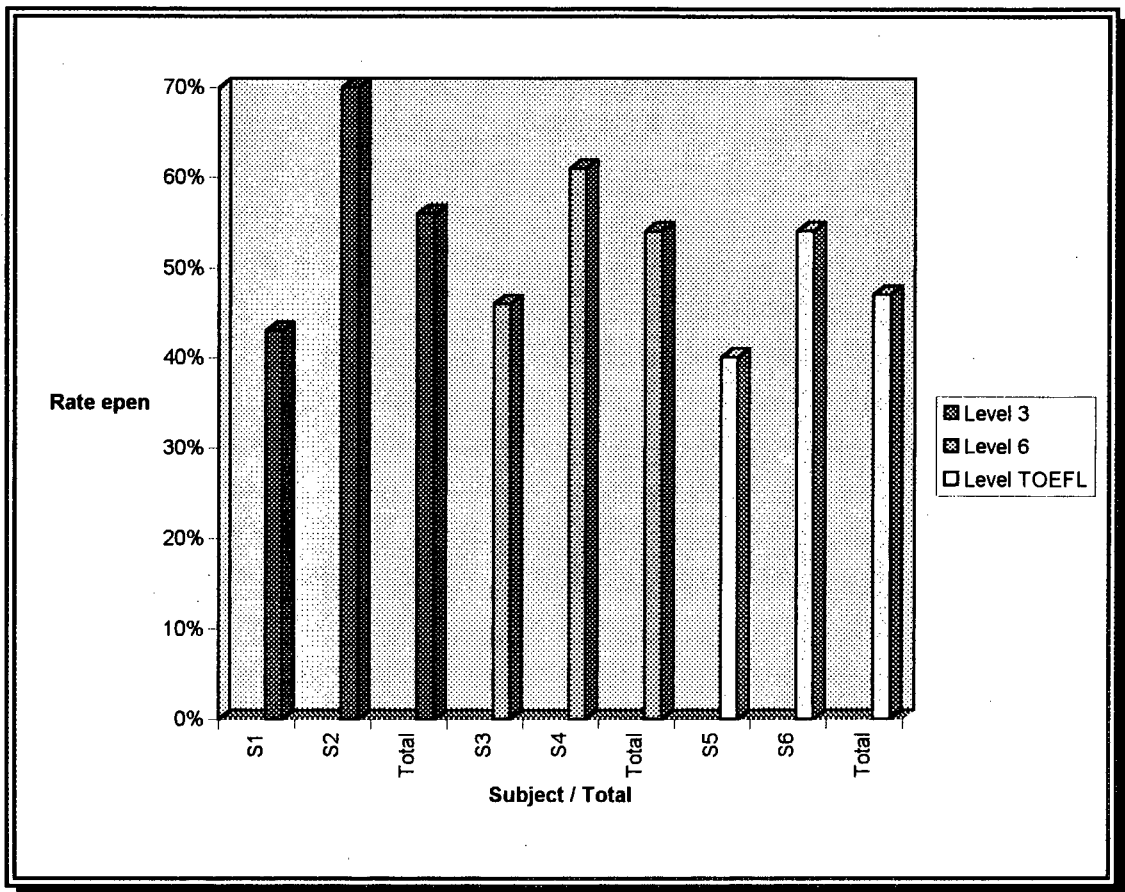
Three levels of instruction (3, 6 and TOEFL) were dealt with in this research. Table 1 and Figure 1 show that for each of the levels there is a low and a high rate of epenthesis. The lowest rate, 40%, comes from level TOEFL (subject 5), followed by

43% from level 3 (subject 1), then by 46% from level 6 (subject 3), 54% from level TOEFL (subject 6), 61% from level 6 (subject 4), and finally by 70% from level 3 (subject 2). The results of both subjects within each level collapsed together show that there was very little difference amongst the total rates of epenthesis. Level 3 was only two percentage-points higher than level 6 and nine percentage-points higher than level TOEFL. Level 6 was only seven percentage-points higher than level TOEFL. The results indicate that the levels had no relation to the rates of epenthesis, since the difference amongst the total rates of epenthesis was rather small and probably not statistically significant. Thus, no claim can be made in this study concerning the influence of level of instruction on the production of English initial /s/-clusters.

**Table 1 : Rate of epenthesis by level**

	Level 3			Level 6			Level TOEFL		
	S1	S2	Total	S3	S4	Total	S5	S6	Total
<b>N° prod's</b>	312	307	619	310	309	619	312	307	292
<b>N° epen</b>	133	216	349	143	190	333	125	167	292
<b>Rate epen</b>	43%	70%	56%	46%	61%	54%	40%	54%	47%

**Figure 1 : Rate of epenthesis by level**



#### **4.2 Analysis of /sC/ clusters vs. /sCC/ clusters**

This section reports the results concerning the first hypothesis, which, based on Anderson (1987:283), states that because longer clusters are more marked than shorter ones, they will be more difficult to produce. Two types of analysis were carried out in order to compare the subjects' production of /sC/ clusters in opposition to /sCC/ ones.

First, the percentages of error committed in the production of these bi-literal and tri-literal consonant clusters were calculated in broad terms, i.e., without focusing on the elements which make up these structures. This analysis is reported in 4.2.1.

The second type of analysis consisted of a comparison of each two-segment cluster with the three-segment cluster composed of the same second element. Specifically, /sp/ clusters were analysed in relation to /spɪ/ and to /spl/ clusters, /st/ clusters in relation to /stɪ/ clusters, and /sk/ clusters in relation to /skw/ and /skɪ/ clusters. This procedure comparing pairs of clusters with the same second element, was important to eliminate the influence of other phonotactic variables. The results of this analysis are reported in 4.2.2.

Results in relation to the subjects' production of all /sC/ and /sCC/ clusters will be first displayed showing the different epenthesis rates obtained by each subject individually, and then summarised with all subjects together. Epenthesis rates are expressed in percentages, calculated by dividing the number of occurrences of epenthesis within each cluster type by the total number of sentences involving that particular type of cluster. Mispronunciations not involving vowel epenthesis, i.e., a small number of consonantal insertions not counted, since they did not serve to simplify syllable structure, but rather were probably caused simply by distraction or other non-linguistic factors.

#### 4.2.1. General analysis of clusters independent of components

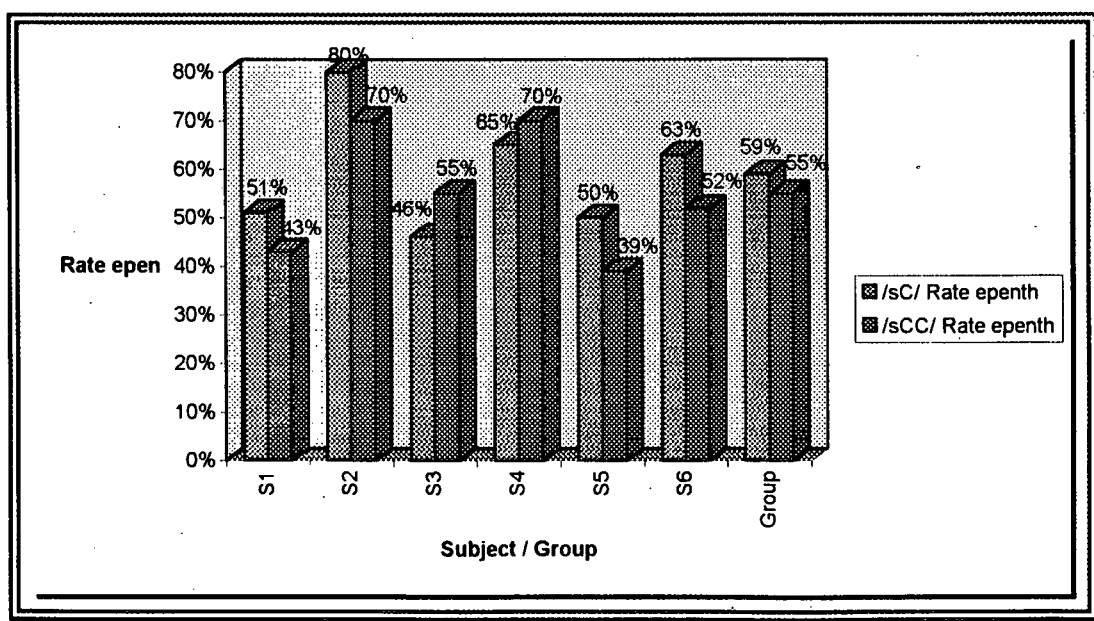
The results concerning the individual performance of the six subjects and of the group as a whole are displayed in Table 2 and Figure 2 below. Four subjects (1, 2, 5 and 6) produced more epenthesis with /sC/ clusters than with /sCC/ : subject 1 had epenthesis rates of 51% and 43% respectively, subject 2 rates of 80% and 70%, subject 5 rates of 50% and 39%, and subject 6, 63% and 52%. Subjects 3 and 4, on the other hand, produced less epenthesis with /sC/ clusters than with the /sCC/ clusters : their rates of epenthesis were 46% and 55% (subject 3) and 65% and 70% (subject 4). The group results in the bottom line also show a greater rate of epenthesis for the /sC/ clusters in opposition to /sCC/. Vowel epenthesis occurred in 55% of the sentences with /sCC/ clusters and 59% with the /sC/ clusters. In sum, contrary to the expectations of hypothesis 1, Table 2 and Figure 2 below show that there was very little difference between the total rate of epenthesis for /sCC/ clusters and the total rate for /sC/ clusters. The former actually being four percentage-points lower. In fact, only two of the six subjects had a higher rate of epenthesis for the tri-literals. Therefore, it cannot be said from these data that the tri-literal clusters caused more difficulty.



Table 2 : Rate of epenthesis by subject and by group

	<i>/sC/</i>			<i>/sCC/</i>		
	N° prod's	N° epen	Rate epen	N° prod's	N° epen	Rate epen
S1	156	79	51%	130	56	43%
S2	154	124	80%	128	90	70%
S3	155	71	46%	130	72	55%
S4	153	99	65%	130	91	70%
S5	155	77	50%	129	50	39%
S6	156	98	63%	130	68	52%
Group	929	548	59%	777	429	55%

Figure 2 : Rate of epenthesis by subject and by group



#### 4.2.2- Analysis of clusters, grouped by second component

A comparison of the second element of the cluster was paramount to this part of the analysis. It helped make the results more reliable, since intrinsic characteristics of these bi-literal and tri-literal clusters were taken into consideration. Results concerning rates of epenthesis are discussed by cluster type, first, in terms of individual subjects and, then summarised, in terms of the group.

##### 4.2.2.1 Cluster /sp/ vs. cluster /spC/

Table 3 and Figure 3 below illustrate the individual and group frequencies of epenthesis regarding clusters /sp/ and /spC/. Two subjects (1 and 5) did worse with the /sp/ cluster than with the /spC/ clusters /spɪ/ and /spɹ/. The frequencies of occurrence of epenthesis for subject 1 were 54% for the /sC/ structure and 48% for the /sCC/ clusters, and for subject 5 the frequencies were 54% and 43% respectively.

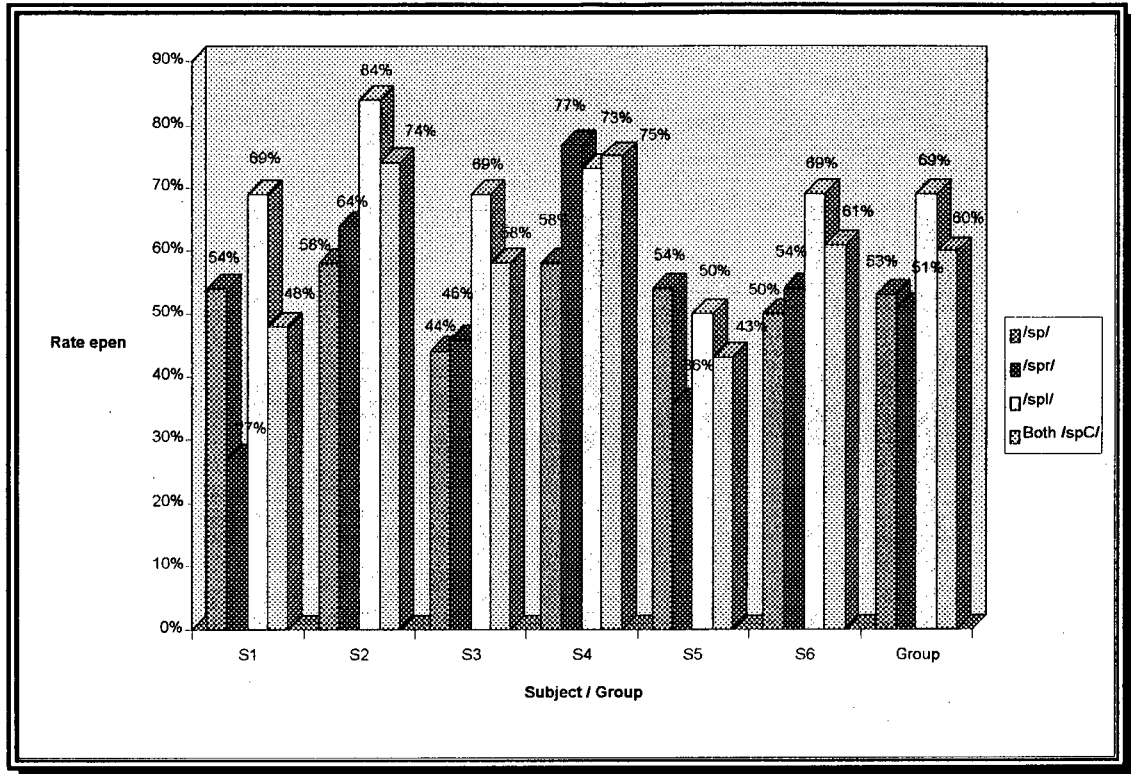
Four subjects (2, 3, 4, and 6) produced less epenthesis before /sp/ than before the /spC/ clusters. The frequencies of epenthesis for subject 2 were 58% before cluster /sp/ and 74% before clusters /spC/, for subject 3 the frequencies were 44% and 58% respectively, for subject 4 they were 58% and 75%, and for subject 6, 50% and 61%.

The group rates corroborate the individual results showing that, on the whole, the difference between the total rate of epenthesis for /spC/ clusters and that for the /sp/ cluster was small (seven percentage-points lower for the /sC/ structure). Thus, it cannot be said from this small difference in the rates of epenthesis that tri-literal clusters were more difficult to produce than bi-literal clusters. The total frequency of epenthesis for /sp/ was 53%, for /spɹ/ 51%, for /spl/ 69%, and for both these /spC/ structures together 60%.

**Table 3 : Individual and group rate of epenthesis of cluster /sp/ vs. cluster /spC/**

	/sp/			/spɹ/			/spl/			Both /spC/		
	Prod	Epen	Rate	Prod	Epen	Rate	Prod	Epen	Rate	Prod	Epen	Rate
<b>S1</b>	26	14	<b>54%</b>	26	7	<b>27%</b>	26	18	<b>69%</b>	52	25	<b>48%</b>
<b>S2</b>	26	15	<b>58%</b>	25	16	<b>64%</b>	25	21	<b>84%</b>	50	37	<b>74%</b>
<b>S3</b>	25	11	<b>44%</b>	26	12	<b>46%</b>	26	18	<b>69%</b>	52	30	<b>58%</b>
<b>S4</b>	24	14	<b>58%</b>	26	20	<b>77%</b>	26	19	<b>73%</b>	52	39	<b>75%</b>
<b>S5</b>	26	14	<b>54%</b>	25	9	<b>36%</b>	26	13	<b>50%</b>	51	22	<b>43%</b>
<b>S6</b>	26	13	<b>50%</b>	26	14	<b>54%</b>	26	18	<b>69%</b>	52	32	<b>61%</b>
<b>Gp</b>	153	81	<b>53%</b>	154	78	<b>51%</b>	155	107	<b>69%</b>	309	185	<b>60%</b>

**Figure 3: Individual and group rates of epenthesis of cluster /sp/ vs. /spC/**



#### 4.2.2.2 Cluster /st/ vs. cluster /stC/

The individual and group results of clusters /st/ and /stɹ/ are displayed in Table 4 and Figure 4. As we can see, subjects 1, 5 and 6 produced more epenthesis before the /sC/ structure. The frequencies of epenthesis for subject 1 were 46% for /st/ and 38% for /stɹ/, for subject 5 they were 36% and 35% respectively, and for subject 6, 54% and 46%.

Subjects 2, 3 and 4, on the other hand, produced less epenthesis before /sC/ clusters than before /sCC/ clusters. The frequencies of occurrence of epenthesis for subject 2 were 65% before /st/ clusters and 73% before /stɹ/ clusters, for subject 3 the frequencies were 53% and 60% respectively, and for subject 4 they were 52% and 61%.

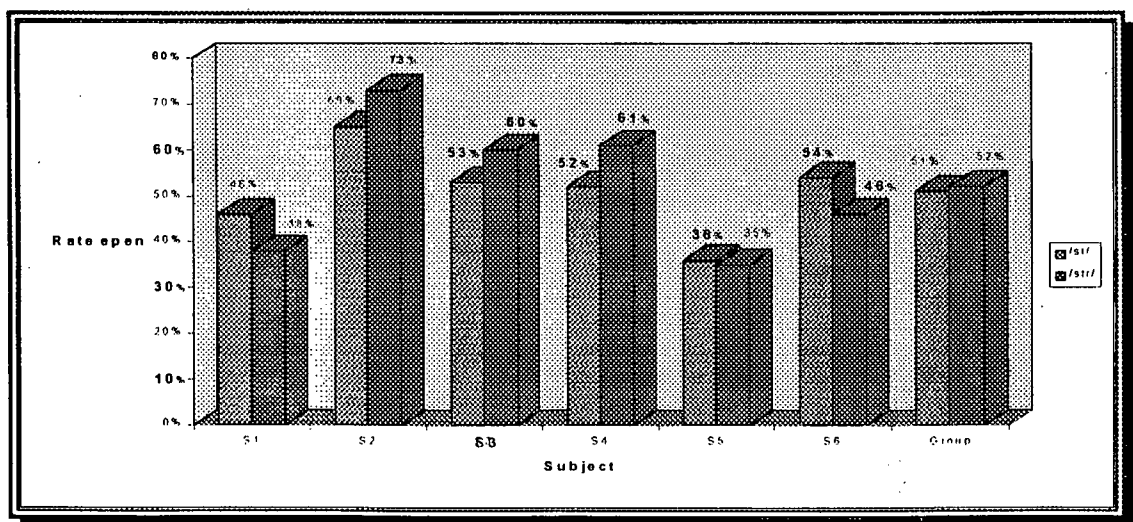
In regard to the group performance of clusters /st/ and /stɹ/, the /sCC/ structure caused only slightly more epenthesis (52%) than the /sC/ (51%). The /sCC/ structure was only one percentage-point higher than the /sC/. Also, the number of subjects who performed worse with the /sCC/ cluster was the same as that for the /sC/ cluster. Thus, it cannot be stated that /sCC/ clusters caused more epenthesis than /sC/ clusters.

**Table 4: Individual and group rates of epenthesis of cluster /st/ vs. cluster /stɹ/**

	/st/			/stɹ/		
	N° prod's	N° open	Rate open	N° prod's	N° open	Rate open
S1	26	12	46%	26	10	38%
S2	26	17	65%	26	19	73%
S3	26	14	53%	25	15	60%
S4	25	13	52%	26	16	61%
S5	25	9	36%	26	9	35%
S6	26	14	54%	26	12	46%
Group	154	79	51%	155	81	52%

**Figure 4: Individual and group rates of epenthesis of cluster /st/ vs. cluster**

/stɹ/



#### 4.2.2.3 Cluster /sk/ vs. clusters /skC/

The percentages obtained for clusters /sk/, /skw/ and /skɹ/, displayed in Table 5 and Figure 5, demonstrate that /sk/ caused slightly more epenthesis than the /skC/ structures. Four subjects (1, 2, 5 and 6) produced vowel epenthesis more frequently before the /sk/ structure than they did before the /skC/ clusters : their rates of epenthesis were 54% and 36% respectively for subject 1, 73% and 65% for subject 2, 61% and 36% for subject 5, and 69% and 48% for subject 6.

Only subjects 3 and 4 did better with /sk/ than with the /skC/ clusters : subject 3 produced rates of 35% and 52% respectively, and subject 4 rates of 61% and 69%.

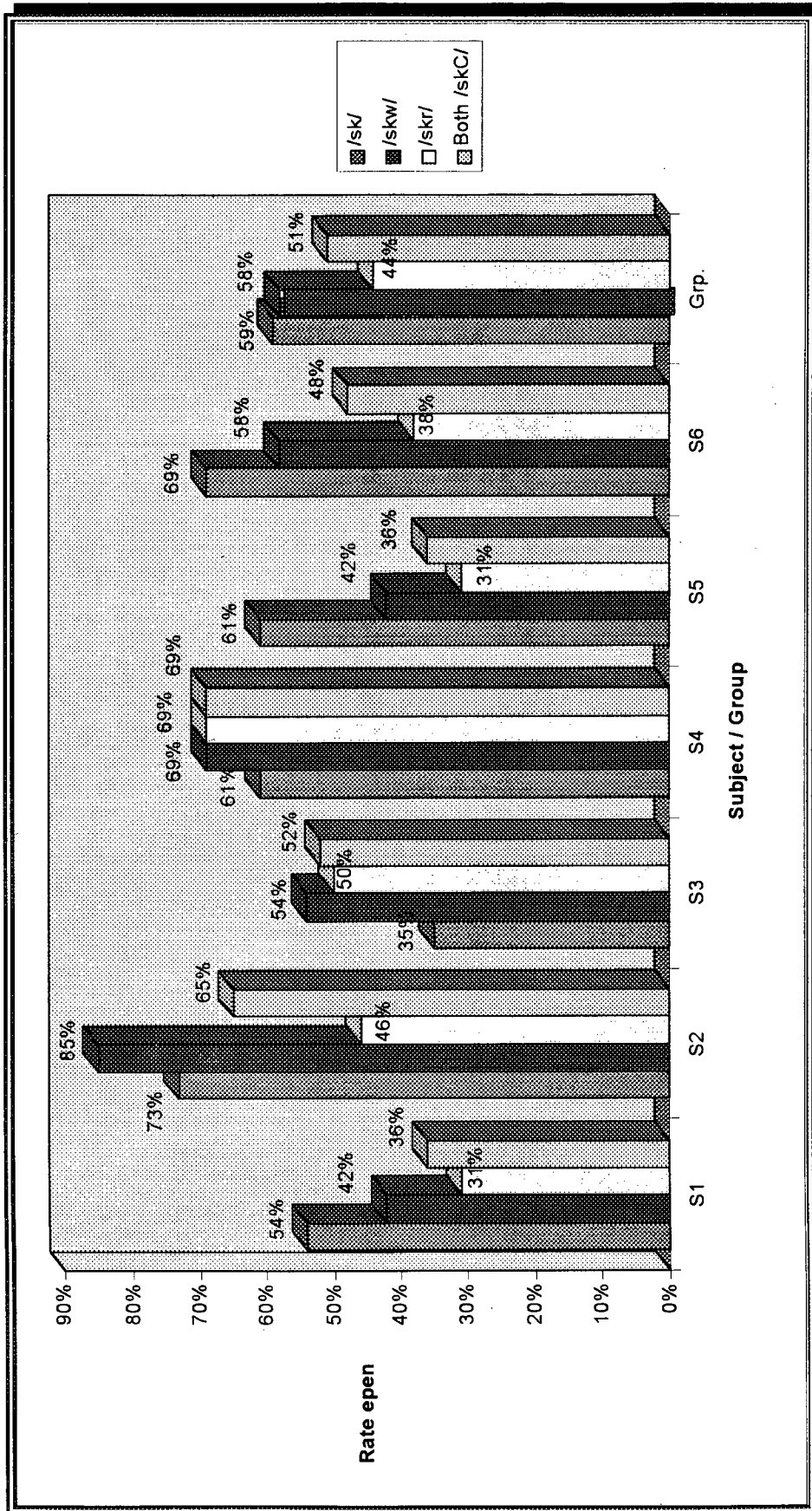
The group results for clusters /sk/, /skw/ and /skɹ/ also show that there was very little difference between the total rate of epenthesis for the /sC/ structure and the total rate of epenthesis for the /sCC/ structures. The former actually being eight percentage-points higher. Although four of the six subjects had a higher rate of epenthesis for the bi-literal structure, the small difference in the total rates of epenthesis cannot be used to say that the /sC/ cluster was more difficult, but the results were certainly not in the expected direction of more frequent epenthesis for the /sCC/ cluster.

**Table 5 : Individual and group rates of epenthesis of cluster /sk/ vs. /skC/**

	<i>/sk/</i>			<i>/skw/</i>			<i>/skj/</i>			<b>Both <i>/skC/</i></b>		
	<b>Prod</b>	<b>Epen</b>	<b>Rate</b>	<b>Prod</b>	<b>Epen</b>	<b>Rate</b>	<b>Prod</b>	<b>Epen</b>	<b>Rate</b>	<b>Prod</b>	<b>Epen</b>	<b>Rate</b>
<b>S1</b>	26	14	<b>54%</b>	26	11	<b>42%</b>	26	8	<b>31%</b>	52	19	<b>36%</b>
<b>S2</b>	26	19	<b>73%</b>	26	22	<b>85%</b>	26	12	<b>46%</b>	52	34	<b>65%</b>
<b>S3</b>	26	9	<b>35%</b>	26	14	<b>54%</b>	26	13	<b>50%</b>	52	27	<b>52%</b>
<b>S4</b>	26	16	<b>61%</b>	26	18	<b>69%</b>	26	18	<b>69%</b>	52	36	<b>69%</b>
<b>S5</b>	26	16	<b>61%</b>	26	11	<b>42%</b>	26	8	<b>31%</b>	52	19	<b>36%</b>
<b>S6</b>	26	18	<b>69%</b>	26	15	<b>58%</b>	26	10	<b>38%</b>	52	25	<b>48%</b>
<b>Gp</b>	156	92	<b>59%</b>	156	91	<b>58%</b>	156	69	<b>44%</b>	312	160	<b>51%</b>



Figure 5 : Individual and group rates of epenthesis of cluster /sk/ vs. /skC/



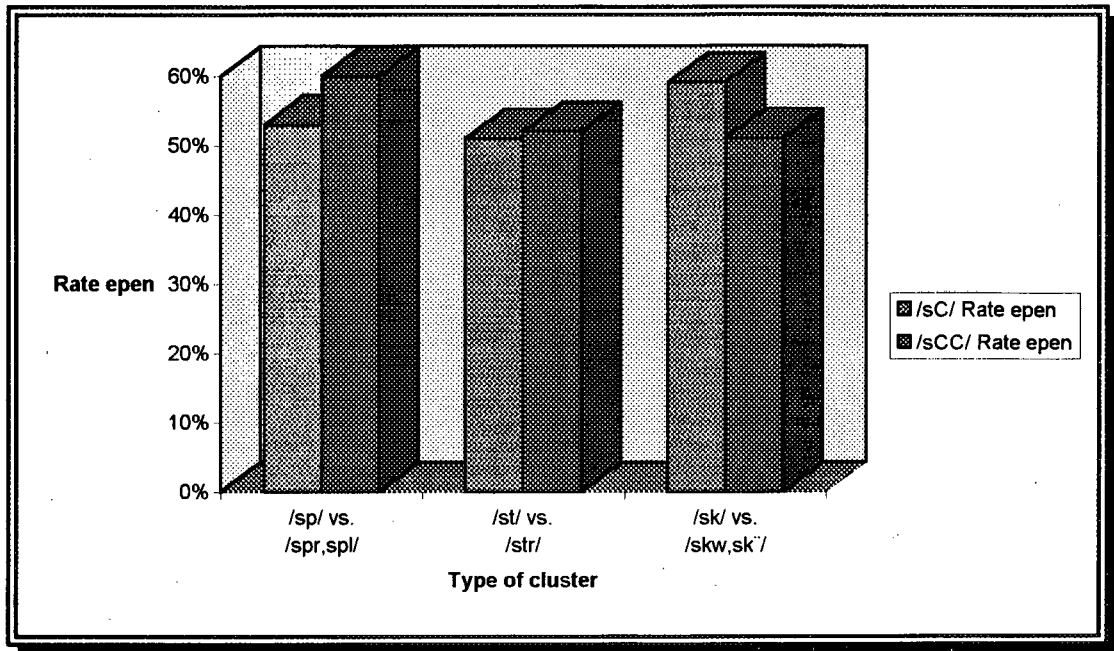
#### 4.2.2.4- Summary of results

Although it was shown in the general analysis in 4.2.1. that the total rate of epenthesis for /sCC/ clusters was slightly less than for /sC/ clusters, Tables and Figures 3, 4 and 5, as well as the collapsed results of Table and Figure 6, show that the rates of epenthesis for the tri-literal structures were somewhat higher for two of the three groups of clusters. The differences in the rates of epenthesis, though, especially for the /st/ clusters, are rather small. In fact, what we have is a seven-percentage-point advantage for biliteral /sp/ clusters, an eight-point advantage for trilateral /skC/ clusters, and an almost identical rate for biliteral and trilateral /st/ clusters.

**Table 6 : Group rates for all clusters**

	<i>/sC/</i>			<i>/sCC/</i>		
	N° prod	N° epen	Rate epen	N° prod	N° epen	Rate epen
<i>/sp/ vs. /spa, spl/</i>	153	81	53%	309	185	60%
<i>/st/ vs. /stɹ/</i>	154	79	51%	155	81	52%
<i>/sk/ vs. /skw, ska/</i>	156	92	59%	312	160	51%

**Figure 6 : Group rates for all clusters**



#### 4.2.3 Discussion of /sC/ vs. /sCC/ clusters

The individual and group results obtained for analysis 1, where clusters were considered independent of their components, show that /sC/ clusters caused slightly more epenthesis than /sCC/, although the differences in the percentages were small. In analysis two, however, where bi-literal and tri-literal clusters were grouped according to their second component, we observed a balance in terms of number of subjects who produced more epenthesis before /sC/ clusters and before /sCC/.

In both analyses concerning hypothesis 1 the difference in the total rates of epenthesis was very small. Thus, the data provided were insufficient to state that /sC/

clusters caused more epenthesis than /sCC/ clusters. The results clearly do not, however, support the hypothesis based on the MDH, that longer clusters are more difficult to acquire than shorter clusters (Anderson, 1987 :283). According to this hypothesis, /sCC/ clusters were expected to cause more epenthesis than /sC/ clusters, since neither occurs in Portuguese and this length of initial cluster is more marked in English. Thus, what these results seem to indicate is the need to consider other possible intralinguistic factors which may influence the frequency of certain phonological variants in the interlanguage of second language learners.

In relation to the Structural Conformity Hypothesis (SCH) (Eckman, Moravicsik, & Wirth 1989, in Eckman 1991), it is paramount to say that no data were collected in regard to some of the bi-literal subsequences of the tri-literal clusters /sp<sub>I</sub>, spl, st<sub>I</sub>, skw, sk<sub>I</sub>/. For instance, the subsequences /p<sub>I</sub>, pl, t<sub>I</sub>, kw, k<sub>I</sub>/ were not included in the corpus as initial clusters. The first reason for leaving them out was the fact that this study is concerned only with the production of initial /s/-clusters. The second reason had to do with the fact that these clusters exist in the L1, and would probably exist in the Interlanguages of these learners. The bi-literal subsequences /sp, st, sk /, which do not exist in the L1, were not frequently present in the subjects' interlanguages. The fact that /sC/ clusters caused slightly more epenthesis than /sCC/ clusters overall, although possibly not statistically significant, indicates that results were counter only to the strong version of the Resolvability Principle, since the presence of a tri-literal structure did not always imply the presence of both its bi-literal subsequences. Also, it was not possible to say from the data that

neither subsequence of a given tri-literal cluster existed, but it was possible to say that for several subjects it was not true that both bi-literal existed before the tri-literal. The interlanguage of subject 5 illustrates this phenomenon, since the rates of epenthesis were 61% for the bi-literal structure-24% more than the 37% obtained for the tri-literal structure. Thus, the generalisation made by the Resolvability Principle (Greenberg, 1978 :11) held only for the primary language (English), but not for the interlanguages of the subjects, since /sCC/ clusters caused less epenthesis than /sC/ clusters..

So far, most studies concerning the syllable have not accounted for phonological environment, but rather have focused only on the learners' preference for a CV syllable in opposition to a CVC (Broselow, 1987a ; 1987b ; Tarone, 1987a ; Ross, 1994). There has also been a great concern with the length of clusters, i.e., markedness relations within onsets or/and codas. This is the case of Weinberger's (1987) study of final clusters, in which longer codas were more frequently modified than shorter codas, and also of Anderson's (1987a) study of both initial and final clusters, in which modifications of these structures occurred more often as the length of these clusters increased. Carlisle (1991) comments upon this and various other studies on initial and final clusters and suggests that their results should be taken cautiously since they lacked control of environment. Thus, the fact that environment was controlled in the present study seems to be a very plausible explanation for the difference in the results obtained. In the previous studies, the /sCC/ clusters might, by chance, have occurred in more difficult environments. In the present study all clusters occurred in the same environment.

In addition to the need for controlling for phonological environment, which has to do with strength relations across syllables, there is also a need for focusing on strength relations within the syllable. One study which takes into consideration this aspect of the syllable is that of Tropic (1987) on initial clusters. The only drawback in relation to the outcome of this study is the fact that, as in the other studies mentioned, environment was not controlled. Another limitation to her study, however, was the fact that she dealt only with the clusters not in violation of the Universal Canonical Syllable Structure.

The results of this study presented so far have demonstrated that markedness relations in terms of cluster length alone could not explain the relative frequency of epenthesis of these learners. Thus, it was decided to look at the interaction between markedness relationships in terms of cluster length and in terms of strength relations within and across syllables in order to complement this analysis. The importance of the interaction between these intralinguistic factors has been put forth by Carlisle (1994:246).

Besides the above explanations given for the different results obtained in this study, there is also the need to point out that little research in this field has examined the performance of Portuguese speakers (two studies which have : Tarone, 1987a; Major, 1987 ). Most studies have dealt with native speakers of Spanish (Carlisle, 1991 ;1994 ; Tropic, 1987), which according to Baptista (1987), has a less restricted syllable structure than Portuguese, and with speakers of various dialects of Arabic (Broselow, 1987a ; Anderson, 1987a ). So not only may markedness relations within

the TL have acted as an influencing factor on the outcome of these learners, but also markedness relations between the NL and the TL.

The focus of the following analysis will be on strength relations within the syllable, which was the key element for the elaboration of my second hypothesis.

#### **4.3- The consonantal strength hierarchy within the syllable**

My second hypothesis, based on Hooper's (1976 :206) claim, states that clusters which violate the Syllable Structure Condition within the syllable will cause more epenthesis than those which do not. In order to investigate this aspect of the syllable, clusters /sp, st, sk, spɹ, stɹ, skɹ, spl, skw/ were grouped as clusters in violation of this principle. The degree of strength of segments in these clusters does not decrease continually from the margin to the peak of the syllable, due to the fact that the fricative /s/ is more sonorant than stops. Clusters /sl, sm, sn/, on the other hand, were grouped as clusters not in violation of the consonantal strength hierarchy, since the degree of strength of the segments which comprise these clusters decreases from the margin to the peak of the syllable.

Epenthesis rates are expressed in percentages, as for the results of hypothesis 1, calculated by the total number of occurrences of epenthesis divided by the total number of sentences involving a particular cluster. Results will be first discussed on an individual basis then as for the group as a whole.

#### **4.3.1- Analysis of /s/-clusters in violation of the Syllable Structure Condition (SSC) vs. /s/ clusters not in violation.**

The results displayed in Table 7 and Figure 7 below show the subjects' individual frequency of epenthesis. Only subjects 1 and 3 produced more epenthesis before clusters in violation than before clusters not in violation. The rates of epenthesis for subject 1 were 52% and 50% respectively, and for subject 3, 51% and 47%. The majority of the subjects (2, 4, 5 and 6) produced less epenthesis before clusters in violation than before clusters not in violation. The rates of epenthesis for subject 2 were 68% and 96% respectively, for subject 4 rates were 65% and 72%, for subject 5 the rates were 43% and 49%, and for subject 6, 54% and 68%.

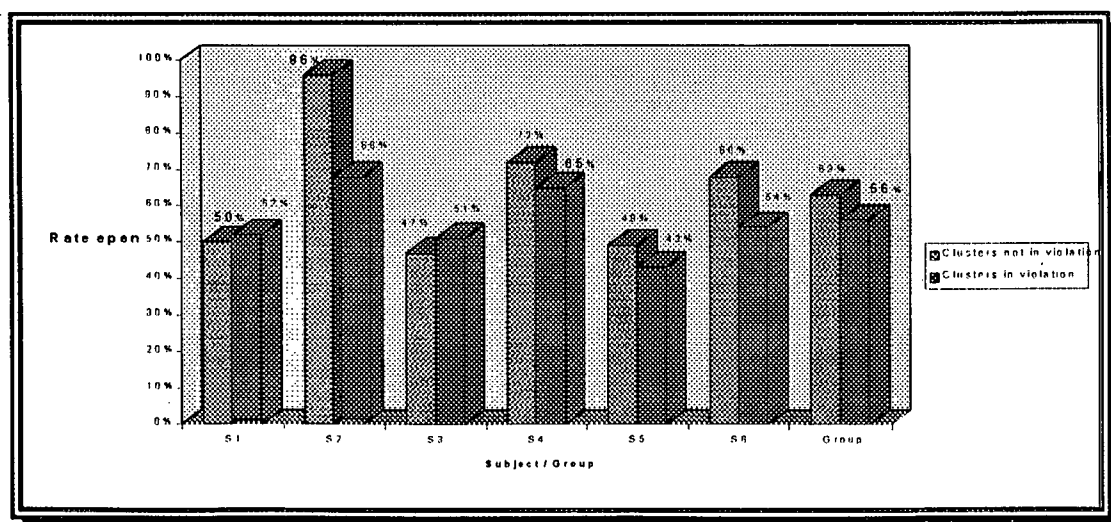
The group results in the bottom line are also not in the expected direction of more epenthesis before clusters in violation. In fact, the rate of epenthesis for clusters not in violation was actually seven percentage-points higher (63%) than for those in violation (56%), and four of the six subjects produced less epenthesis before clusters in violation. Although these differences have not been shown to be sufficient to say that clusters not in violation caused more epenthesis, the results certainly do not support the hypothesis based on the syllable structure condition (SSC), which predicted more epenthesis before clusters in violation.



**Table 7: Individual and group frequencies of epenthesis for clusters in violation vs. clusters not in violation**

	Clusters not in violation			Clusters in violation		
	N° prod's	N° epen	Rate epen	N° prod's	N° epen	Rate epen
<b>S1</b>	78	39	<b>50%</b>	182	94	<b>52%</b>
<b>S2</b>	76	73	<b>96%</b>	206	141	<b>68%</b>
<b>S3</b>	78	37	<b>47%</b>	206	106	<b>51%</b>
<b>S4</b>	78	56	<b>72%</b>	205	134	<b>65%</b>
<b>S5</b>	78	38	<b>49%</b>	206	89	<b>43%</b>
<b>S6</b>	78	53	<b>68%</b>	208	113	<b>54%</b>
<b>Group</b>	466	296	<b>63%</b>	1213	677	<b>56%</b>

**Figure 7: Individual and group rates of epenthesis for clusters in violation vs. clusters not in violation**



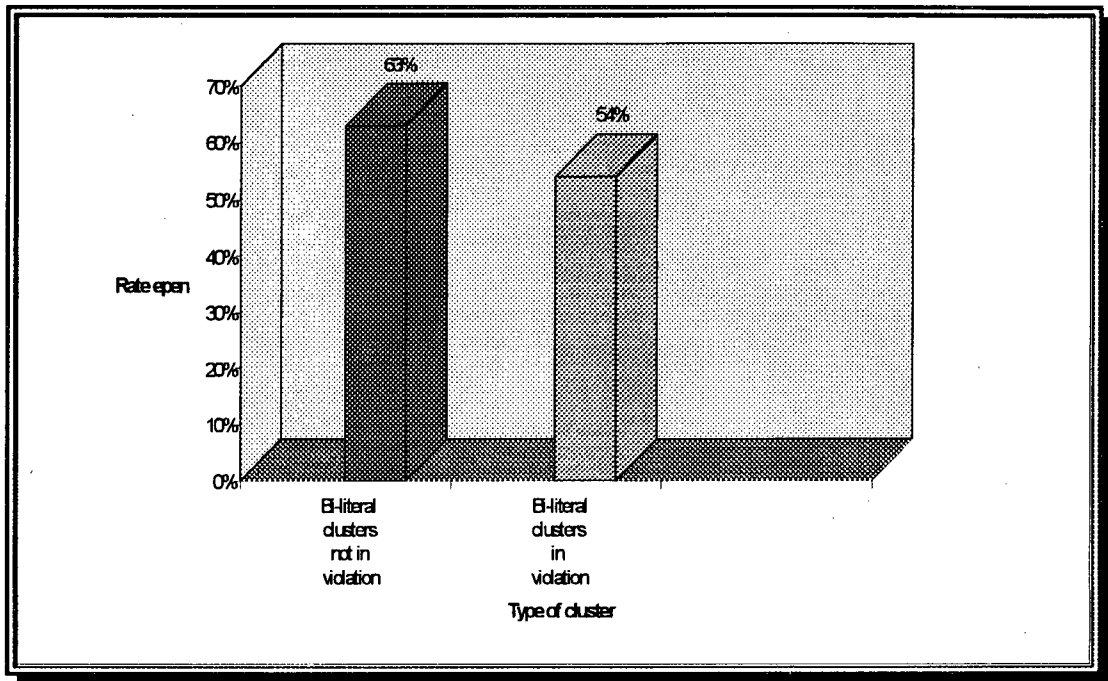
In order to verify whether the length of the clusters was an influencing factor on the general results mentioned above, an analysis was conducted comparing bi-literal clusters in violation of the universal strength hierarchy to bi-literal clusters not in violation. Also, tri-literal clusters, which are all in violation, were compared to biliteral clusters not in violation.

In the former analysis, shown in Table 8 and Figure 8 below, bi-literal clusters not in violation (/sm, sn, sl/) caused somewhat more epenthesis (63%) than bi-literal clusters in violation (/st, sk, sp/), 54%. Again, the difference between the total rates of epenthesis for these two groups of clusters may be insufficient to say that bi-literal clusters not in violation were more difficult, but the results were certainly not in the expected direction.

**Table 8 : Frequency of epenthesis for bi-literal clusters in violation vs. bi-literal clusters not in violation**

	<b>Bi-literal clusters not in violation</b>	<b>Bi-literal clusters in violation</b>
<b>N° prod's</b>	466	463
<b>N° epen</b>	295	252
<b>Rate epen</b>	<b>63%</b>	<b>54%</b>

**Figure 8 : Frequency of epenthesis of bi-literal clusters in violation vs. bi-literal clusters not in violation**

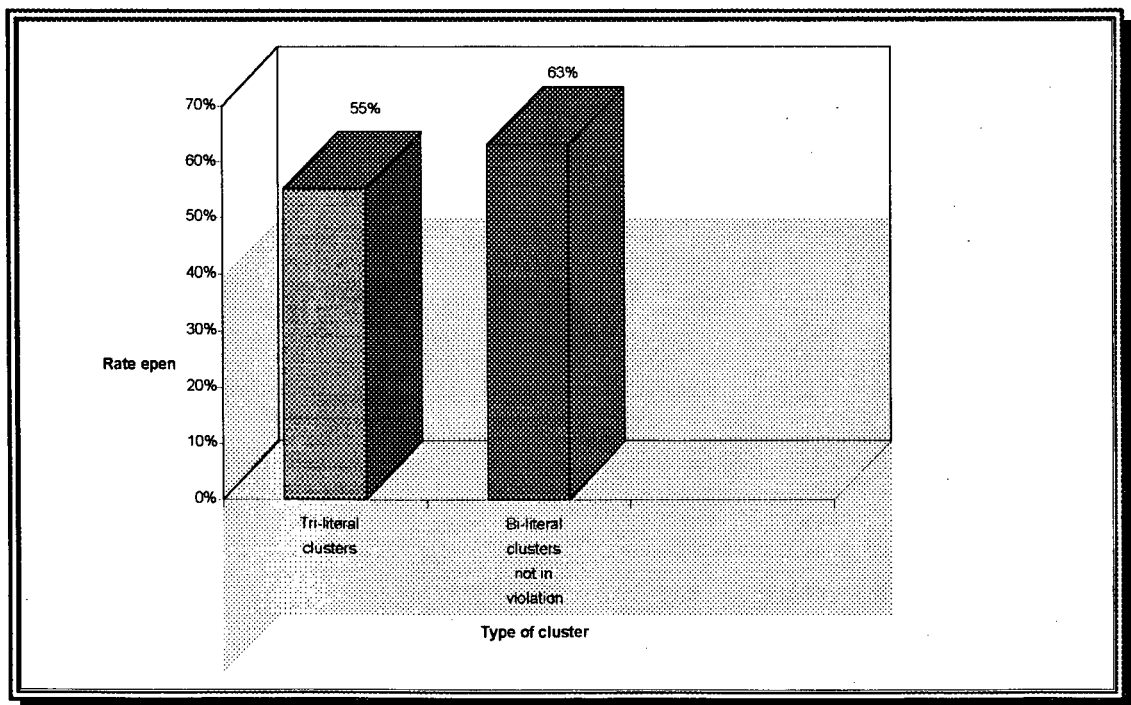


In the latter analysis, shown in Table 9 and Figure 9, the results were similar. While the tri-literals were expected to be more difficult because of their length and the fact that they are all in violation, the bi-literals not in violation actually caused more epenthesis (63%) than the tri-literals (55%). While this difference may not be statistically significant, the results again were certainly not in the expected direction.

**Table 9 : Frequency of epenthesis for tri-literal clusters vs. bi-literal clusters not in violation**

	<b>Tri-literal clusters</b>	<b>Bi-literal clusters not in violation</b>
<b>N° prod's</b>	776	466
<b>N° epen</b>	424	295
<b>Rate epen</b>	<b>55%</b>	<b>63%</b>

**Figure 9 : Frequency of epenthesis for tri-literal clusters vs. bi-literal clusters not in violation**



#### 4.3.2- Comparison of /s/-nasal and /s/-liquid and homorganic advantage

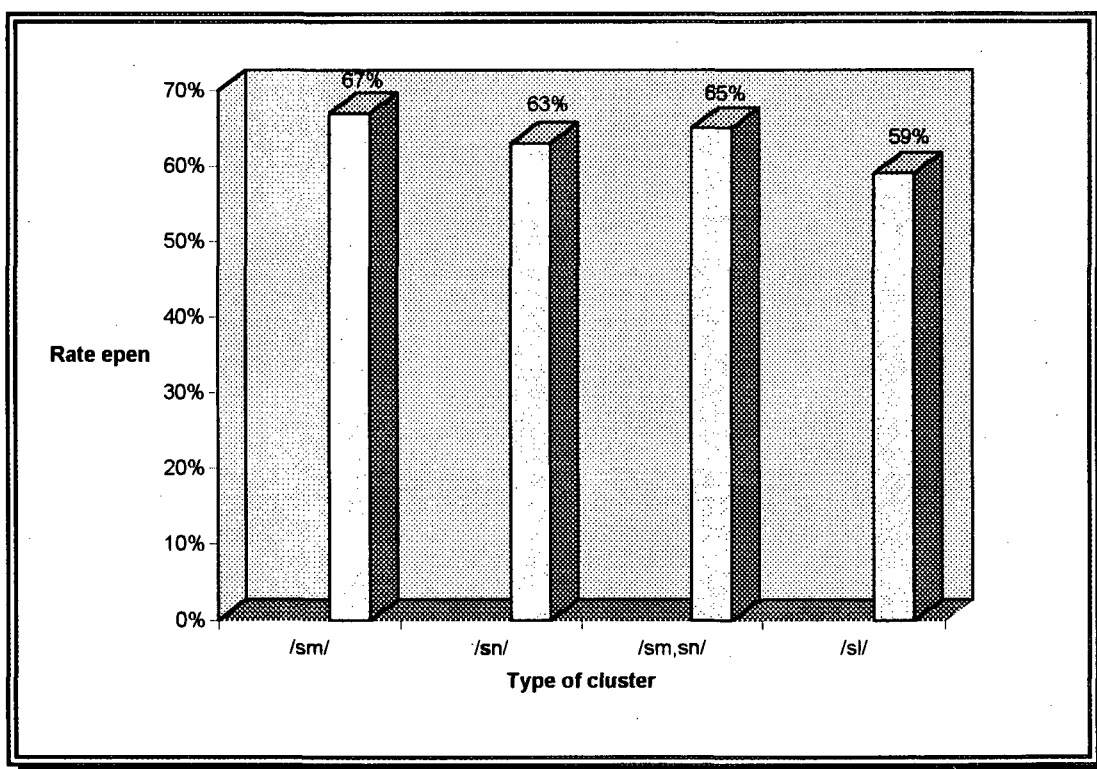
Although Hooper's Syllable Structure Condition (SSC) did not make the right predictions regarding /s/-stop vs. /s/-sonorant clusters, it did make the right predictions concerning /s/-nasal clusters, since the rates of epenthesis for the /s/-nasal clusters were somewhat higher than for the /s/-liquid clusters. This prediction was based on the fact that the difference in strength between the segment /s/ and /m/ or /n/ is smaller than that between /s/ and /l/ (Table 10 and Figure 10).

Homorganic advantage was investigated in regard to /s/-nasal clusters. Results of the whole group showed epenthesis rates of 67% for /sm/ and 63% for /sn/ (Table 10 and Figure 10). The difference between the total rate of epenthesis for the homorganic cluster /sn/ and the total rate for the heterorganic /sm/ was very small (a four percentage-points lower for /sn/). Therefore, no strong claim can be made about the homorganic cluster /sn/ being easier to produce than the heterorganic /sm/, although results are tending in the right direction according to the theory.

**Table 10 : /s/-nasal vs. /s/-liquid clusters and homorganic advantage of /s/-nasal clusters**

	/sm/	/sn/	/sm, sn/	/sl/
<b>N<sup>o</sup> prod's</b>	156	154	310	156
<b>N<sup>o</sup> epen</b>	104	97	201	92
<b>Rate epen</b>	<b>67%</b>	<b>63%</b>	<b>65%</b>	<b>59%</b>

**Figure 10 : /s/-nasal vs. /s/-liquid clusters and homorganic advantage of /s/-nasal clusters**



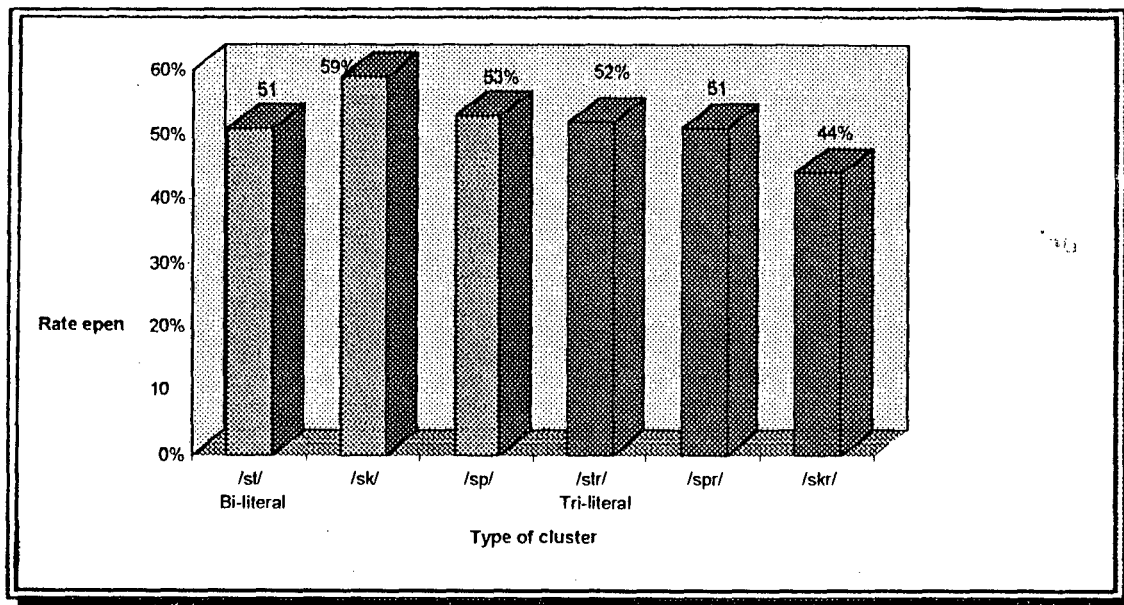
Homorganic advantage was also investigated in regard to clusters in violation of the universal strength hierarchy. Table 11 and Figure 11 display the results

concerning bi-literal and tri-literal clusters in violation. Within the bi-literal group, /st/ produced the lowest rate of epenthesis (51%), followed by /sp/, 53%, and by /sk/, 59%. Again, as for the /s/-nasal clusters, there was very little difference in the total rate of epenthesis between the homorganic cluster and the total rate for the heterorganic clusters. The homorganic cluster was only two percentage-points lower than the heterorganic /sp/ and eight percentage-points lower than /sk/. Within the tri-literal group of clusters, there was also very little difference between the total rate of epenthesis for the homorganic cluster /str/ (52%), and the total rates for the heterorganic /spr/ (51%) and /skr/ (44%). The homorganic structure was only one percentage-point higher than the heterorganic /spr/, and eight percentage-points higher than /skr/. As we can see, the results concerning homorganic advantage are probably not statistically significant, because of the small difference in the percentages obtained. Thus, we can only say that for the /s/-nasal clusters and for the bi-literal clusters in violation results seemed to tend in the expected direction according to the theory. In regard to the tri-literal clusters, results were not in the expected direction.

**Table 11 : Homorganic advantage of bi-literal and tri-literal clusters in violation**

	Bi-literal			Tri-literal		
	/st/	/sk/	/sp/	/str/	/spr/	/skr/
<b>N° prod's</b>	154	156	153	155	154	156
<b>N° open</b>	79	92	81	81	78	69
<b>Rate open</b>	<b>51%</b>	<b>59%</b>	<b>53%</b>	<b>52%</b>	<b>51%</b>	<b>44%</b>

**Figure 11 : Homorganic advantage of bi-literal and tri-literal clusters in violation**



#### 4.3.3- Voicing assimilation of /s/-sonorant clusters

Because of a possible link to the unexpected results concerning clusters not in violation of the SSC, it was considered important to investigate the possible relationship between the voicing assimilation of /s/ and the rate of epenthesis. Tables 12 and 13 and Figures 12 and 13 show the results concerning the voicing assimilation of /s/-nasal and /s/-liquid clusters and the rates of epenthesis related to these structures. As we can see, in 59% of the clusters /sm/ and /sn/, the /s/ was voiced by the subjects, and, out of these, 82% were pronounced with epenthesis. A much lower rate of epenthesis (40%) was obtained in the productions without the voicing

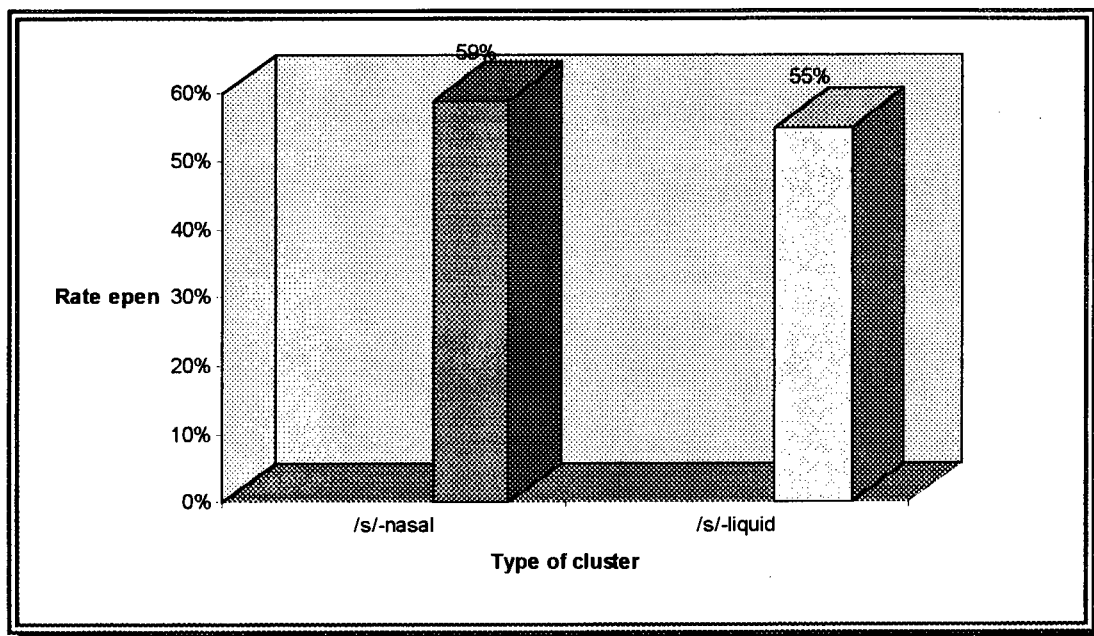


clusters. In this case, in 55% of the structures the /s/ was voiced by the subjects, and, out of this number, 73% caused epenthesis. Only 41% of the /s/-liquid clusters produced without the voicing of /s/ caused epenthesis. These results show that the voicing assimilation of these structures is apparently related to the high rates of epenthesis obtained for /s/-nasal and /s/-liquid clusters, but a statistical analysis would be necessary here in order to present more reliable results.

**Table 12 : The voicing assimilation of /s/-nasal and /s/-liquid clusters and their corresponding rates of epenthesis**

	<b>/s/-nasal</b>	<b>/s/-liquid</b>
<b>N° prod's</b>	310	156
<b>N° + vd</b>	183	86
<b>Rate + vd</b>	<b>59%</b>	<b>55%</b>

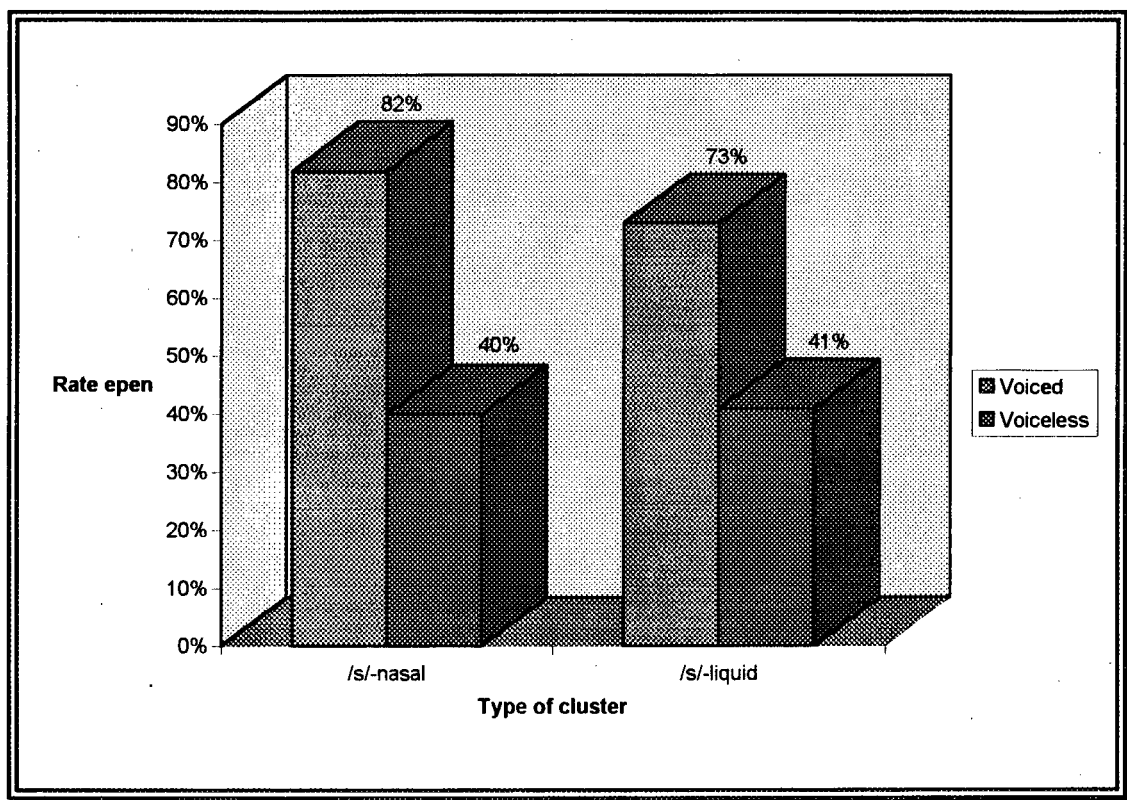
**Figure 12 : The voicing assimilation of /s/-nasal and /s/-liquid clusters and their corresponding rates of epenthesis**



**Table 13 : Rate of epenthesis by voicing**

	/s/-nasal	/s/-liquid
<b>N° [+vd]</b>	183	86
<b>N° epen</b>	150	63
<b>Rate epen</b>	<b>82%</b>	<b>73%</b>
<b>N° [-vd]</b>	127	70
<b>N° epen</b>	51	29
<b>Rate epen</b>	<b>40%</b>	<b>41%</b>

**Figure 13 : Rate of epenthesis by voicing**



#### 4.3.4- Discussion of clusters in violation vs. clusters not in violation

Both individual and group results concerning hypothesis 2 have shown that strength relationships within the syllable did not have the expected effect on the difficulty these learners found in handling initial clusters of two and three segments. In fact, /s/-nasal and /s/-liquid clusters actually caused more epenthesis than /s/-stop clusters, which violate the Syllable Structure Condition. As previously mentioned, a

statistical test would be necessary for the results concerning /s/-nasal and /s/-liquid clusters.

A particular characteristic of Brazilian EFL learners was observed in the output of these subjects: the voicing assimilation of the segment /s/ in /s/-nasal and /s/-liquid clusters. Based on my own teaching experience, I have noticed that these clusters are usually troublesome to Brazilians, first, because they tend to voice this fricative, and, second, because the voicing assimilation of this fricative seems to be somehow linked with the placement of an epenthetic vowel. The voicing assimilation of /s/ can be attributed to L1 influence, since this sibilant is always voiced in Portuguese when preceding nasals or liquids, although in Portuguese they are always in separate syllables. The words *eslavo* /ɛz.la.vu/, *asma* /az.ma/, *desligar* /dez.li.gaχ/, *Oslo* /oz.lu/ illustrate this phenomenon. The results of this study seem to indicate that the voicing assimilation of /s/ somehow facilitates epenthesis, but this fact needs to be further investigated. The effect of voicing was not one of the original hypotheses and the test was not set up to test this hypothesis. A statistical analysis was not carried out. However, since the differences in the percentage were great, it does not appear quite likely that inappropriate voicing assimilation was related to the rate of epenthesis.

A possible explanation for this relationship is that voiced consonants are more marked than voiceless consonants, and therefore, are expected to cause more epenthesis. Silva (forthcoming) found that final voiced consonants caused more

epenthesis than final voiceless consonants. Thus, the voicing assimilation of /s/ in /s/-nasal and /s/-liquid clusters may explain the fact that these structures were more frequently modified than the bi-literal and tri-literal /s/-stop clusters, since the stops found in /s/-stop clusters are all voiceless and cannot cause voicing assimilation. In fact, results obtained from the analysis of both these structures showed that the /s/ in the /s/-sonorant clusters was frequently voiced by the learners, and that epenthesis occurred at a much greater rate when /s/ was voiced.

The voicing assimilation of /s/ and its effect on the results obtained can be related to one of Greenberg's (1965 :23) generalisations : that voiceless obstruents are said to dominate over voiced obstruents in both clusters of obstruent + obstruent and clusters of obstruent + sonorant. In other words, voiced obstruents are more marked than voiceless obstruents in these clusters. Although Greenberg is clearly referring to relationships within obstruent-obstruent pairs and within obstruent-sonorant pairs, it is quite possible that across-cluster-markedness relationships concerning voicing assimilation exist besides. Thus, the voicing of /s/ in initial in initial /s/-nasal and /s/-liquid clusters may make these clusters (voiced obstruent + sonorant) more marked than the bi-literal and tri-literal clusters in violation of the Syllable Structure Condition (voiceless obstruent + obstruent), and, thus, be the explanation for /s/-nasal and /s/-liquid clusters causing more epenthesis than /s/-stop clusters. Perhaps length of cluster and strength relations within the syllable play only a secondary role in facilitating

epenthesis, while the markedness of segments which constitute a given cluster seems to be the most influential factor.

One more aspect to be mentioned in regard to /s/-nasal clusters and /s/-liquid clusters is that the difference in the rates of epenthesis between these structures was probably not statistically significant, since the total rate of epenthesis obtained for /s/-nasal clusters was only nine percentage-points higher than the total rate of epenthesis for /s/-liquid clusters. Thus, this result and the results concerning homorganic advantage of /sm/ over /sn/, although probably not statistically significant, are at least in the same direction of the findings of Carlisle (1988, in Carlisle, 1994 :235), who investigated the frequency of epenthesis before the onsets /sm, sn, sl/ in controlled environments. His hypothesis was based on another of Greenberg's (1965 :27) language universals, which states that a language which has obstruent-nasal onsets will also have obstruent-liquid onsets. Thus, according to this universal, obstruent-nasal onsets are more marked than obstruent-liquid onsets. The results obtained by Carlisle (ibid) showed that the /sm/ cluster caused the highest frequency of epenthesis followed by /sn/, and then by /sl/. The fact that /sm/ caused a higher frequency of epenthesis than /sn/ led him to try to draw a parallel between his results and those of Greenberg (ibid :29), who found that a coda of a nasal + homorganic obstruent was less marked than a coda of a nasal + heterorganic obstruent. Thus, Carlisle's explanation for the /sn/ cluster being easier than /sm/ cluster was that in the

former the segments are homorganic and, therefore, more easily articulated, whereas in the latter they are heterorganic. The results of the present study lean in the direction of homorganic advantage for /s/-nasal clusters, and also for the bi-literal /s/-stop clusters. If this advantage really does exist, however, it disappears with the influence of the additional segment in the tri-literal /s/-stop clusters. A statistical analysis would be necessary in order to make a stronger claim in relation to the homorganic advantage obtained for these clusters.

Markedness relationships related to voicing, as discussed above, associated with strength relationships within the syllable, may help us clarify the results obtained for hypothesis 2. As commented by Carlisle (1991 :91), the difference in sonority between the first and the second member of an onset may influence the rate of epenthesis, since this rate tends to increase as the difference in degree of sonority between the two segments decreases. If we consider that nasals are less sonorant than liquids, which implies a smaller difference in degree of strength between nasals and the fricative /s/ than between liquids and /s/, we can then understand why the rate of epenthesis before /sm/ and /sn/ onsets was higher than before /sl/.

Another explanation for liquids being easier than nasals in regard to these clusters is the fact that Portuguese allows /l/ in the second position within the syllable after bilabials and velar stops (e.g. *pluma* /plu.ma/- “plume”, *globo* /glo.bu/- “globe”) whereas /m/ and /n/ are never found in this position, regardless of the consonant in first position.

Overall, the analysis concerning strength relationships within the syllable yielded both expected results and results which were unexpected but explainable through markedness theory. On the one hand, results obtained for /s/-nasal clusters versus /s/-liquid clusters were expected according to the theory of markedness and to the Syllable Structure Condition, although a statistical analysis would be necessary here in order to make a stronger claim. On the other hand, results concerning initial /s/-clusters in violation of the Syllable Structure Condition versus initial /s/-clusters not in violation appeared, at first, contrary to both hypothesis two and the theory of markedness. However, after verifying that /s/-nasal and /s/-liquid clusters become more marked than /s/-stop clusters due to the voicing assimilation of /s/ (Greenberg, 1965 :23), we can, then, say that these results went only against hypothesis two, but not against the theory of markedness.

In addition to markedness, the exceptionality of /s/ can also help explain the results obtained in this study. Hooper (1976 :218) points out this exceptionality, which makes /s/ behave differently in different languages. In English and Icelandic, for instance, it is considered a very strong consonant and can occur before and after obstruents in syllable final position in English. In Spanish, on the other hand, /s/ is considered a rather weak consonant in terms of its distribution, since /s/-stop clusters cannot be found in this language. The /s/ in Portuguese is also considered to be a weak consonant, due to the fact that it becomes voiced in voiced environments. In



Icelandic, on the other hand, where /s/ is regarded as a strong consonant, it never voices in voiced environments (Istre, 1981 :191). The fact that learners found /s/-stop clusters easier than /s/-nasal and /s/-liquid clusters, in spite of their violation of the Syllable Structure Condition, may be somehow linked with the exceptionality of this segment.

Tropf (1987) also found the sonority factor to be relevant for the choice of certain variants in the production of onsets of the form /ʃC(C)/, but only investigated clusters which were in conformity with the canonical syllable structure. So, although her results are consistent with the results obtained here for /s/-nasal in relation to /s/-liquid clusters, they cannot be directly related to those obtained in this study for clusters in violation of the Syllable Structure Condition, where the sonority relationship between the first and the second segment of onsets by itself did not prove to be the most important variable constraint in facilitating epenthesis.

One more possible explanation for the results showing a greater rate of epenthesis before clusters not in violation of the SSC is related to frequency of exposure. There are eight different types of /s/-stop clusters as opposed to four types of /s/-sonorant clusters, giving learners a greater exposure to the former.

Summing up the discussion, the results concerning the comparison of /s/-nasal clusters to /s/-liquid clusters, although possibly not statistically significant, tended toward conformity with both the Markedness Differential Hypothesis (MDH) (Eckman, 1987a) and The Structural Conformity Hypothesis (SCH) (Eckman,

Moravicsik, & Wirth, 1989, in Eckman 1991). In relation to the MDH, /s/-nasal clusters, as expected, caused somewhat more epenthesis than /s/-liquid clusters, since the former type of cluster is more marked than the latter (Greenberg, 1965 :27). Also, within the class of nasals, /sm/ was expected to cause more epenthesis than /sn/, since the segments in this particular cluster are heterorganic whereas in /sn/ they are homorganic (Carlisle, 1994 :235). In relation to the SCH, results of /s/-nasal vs. /s/-liquid clusters also supported this hypothesis, since /s/-nasal clusters caused somewhat more epenthesis than /s/-liquid clusters, and, the heterorganic cluster /sm/ caused somewhat more epenthesis than the homorganic cluster /sn/. These results showed that the universals that hold for the primary language (English) also held for the subjects' interlanguages, since the more marked type of clusters in English (/s/-nasal clusters and heterorganic clusters) produced the highest rates of epenthesis in the subjects interlanguages. These results, though, need to be further investigated due to the lack of a statistical analysis.

Results concerning clusters in violation of the Syllable Structure Condition vs. clusters not in violation appear to contradict the MDH and the SCH if the only variable taken into consideration were the sonority relationship between the first and the second member of these onsets. In this case, according to the MDH, /s/-clusters in violation were expected to cause more epenthesis than /s/-clusters not in violation, since they do not exist in the native language (Portuguese) and are also more marked in the target language (English). In regard to the SCH, /s/-clusters in violation of the

Syllable Structure Condition are not expected to exist in the interlanguages of the subjects without the prior existence of clusters not in violation. However, if we consider the fact that the first member of /s/-nasal and /s/-liquid clusters was mostly pronounced as /z/ by the subjects, and that it led to the formation of a more marked type of cluster (voiced obstruent + sonorant) in opposition to a less marked type

(voiceless obstruent + obstruent), results, then, were in accordance with both the MDH and the SCH, since the more marked-type of cluster caused more epenthesis than the less marked type.

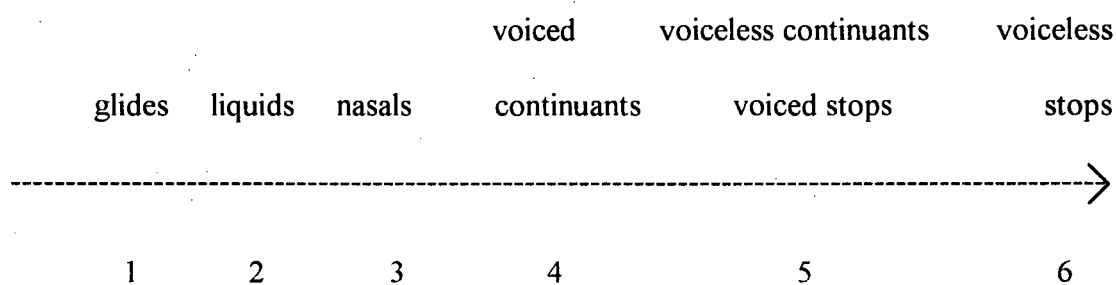
The issue of environment is the topic to be discussed in the next section.

#### **4.4- The consonantal strength hierarchy across syllables**

Hypothesis 3 was based on Hooper's (1976:220) principle of strength relations across syllables, which was further reformulated by Murray & Venneman (1983:520) into the Syllable Contact Law, which says, "the tendency for a syllabic structure A\$B to change, where A and B are marginal segments and *a* and *b* are the Consonantal Strength values of A and B respectively, increases with the value of *a* minus *b*." In other words, the more the consonantal strength of A exceeds that of B, the greater the syllable structure violation will be, and the more likely some remedial measures will be employed in order to improve syllable contact. Applying this law for diachronic change in primary language to interlanguage phonology, it was predicted that due to the effect of strength relations across syllables learners would have greater difficulty in

producing initial /s/ clusters preceded by segments of greater or equal strength value than those preceded by segments of lesser strength value.

To test this prediction, eight categories of environment were elaborated according to the degree of strength of segments. The strength value for each of these categories was calculated based on the consonantal strength hierarchy below proposed by Hooper (1976 :206). Notice that affricates are not represented in this scale, but were given value 7 since Hooper (ibid) believes that they should be placed at the very end. Vowels are not represented either, since it is a consonantal strength scale, but were given the lowest strength value (0) due to the fact that they always occupy the peak of the syllable.



In order to establish the difference in strength between the environment and /s/, the segment which initiated all clusters, the strength value of /s/, which is (5), was subtracted from the strength value of the environment which preceded the cluster. For instance, either of the affricates /tʃ, dʒ/ minus the voiceless fricative /s/ gives a

strength value of (+2), since  $7-5= +2$ . Below are the syllable contact numbers obtained by subtracting /s/ from the environment .

- Affricates /tʃ, dʒ/ : value (+2)
- Voiceless stops /p, t, k / : value (+1)
- Voiceless continuants and voiced stops /b, d, g, s, f, θ, ʃ/ : value (0)
- Voiced continuants /z, v, ʒ, ð/ : value (-1)
- Nasals /m, n, ŋ/ : value (-2)
- Liquids /l, ɹ/ : value (-3)
- Vowels /i, u, ou, aɪ, aʊ, ɔɪ/ : value (-5)

Besides the syllable contact numbers mentioned above, the null environment was also considered. It occurred either when subjects paused between the word which supplied the environment and the word with the /s/ cluster or when the word with the /s/-cluster initiated a sentence. Glides would have been difficult to place in the position of environment, and were, therefore, not included in the analysis. Vowels which were nasalized due to L1 interference were assigned the same strength value as those not nasalized. It is important to mention that although the test was designed with the same number of sentences for each environment, some of the environments

occurred more often than others because of substitution. For instance, final /l/ was often substituted by /ʊ/ or /ɹ/ due to L1 interference, since this liquid is never realised as such at the end of the syllable in Portuguese.

In the results of hypothesis 3, as for hypotheses 1 and 2, epenthesis is expressed in percentages. These percentages were calculated by dividing the number of occurrences of epenthesis in a given environment by the number of sentences which contained that environment. The rates of epenthesis for each environment will be given first for each individual and then for the whole group. Two complementary analyses will be carried out for the whole group : one comparing environments of lesser strength to environments of equal or greater strength and to null context, and the other comparing environments in terms of whether they were vowels, consonants or simply null.

#### **4.4.1- Analysis of the syllable contact numbers**

The results displayed in Table 14 and Figure 14 show the rates of epenthesis of all subjects individually for the different syllable contact numbers. For subject 1, the highest rate of epenthesis (60%) was caused by null context, followed by 57% for the syllable contact number [0], 55% for [+2], 45% for [-2], 43% for [-1], 31% for both [-5] and [+1], and 11% for [-3]. For subject 2, the highest rate of epenthesis (100%) was obtained for the syllable contact numbers [+2] and [-3], followed by 87% for [-

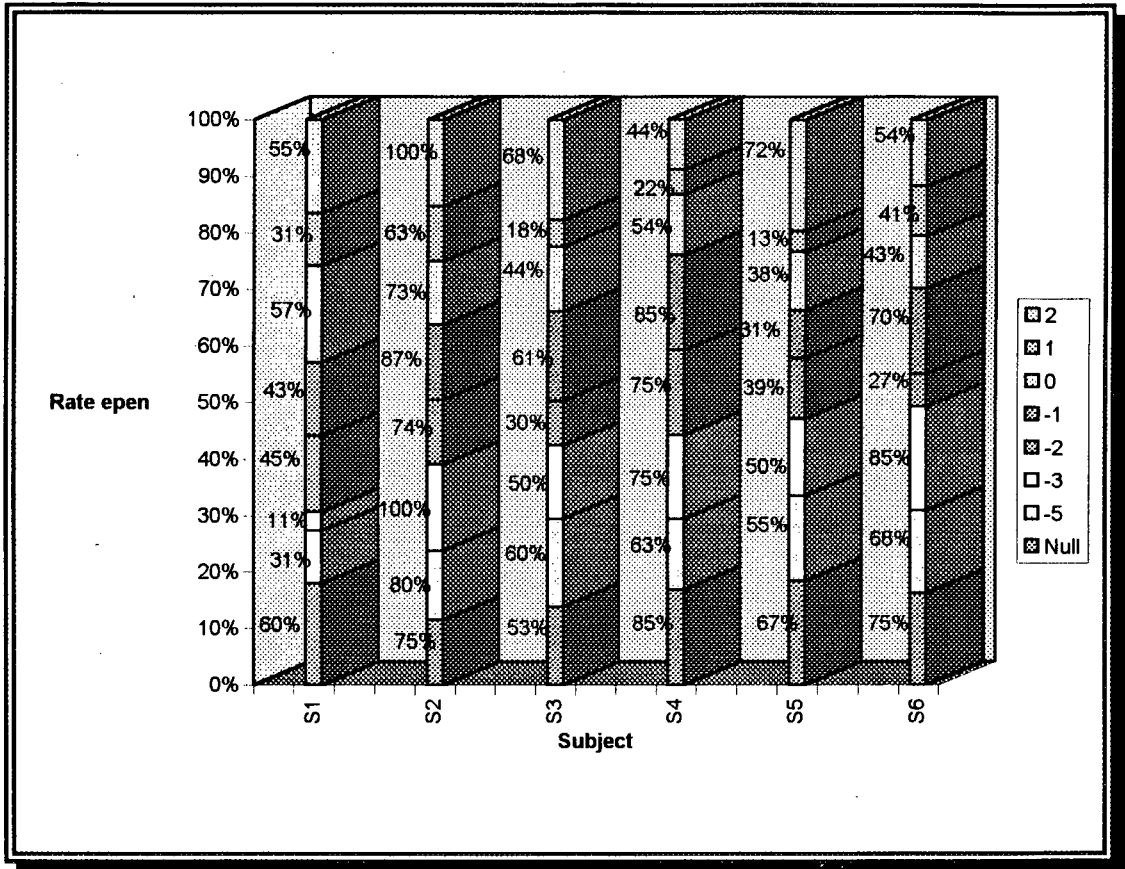
1], 80% for [-5], 75% for null context, 74% for the syllable contact number [-2], 73% for [0], and 63% for [+1]. For subject 3, the highest frequency of epenthesis (68%) was caused by the syllable contact number [+2], followed by 61% for [-1], 60% for [-5], 53% for null context, 50% for the syllable contact number [-3], 44% for [0], and, finally, 18% for [+1]. For subject 4, the frequencies of epenthesis were as follow : 85% for null context and for the syllable contact number [-1], 75% for both [-3] and [-2], 63% for [-5], 54% for [0], 44% for [+2], and 22% for [+1]. In regard to subject 5, a rate of epenthesis of 72% was obtained for the syllable contact number [+2], followed by 67% for null context, then 55% for the syllable contact number [-5], then 50% for [-3], 39% for [-2], 38% for [0], 31% for [-1], and finally, 13% for [+1]. The rates of epenthesis of subject 6 were as follow : 85% for the syllable contact number [-3], 75% for null context, 70% for the syllable contact number [-1], 68% for [-5], 54% for [+2], 43% for [0], 41% for [+1], and 27% for [-2].

Table 14 : Individual rates of epen. for the different syllable contact numbers

		Null	-5	-3	-2	-1	0	+1	+2
	<b>N° prod</b>	87	61	9	22	7	60	26	9
<b>S1</b>	<b>N° epen</b>	52	19	1	10	3	34	8	5
	<b>Rate epen</b>	<b>60%</b>	<b>31%</b>	<b>11%</b>	<b>45%</b>	<b>43%</b>	<b>57%</b>	<b>31%</b>	<b>55%</b>
	<b>N° prod</b>	147	30	4	19	16	37	19	12
<b>S2</b>	<b>N° epen</b>	110	24	4	14	14	27	12	12
	<b>Rate epen</b>	<b>75%</b>	<b>80%</b>	<b>100%</b>	<b>74%</b>	<b>87%</b>	<b>73%</b>	<b>63%</b>	<b>100%</b>
	<b>N° prod</b>	45	52	8	23	23	66	39	25
<b>S3</b>	<b>N° epen</b>	24	31	4	7	14	29	7	17
	<b>Rate epen</b>	<b>53%</b>	<b>60%</b>	<b>50%</b>	<b>30%</b>	<b>61%</b>	<b>44%</b>	<b>18%</b>	<b>68%</b>
	<b>N° prod</b>	111	46	4	16	13	46	23	18
<b>S4</b>	<b>N° epen</b>	94	29	3	12	11	25	5	8
	<b>Rate epen</b>	<b>85%</b>	<b>63%</b>	<b>75%</b>	<b>75%</b>	<b>85%</b>	<b>54%</b>	<b>22%</b>	<b>44%</b>
	<b>N° prod</b>	30	60	12	23	16	81	30	25
<b>S5</b>	<b>N° epen</b>	20	33	6	9	5	31	4	18
	<b>Rate epen</b>	<b>67%</b>	<b>55%</b>	<b>50%</b>	<b>39%</b>	<b>31%</b>	<b>38%</b>	<b>13%</b>	<b>72%</b>
	<b>N° prod</b>	68	54	13	22	20	74	27	13
<b>S6</b>	<b>N° epen</b>	51	37	11	6	14	32	11	7
	<b>Rate epen</b>	<b>75%</b>	<b>68%</b>	<b>85%</b>	<b>27%</b>	<b>70%</b>	<b>43%</b>	<b>41%</b>	<b>54%</b>



**Figure 14 : Individual rates of epenthesis for the different syllable contact numbers**



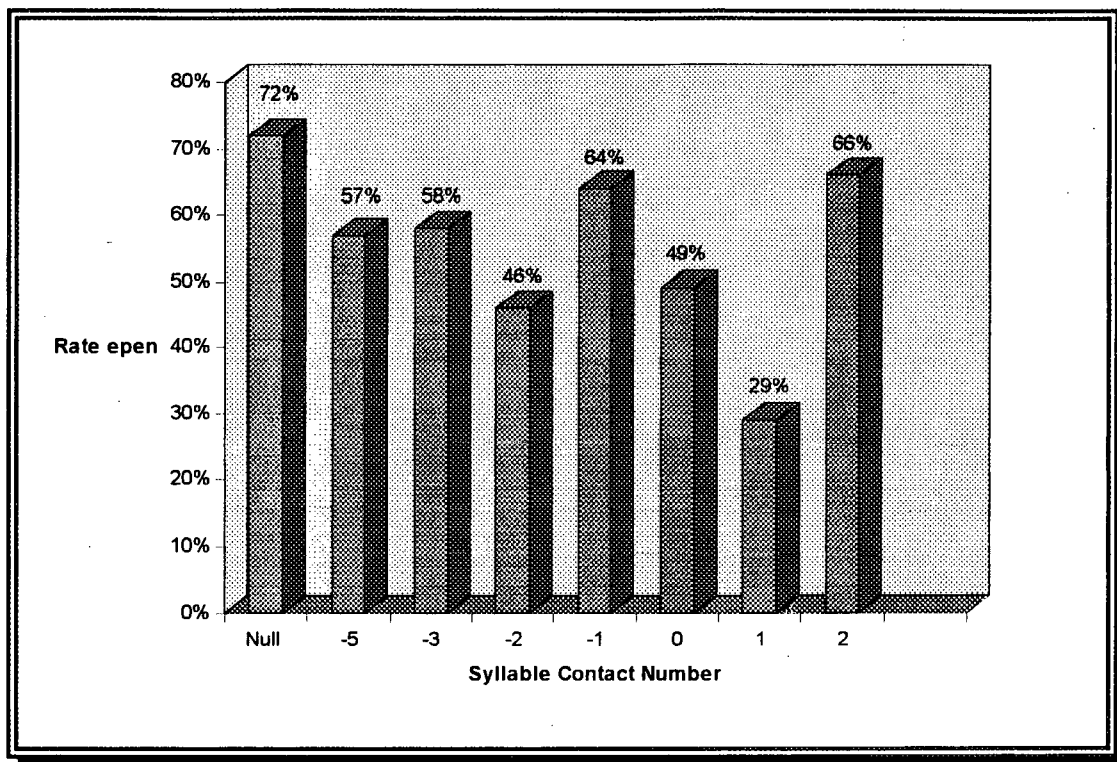
Group results were important for statistical reasons because of the fact that the number of sentences within each category was small. General tendencies could be masked in the report of the individual results. The results concerning the frequencies of epenthesis obtained for the whole group of subjects for the different syllable contact numbers show that the highest rates come from the positive end of the scale- 66% for

(+2), and then from the middle of the scale- 64% for (-1), and then from the negative end- 57% for (-5). The lowest rate- 29% for (+1)- is next to the highest at the positive end of the scale. It is obvious that there is no sequence according to the syllable contact numbers (Table 15 and Figure 15).

**Table 15 : Group rates of epenthesis for the different syllable contact numbers**

	Null	-5	-3	-2	-1	0	+1	+2
<b>N<sup>o</sup> prod's</b>	488	303	50	125	95	364	164	102
<b>N<sup>o</sup> epen</b>	351	173	29	58	61	178	47	67
<b>Rate epen</b>	72%	57%	58%	46%	64%	49%	29%	66%

**Figure 15 : Group rates of epenthesis for the different syllable contact number**

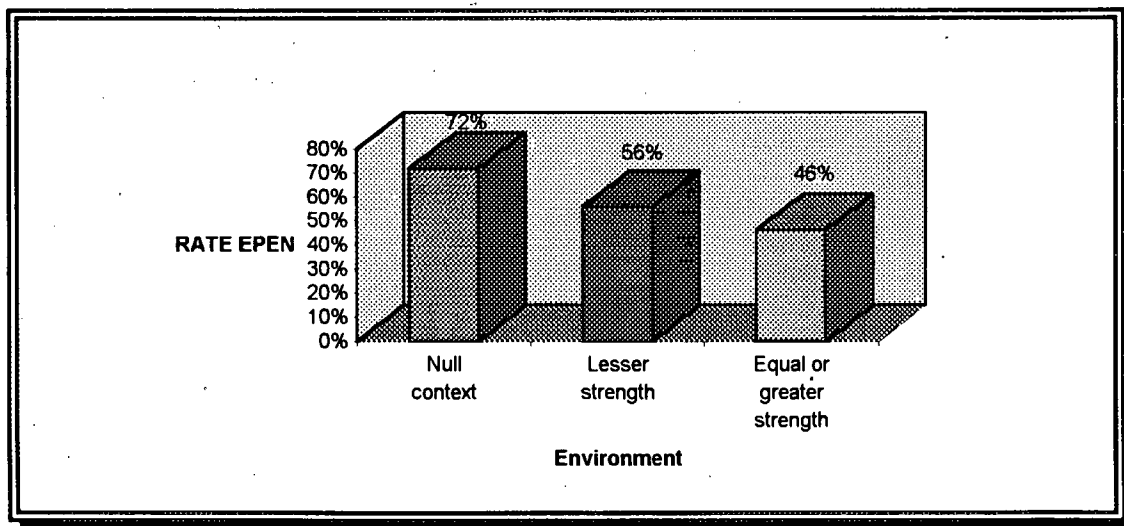


Environments were also analysed according to whether they were null, environments of lesser strength ( $[-5]$ ,  $[-3]$ ,  $[-2]$ ,  $[-1]$ ), and environments of equal or greater strength ( $[0]$ ,  $[+1]$ ,  $[+2]$ ). Table 16 and Figure 16 show that the frequency of epenthesis was considerably higher after the null context (72%) than after the other two. As to the difference between environments of greater or lesser strength, contrary to expectations, more epenthesis was produced after segments of lesser strength (56%) than those of greater strength (46%), making it impossible to support hypothesis 3, based on Murray and Vennemann's Syllable Contact Law.

**Table 16 : Rates of epenthesis for null context, environments of lesser strength and environments of equal or greater strength**

	Null	Lesser strength	Equal/greater strength
<b>N° prod's</b>	488	573	630
<b>N° epen</b>	351	321	292
<b>Rate epen</b>	72%	56%	46%

**Figure 16 : Rates of epenthesis for null context, environments of lesser strength and environments of equal or greater strength**



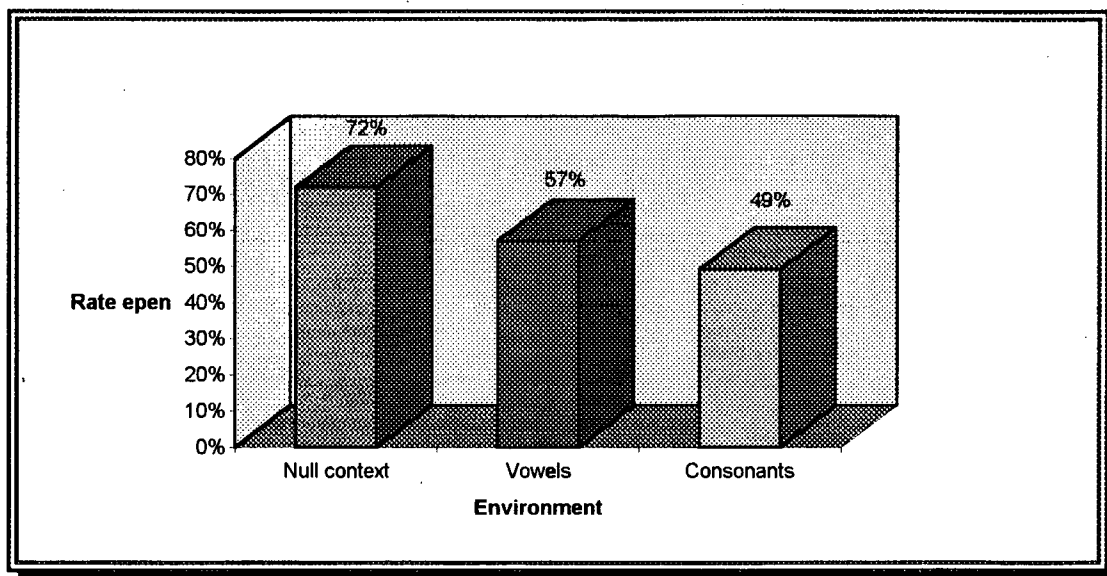
An analysis was also conducted in which environments were divided into vowels, consonants or simply null. Results displayed on Table 17 and Figure 17 show that the highest rate of epenthesis occurred after the null context (72%), followed by

vowels (57%) and finally, by consonants (49%). The total rate of epenthesis obtained for the null context was fifteen percentage-points higher than that obtained for vowels, and twenty-three percentage-points higher than that obtained for consonants. There was very little difference between the total rate of epenthesis for vowels and the total rate for consonants, the former actually being eight percentage-points higher. Although results concerning vowels and consonants showed a slight tendency to be contrary to the expectations, a statistical analysis would be necessary here in order to say that vowels caused more epenthesis than consonants.

**Table 17 : Rates of epenthesis for null context, vowels and consonants**

	<b>Null context</b>	<b>Vowels</b>	<b>Consonants</b>
<b>N° prod's</b>	488	303	900
<b>N° epen</b>	351	173	440
<b>Rate epen</b>	72%	57%	49%

**Figure 17 : Rates of epenthesis for null context, vowels and consonants**



An analysis comparing voiced/voiceless obstruent pairs in the context was conducted in order to verify if these subgroups of consonants could be acting as variable constraints. The rates of epenthesis for the voiced stops were 69% for /b/, 52% for /d/, and 85% for /g/. In regard to the voiceless stops, the rates were 28% for /p/, 27% for /t/, and 23% for /k/. The rates of epenthesis for the voiced fricatives were 45% for /v/, 25% for /ð/, 63% for /z/, and 100% for /ʒ/. Voiceless fricatives yielded the following rates of epenthesis : 32% for /f/, 11% for /θ/, 40% for /s/, and 27% for /ʃ/. The rates of epenthesis for the affricates were 86% for the voiced /dʒ/ and 49% for the voiceless /tʃ/. Thus, the results show that, in every case, the rate for

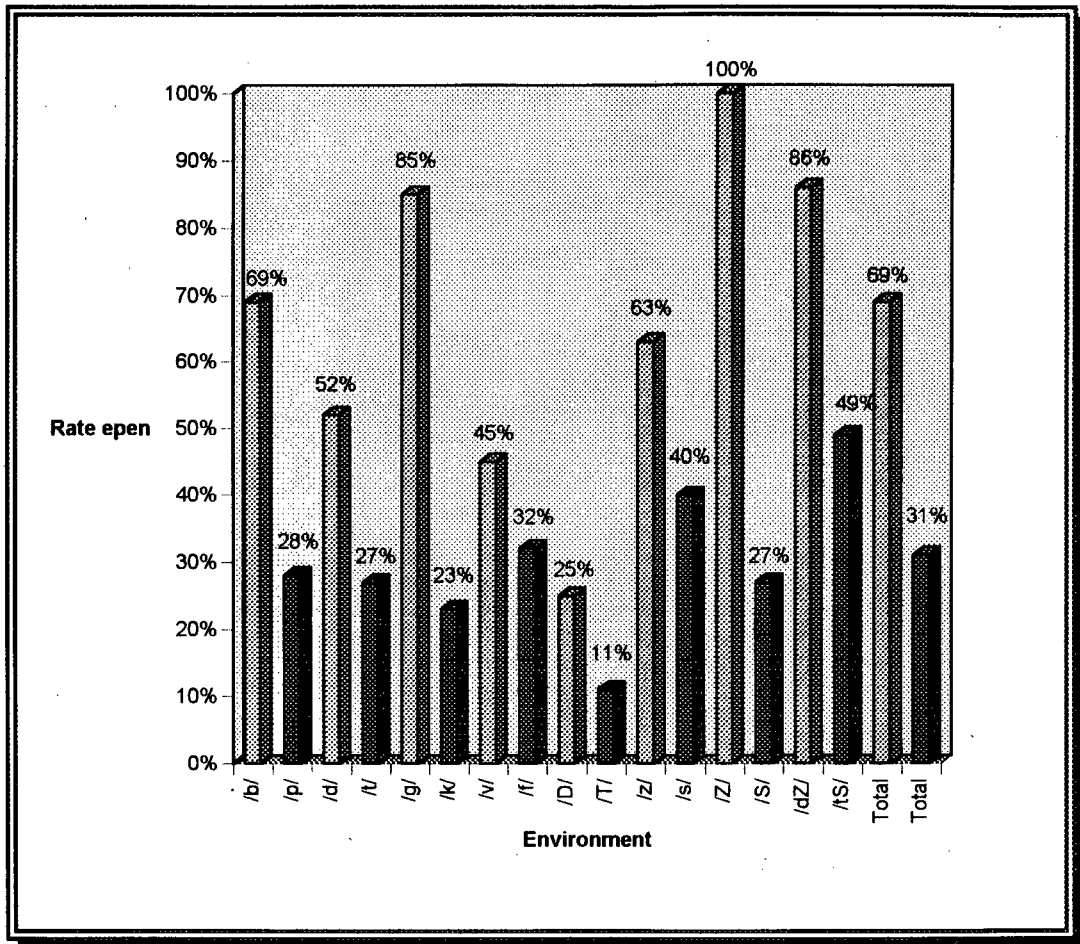
the voiced member of the pair was much greater than the rate for the voiceless member, and in half of the pairs the rate for the voiced member was more than twice as great. Collapsing these results, the average rate of epenthesis for voiced obstruents was (69%), compared to less than half- 31%- for voiceless obstruents. It appears clear that voicing assimilation in the environment is a very important variable (Table 18 and Figure 18).

**Table 18 : Rates of epenthesis for voiced/voiceless obstruent pairs in the context**

Voiced Obstruents									
	/b/	/d/	/g/	/n/	/ð/	/z/	/ʒ/	/dʒ/	Total
<b>N° prod's</b>	49	73	66	22	4	54	14	56	338
<b>N° epen</b>	34	38	56	10	1	34	14	48	235
<b>Rate epen</b>	69%	52%	85%	45%	25%	63%	100%	86%	69%
Voiceless Obstruents									
	/p/	/t/	/k/	/f/	/θ/	/s/	/ʃ/	/tʃ/	Total
<b>N° prod's</b>	46	62	57	87	27	35	29	49	392
<b>N° epen</b>	13	17	13	28	3	14	8	24	120
<b>Rate epen</b>	28%	27%	23%	32%	11%	40%	27%	49%	31%

**Figure 18 : Rates of epenthesis for voiced/voiceless obstruent pairs in the context**

**(Dark bar: voiceless / Light bar: voiced)**



#### 4.4.2- Discussion of the different environments

In the individual analysis, only results of subject 1 supported the hypothesis based on Murray and Venneman's (1983 :520) Syllable Contact Law, since this subject produced more epenthesis after environments of equal or greater strength



(49%) than after environments of lesser strength (33%), although the highest rate of epenthesis (60%) was obtained for null context. The results of the remaining subjects (2, 3, 4, 5, and 6) contradicted the Syllable Contact Law in the sense that environments of lesser strength caused somewhat more epenthesis than environments of equal or greater strength. Three out of these subjects (4, 5, and 6) produced more epenthesis after null context than any other type of environment. The tendency showed by the results which were contrary to the SCL would have to be further investigated by carrying out a statistical analysis

Results for the whole group demonstrate that there was little difference between the total rate of epenthesis for environments of lesser strength (56%) and the total rate for environments of equal or greater strength (46%). The former actually being ten percentage-points higher than the latter. The null context, which caused the highest frequency of epenthesis (72%), was sixteen percentage-points higher than environments of lesser strength, and twenty-six percentage-points higher than environments of equal or greater strength. Thus, although it cannot be said from these data that results contradict the hypothesis based on Murray and Vennemam's Syllable Contact Law, since no statistical analysis was conducted they certainly do not support it. No relation was found between the syllable contact numbers and the way the frequency of epenthesis increased or decreased. In other words, the frequency of epenthesis did not increase gradually from the syllable contact numbers of lesser strength to those of equal or greater strength. Rather, no consistency was found in regard to these numbers. Thus, these results show that strength relations across the

syllable by themselves did not seem to influence the rate of epenthesis produced by the subjects.

The null environment was the only type of environment which expressed a consistently high rate of epenthesis in all the analyses conducted. Only in the individual analysis of subjects 2 and 3 this environment did not cause the highest rate of epenthesis. The reason why the null context induced epenthesis to such a high degree may have to do with the fact that when words are said in the stream of speech some instantiations of epenthetic vowel may be deleted, and may, therefore, surface much less often in the speech of learners than when they occur before a word initiating a sentence or before a word which is preceded by pause. In Tarone's study (1987a) of epenthesis after codas of single consonants, results regarding null context also yielded the highest rate of epenthesis (50%) of all environments considered.

Carlisle (1991:85) considered vowels and consonants to be the only environmental constraints which influenced the rate of epenthesis, since no significant result was obtained for the subgroups of consonants *sonorant vs. obstruents* and *voiced vs. voiceless obstruents*. The results of this study concerning vowels and consonants as environments did not corroborate those of Carlisle (1991, 1994), who found the frequency of epenthesis to be higher after word-final consonants than after word-final vowels. Tarone (1987a) also found a higher frequency of epenthesis before word-initial consonants than word-initial vowels. In the present study, though, vowels induced epenthesis (57%) more frequently than consonants (49%), although this difference was not statistically confirmed. The subgroups voiced/voiceless obstruent pairs seem to have acted as environmental constraints, since the rate of

epenthesis for the voiced obstruents was 69% while that for the voiceless obstruents was 31%. Again, the issue of voicing assimilation seems to have played a crucial role in inducing epenthesis. In the results of the previous section it was suggested that the voicing of the fricative /s/ in initial /s/-clusters caused high rates of epenthesis produced by the subjects, since the voicing assimilation of this fricative led /s/-nasal and /s/-liquid clusters to become more marked than s-stop clusters. In this section, results show that voiced obstruents caused the second highest frequency of epenthesis (69%), followed by 57% obtained for vowels and 31% for voiceless obstruents. The highest rate of epenthesis, though, was that obtained for null environment (72%). The difference between these total rates of epenthesis would have to be confirmed by a statistical analysis in order to make stronger claims concerning the degree of difficulty of these environments. A statistical test would be interesting specially for comparing voiced obstruents to vowels and null context to voiced obstruents, since the difference between these environments was rather small in terms of percentage-point.

Carlisle (1991 :90) states that both the degree of sonority of the preceding environment as well as the sonority relationships among the members of initial /s/ clusters may affect the frequency in which epenthesis occurs. In the present study none of these constraints seems to have played a major role in affecting the rate of epenthesis. Instead, markedness relationships in terms of voicing assimilation between members of the initial /s/ clusters acted as a more powerful constraint in inducing epenthesis than length of cluster or strength relations within and across syllables.

Thus, a constraint different from those observed in previous studies could be proposed to influence the rate in which epenthesis occurs in second language acquisition.

The large range of percentages obtained for the different syllable contact numbers seems to indicate that there is something in the environment affecting difficulty. For instance, the high rate of epenthesis for the null context may be related to the fact that speakers were not assisted by rhythm. Also, some syllable contact numbers (+2, 0, -1) involve segments which require assimilation (/tʃ, dʒ, ʃ, z, ʒ/) a process not usually present in the speech of these learners. As already discussed, the results of this study contradicted those obtained by Carlisle (1991) and Tarone (1987a), whose subjects were non-native speakers of English living in English-speaking countries. In the present study, none of the subjects was fluent in English or had ever spent any time abroad. These aspects may have to do with the difference in the results obtained from previous research, since when there is a lack of fluency, it may make no difference whether a word ends in a vowel or a consonant. In this study learners frequently could not make the assimilation between words.

All in all, there is some evidence that environment was relevant, but not in the direction of previous research (the vowel vs. consonant constraints proposed by Carlisle, 1991) or in terms of the predictions made based on the syllable contact numbers. Silva's (forthcoming) results were in the direction predicted by the same theory, but his study dealt with final singleton consonants, while the present study dealt with initial /s/ clusters, which in themselves are exceptional.

The results of this study show that although languages share many universal properties, some of the individual features of the native language may sometimes play a more important role in the process of acquisition than any of the universal characteristics of languages. This is the case of the voicing assimilation of the fricative /s/ before nasals and liquids in different syllables in Portuguese. This particular characteristic of Portuguese seemed to have influenced the rate of epenthesis to a higher degree than strength relations within and across syllables, aspects of the syllable which are more universal.

#### **4.5-Summary of Overall Results**

The first hypothesis predicted that learners would have more difficulty in producing initial three-segment clusters than two-segment ones. The results of the two analyses carried out in order to verify whether the length of the cluster influenced the rate of epenthesis were as follows :

- when comparing /sC/ clusters vs. /sCC/ clusters independent of cluster components, results show that there was very little difference between the total rate of epenthesis for /sC/ structures and the total rate for /sCC/ structures. A statistical analysis would be necessary in order to confirm that the /sC/ structures caused more epenthesis than the /sCC/ structures.
- when comparing clusters grouped by their second component, results show that /sCC/ clusters caused somewhat more epenthesis than /sC/ for two groups of

clusters analysed, while in the third group of clusters /sC/ structures were more difficult to produce than /sCC/. Because of the small difference between the total rates of epenthesis for the /sC/ and for the /sCC/ clusters, it cannot be said from these data that the tri-literal structures caused more difficulty.

Thus, the results concerning the first hypothesis showed that cluster length alone did not determine the rate of epenthesis, since, in general, /sC/ clusters caused somewhat more epenthesis than /sCC/ clusters. This would have to be further investigated in future research in the field.

The second hypothesis predicted that clusters in violation of the sonority hierarchy principle /sp, st, sk, spɹ, stɹ, spl, skw/ would cause more epenthesis than clusters not in violation /sl, sm, sn/. Results demonstrated that clusters which are not in violation actually caused somewhat more epenthesis than clusters which are in violation, therefore, showing that strength relations within the syllable did not act as a crucial factor in causing epenthesis. In spite of the great difference between the rates of epenthesis obtained for the /s/-sonorant clusters in relation to the /s/-stop clusters, a statistical test would be necessary in order to confirm that the former causes more epenthesis than the latter.

The third hypothesis predicted that strength relations across the syllable would affect the difficulty learners would find in producing initial /s/ clusters. Results showed that strength relations across the syllable did not act as a crucial factor in causing epenthesis, since there was very little difference between the total rate of epenthesis for environments of lesser strength and the total rate for environments of

equal or greater strength. Also, there was no tendency for epenthesis to increase or decrease with the degree of difference in strength across syllables.

Environment was found to be important, not in terms of the difference in strength between A & B, but in terms of the degree of markedness regarding voicing assimilation. Markedness relationships of voicing assimilation were found to be important not only in the environment, but also with the clusters themselves. Thus, the voicing assimilation of /s/ in clusters not in violation (/s/-nasal and /s/-liquid) made them become more marked than /s/-clusters in violation (/s/-stop), and, consequently, more difficult to be produced. In this study, markedness relationships of voicing assimilation seem to have predominated over strength relationships within and across the syllable.

It is important to point out that a statistical analysis would be necessary in this study only to confirm the unexpected results obtained for each of the hypotheses. That is to say, for showing that : a) bi-literal clusters cause more epenthesis than tri-literal clusters ; b) clusters not in violation cause more epenthesis than clusters in violation ; c) environments of lesser strength cause more epenthesis than environments of equal or greater strength. In regard to the original hypotheses, it was possible to answer them even without a statistical test, since all results tended in the opposite direction.

## Chapter 5- Conclusion

### 5.1- Limitations of the Research

The results of this study would have been more reliable if the following aspects were improved :

*a) statistical analysis-* a statistical test would be necessary in order to confirm the unexpected results obtained for the hypotheses as well as to confirm the results concerning the voicing assimilation of /s/. It would not be necessary, though, in order to answer the original hypotheses ;

*b) a larger number of subjects ;*

*c) various sociolinguistic contexts-* different sociolinguistic contexts could have been used besides list-reading. The resulting pronunciation would have been less accurate in free speech than in word-list reading, but the patterns found would most likely have been the same. The use of various sociolinguistic and phonological contexts can be illustrated by Beebe's (1988) study. She, the first SLA researcher to follow Labov (Dickerson, 1974), tested 10 subjects over 9 months in 3 different speech "styles" : free speech, dialogue reading and word-list reading. She also included different phonological contexts. For all the subjects the list-reading produced the most accurate pronunciation and the free speech the least accurate. They were also consistent in reacting to the phonological contexts- the same contexts elicited more or less accurate pronunciation for all subjects. The



easier the sociolinguistic context (speech style) and the phonological context, the more accurate the variable produced, but the patterns were the same.

*d) one more rater in order to have interrater reliability.*

The ideal way to conduct this research would have been by improving all the limitations just mentioned, but it was not possible due to the limited scope of this research (Master's thesis). Thus, I would suggest that all these aspects were taken into consideration in a group research in the field.

## **5.2- Theoretical Implications**

In this section, some suggestions will be made concerning the theories used in this study in relation to the results obtained. According to Anderson (1987 :283), longer clusters are more marked than shorter clusters, and therefore, more difficult to be acquired. If this statement is to be applied on a universal basis, /sC/ clusters should have been easier than /sCC/ clusters. However, results showed that, at least for this particular group of learners, shorter clusters caused more epenthesis than longer clusters, thus, casting doubt on the degree to which SL production is constrained by UG. Perhaps we should be more cautious and say that the extent to which learners have access to these principles and parameters is directly related to the interaction between their native language and the target language. This seems to be a plausible explanation of why results did not support the influence of UG in terms of cluster

length, but did support the influence of UG in regard to markedness relationships in terms of voicing, both in the environment and within the cluster itself.

Young-Scholten (1994) investigated one of the principles of sonority, the sonority sequencing generalisation, based on the production of initial clusters by Arabic learners in a study conducted by Broselow (1987). She concluded that phonological principles of UG are accessible to second language learners, since the subjects who took part in that research were sensitive to the violations of the sonority sequencing generalisation in some of the initial /sC/ clusters. In the present study, however, clusters not in violation of the Syllable Structure Conditioning caused more epenthesis than clusters in violation. Again, results were contrary to predictions made by UG, at least from the perspective of strength relations.

Hooper's (1976) theory of universal and language-specific syllable structure served as the basis for this research. In her theory she proposes a universal condition on preferred syllable structure which determines, among other aspects of the syllable, that the degree of strength of the consonantal segments which comprise a syllable should decrease from syllable-initial position towards the nucleus. Hooper also proposes that a syllable-initial C be stronger than the immediately preceding syllable-final C, a principle which was further reformulated by Murray & Venneman (1983 :520) and served as the basis for the Syllable Contact Law. According to the Syllable Contact Law, the more the consonantal strength of A exceeds that of B, the greater the syllable structure violation will be, and the more likely some remedial measures will be employed in order to improve syllable contact. If we analyse the results of this research in relation to the theory on which it was based, we can see that

strength relations within and across the syllable did not have much effect on the production of initial /s/-clusters, since clusters in violation of the Syllable Structure Conditioning caused less epenthesis than clusters not in violation, the only exception being the comparison between nasals and the lateral, and environments of equal or greater strength caused less epenthesis than environments of lesser strength. Thus, there is very little support in the results of this study for the relevance of strength relations within or across the syllable to second language acquisition. Rather, the results concerning the tendency to voice the sibilant in voiced environments indicate that native-language transfer has taken preference over UG. It can be said, then, that results of this study have not demonstrated any link between second language acquisition of /s/-clusters and diachronic language change, the perspective from which the syllable was investigated by Murray & Venneman.

### **5.3- Pedagogical Implications**

The results of several studies (Patkowski, 1994 ; Carlisle, 1994 ; Yavas, 1994) conducted in the field of second language phonological acquisition have provided important information for the teaching of pronunciation. The findings of such studies certainly enrich the instruction of pronunciation, since learners can have access to material and activities suitable to their levels and presented based on a hierarchy of difficulty. The grading of the teaching material implies presenting less complex structures first, followed by more complex structures. One of the greatest benefits provided by these findings is, in my opinion, the interaction between what takes place

in research and what teachers actually do in class, since for many years researchers worked basically on their own, making no further use of the results obtained from their studies. Thus, the application of these findings to the teaching of pronunciation works like a bridge connecting two separate worlds.

The role of the teacher in the teaching of pronunciation should be that of someone who makes use of the latest findings in the field and adapts them to the learners' reality. In other words, not all teaching suggestions made apply necessarily to all learners of different L1 backgrounds. In fact, specific characteristics of the native language should be considered carefully. To illustrate this fact, the present study resulted in a different hierarchy of difficulty than that obtained by Carlisle (1994), although both studies dealt with initial /s/-clusters. This difference may be related to the fact that in this study the subjects' native language was Portuguese while in the study conducted by Carlisle the subjects' native language was Spanish.

Carlisle (1994) suggests that less marked structures be presented to learners before more marked structures. Based upon his results, two-member onsets should be presented before three-member onsets, /sl/ cluster before /sm/ and /sn/ clusters, /sm, sn, sl/ before /st, sk, sp/, and vocalic environment before consonantal environments.

Results of the present study indicate that when teaching the /s/-nasal and /s/-liquid clusters, the voiceless quality of /s/ should be stressed, since the rate of epenthesis increases dramatically with the voicing of /s/ in these structures. Another

suggestion is that the environments in which the /s/-clusters appear should be practiced in the following sequence :

- Voiceless contexts
- Vowels
- Voiced contexts

The null context should be the last environment to be presented to learners. Learners should also be taught how to link words in order to avoid pauses, which helped increase the rate of epenthesis. Again, it is important to point out that these teaching points may be specific to native speakers of Brazilian Portuguese whose language differs in many respects from other languages already investigated.

#### **5.4- Future Research**

Besides the improvement of all the limitations mentioned above, many aspects of the present study could be changed in order to obtain more comprehensive and reliable results concerning the acquisition of initial /s/-clusters by Brazilian EFL learners. For instance, the difference between natural acquisition and classroom learning could also be investigated. Subjects would then be selected according to these two categories. One more change that could be made in relation to the present research is to have subjects divided into Spanish and Portuguese speakers. This would provide findings more specific to each of these languages, since most of the previous studies on /s/-clusters dealt basically with Spanish speakers.

Concerning the corpus, my suggestion is that environments should be better controlled in order to collect a balanced amount of each of the contexts. Substitutions of environments occurred very frequently for different reasons. For instance, /l/ was rarely produced as a lateral, but usually as the vowel /u/ due to native language interference. The segment /ʒ/ was frequently substituted by /dʒ/ due to spelling interference. The phoneme /ð/ was often replaced by /d/ also because of native language interference. Thus, a better way of ensuring the production of these contexts could be developed in future research.

More essential than any of the suggestions made above is that researchers in the field of second language acquisition take a greater interest in the area of phonology and, consequently, help enlighten this so neglected area of second language teaching.

## Appendices

### Appendix A- Corpus

#### 1) **sp Clusters**

/i/- He speaks with the girls all the time.

/eɪ/- They spoilt everything.

/u/- How do you spell your name?

/ou/- No spitting on the floor.

/p/- That map specially attracted me.

/t/- Do not speed up, please.

/k/- The black spades are in the big box.

/s/- His father is a famous speech therapist.

/ʃ/- Your rush spoilt everything.

/f/- People's life span in Brazil is not very long.

/tʃ/- I don't like such spoilt children.

/θ/- The twentieth Spanish person in the list is Carlos.

/b/- The whole mob spoke to the minister.

/d/- A mad sponsor decided to pay for the conference.

/g/- The big spatula is for the icing of the cake.

/z/- You should always specify what you want.

/ʒ/- She bought a beige spaniel.

/v/- Lots of spectators were standing by the gate.

/ð/- Children love playing with spades.

/dʒ/- We don't give the judge special privileges.

/m/- There are some special effects in that film.

/n/- This has been done specially for you.

/ŋ/- They sang spectacular songs.

/r/- The beggar spelt his name.

/l/- Several species of mammal are in danger of extinction.

null- Spaghetti is my favourite dish.

## 2) **st Clusters**

/eɪ/- You may stay here.

/u/- Those guys are too stubborn.

/ou/- No standing near the door.

/aɪ/- My staff is better trained.

/p/- I hope steelworkers are not on strike.

/t/- Don't get stuck there.



/k/- I do not like stale bread.

/s/- Hamley's is a famous store in London.

/ʃ/- Don't brush stallions in this area.

/f/- Jeff steals all the time.

/θ/- The cloth stains cannot be removed.

/tʃ/- That is such still water.

/b/- They rob students out in the park.

/d/- You should stand up for your rights.

/g/- The big stapler is better.

/z/- She was stabbed by her husband.

/ʒ/- The rouge stuck on the clown's face.

/v/- It's all a matter of style.

/ð/- Clean the cut with sterilised cotton.

/dʒ/- The judge stood by the window.

/m/- I'm starving.

/n/- Mix all the ingredients and then stir the sauce.

/ŋ/- You can see shooting stars at night.

/r/- Peter stares at me every day.

/l/- All staple diets are regular and basic.

null- Students are not allowed in the hall.

**3) sk Clusters**

/u/- If you do skateboarding you're prone to having bad knees.

/ou/- You should go skiing.

/aɪ/- That guy skin-dives every weekend.

/aʊ/- The cow skipped across the pasture.

/p/- I hope skiving does not become common practice here.

/t/- The cupboard was hanging a bit skew.

/k/- The book skips over adult life.

/s/- Famous skinheads were present at the meeting.

/ʃ/- Josh skidded into the ditch.

/f/- This section is a brief sketch of the school's history.

/θ/- Both skiers got hurt.

/tʃ/- Which ski lift are you taking?

/b/- Bob skimps on his warm-up exercises all the time.

/d/- Some fish passed skimming along the bottom of the sea.

/g/- Big skiffs are not allowed in this river.

/z/- She is skeptical about it.

/ʒ/- Beige skirtings were fitted on that house.

/v/- He has a nice pair of skis.

/ð/- They acted with skill and conviction.

/dʒ/- She was wearing a huge skirt.

/m/- Sam skinned his knee.

/n/- A human skeleton consists of many bones.

/ŋ/- Long skeins of geese were flying over the rooftops.

/r/- Mark likes roller-skating.

/l/- Paul skewered bits of meat on the branches.

null- Sketchpads are useful for drawing on.

#### 4) **sw Clusters**

/ou/- A few years ago swearwords were rarely heard.

/aɪ/- Thai sweets are delicious.

/au/- You must now swear on the Bible.

/oɪ/- The boy swept the floor yesterday.

/p/- Stop swanking, please.

/t/- The showers brought swarms of insects to the place.

/k/- Turtle-neck sweaters are beautiful.

/s/- This swampy area should be cleared.

/ʃ/- Josh swapped his old car for a new one.

/f/- Think of your wife sweating over the stove.

/θ/- Both swans belong to the local zoo.

/tʃ/- Which sweater should I wear?

/b/- Bob swatted mosquitoes all night long.

/d/- David swore he would never tell anyone.

/g/- Big swastikas were drawn on the wall.

/z/- These swimmers were the winners.

/ʒ/- Beige sweatbands were worn by the athletes.

/v/- These plants grow by the edges of swamps.

/ð/- You can find many people with swarthy complexions.

/dʒ/- She worked at a huge switchboard.

/m/- Jim swaggered back to his place.

/n/- Wrap the baby in swaddling clothes.

/ŋ/- Don't take a long swallow of this whiskey!

/r/- Peter swam out into the sea.

/l/- Michael swabbed the floor this morning.

null- Sweets are bad for your teeth.

5) **sm Clusters.**

/i/- They always see smugglers crossing the border.

/ou/- So smokers are not allowed here?

/au/- The bow smashed into the dock.

/oɪ/- She gave me a coy smile.

/p/- This soup smells good.

/t/- I've got small pox.

/k/- You look smart tonight.

/s/- London is famous for its smog.

/ʃ/- Josh smirked and left the room.

/f/- My wife smokes heavily.

/θ/- They both smashed up the car.

/t ʃ/- Each smithy should be cleared today.

/b/- Bob smiled at me.

/d/- His dad smacked him on the bottom.

/g/- Big smelters are used in this factory.

/z/- She said his smile was beautiful.

/ʒ/- She wore a beautiful beige smock.

/v/- They were accused of smash-and-grab robbery.



/f/- His wife sniggered at him.

/θ/- They both snicked their fingers with the knife.

/tʃ/- Which sniper shot at her?

/b/ Bob sneaked up behind me.

/d/- The lid snapped shut.

/g/- There are many big snails around here.

/z/- I'm tired of these snappish pupils.

/ʒ/- She likes her beige sneakers.

/v/- I would have snapped up a chance like that.

/ð/- You have trouble with sneezing, don't you?

/dʒ/- The hotel has a huge snack bar.

/m/- Children like the game 'snakes and ladder'.

/n/- Ian snagged his trousers on a bramble.

/ŋ/- The swamp is full of long snakes.

/r/- These drugs cure snakebites.

/l/- Beautiful snapdragons were planted in the garden.

null- Snake charmers are very popular in India.

7) **sl Clusters**

/i/- Paul uses many slang words.

/eɪ/- They sleep long hours every day.

/u/- Sue slapped him across the face.

/oɪ/- The little boy sliced the bread.

/p/- Wake up sleepyhead!

/t/- Security has got a bit slack.

/k/- Jack slung the book across the room.

/s/- She fell into a dreamless sleep.

/ʃ/- Josh slandered her behind her back.

/f/- There was a great rough slab in front of the house.

/θ/- They both slept on the couch.

/tʃ/- There was too much slapstick in the comedy.

/b/- Bob slunk away to his room.

/d/- Ted sloshed water all over the room.

/g/- She was given a big sledgehammer.

/z/- Mark is always slagging off his friends.

/ʒ/- She has a beautiful beige sleeping bag.

/v/- She is fond of slap-up meals.



/ð/- The baby's eyes were clogged with sleep.

/dʒ/- There is a huge slammer in this town.

/m/- Tom slowed down at the intersection.

/n/- Jack's face has been slashed with broken glass.

/ŋ/- My shirt has long sleeves.

/r/- Peter slammed the door.

/l/- All sleepers are taken at the moment.

null- Slackers are not well paid in this company.

## **8) spr Clusters**

/i/- We sprayed a little perfume over ourselves.

/u/- Did you spread the news around?

/eɪ/- They sprawled out on the bed last night.

/oʊ/- That old man is so sry, it's unbelievable!

/p/- I hope sprouts will come out.

/t/- They ate meat spring-rolls.

/k/- Jack sprained his ankle.

/s/- This sprinkler is not working properly.

/ʃ/- They are having fresh spring-onions.

/f/- Jeff spread out the newspaper.

/θ/- Both spring-rolls are spicy.

/tʃ/- Each spring we go to the country side.

/b/- Bob spring-cleaned the house last weekend.

/d/- The door of the safe had sprung open.

/g/- Meg sprinted to her car.

/z/- He was sprung from prison.

/ʒ/- It was a beige springboard made of wood.

/v/- They bought a couple of springy mattresses.

/ð/- She was caught with springboks in the trunk of her car.

/dʒ/- The village sprawled all over the mountain.

/m/- Jim sprinkled the pie with sugar.

/n/- Paris is beautiful in springtime.

/ŋ/- He went on a drinking spree.

/r/- Hair spray is very bad for the ozone layer.

/l/- Small sprats are found in the sea.

null- Sprayers should wear special clothes.

9) **spl Clusters**

/i/- He splashed the water.

/eɪ/- The motorway splits this community in half.

/u/- They do splendid clay work.

/ou/- Peter is so splenetic sometimes.

/p/- We need to stop splinter groups from being formed.

/t/- She wrote splendid detective novels.

/k/- Jack splurged on an expensive car.

/s/- The police splashed through the shallow water.

/ʃ/- Don't rush splenetic boy!

/f/- This is a rough splintery surface.

/θ/- Both splendiferous films were selected for the festival.

/tʃ/- Which split peas do you want?

/b/- Little Kathy's bib split.

/d/- There were loud splashes coming from the bathroom.

/g/- I've got a big splinter in my foot.

/z/- Food was splattered all over the kitchen wall.

/ʒ/- She wore a beige splint on one leg.

/v/- He did that in a burst of spleen.

/ð/-He pressed the mattress with splayed fingers.

/dʒ/- It's a huge split level house.

/m/- She was caring for him splendidly.

/n/- Brian spliced the film together.

/ŋ/- That was an exciting splashdown.

/r/- Peter splashed out and bought a new car.

/l/ He heard an occasional splatter of snow on the window.

null- Splats were heard in the laundry area.

#### **10) str. Clusters**

/eɪ/- Don't say strange things.

/u/- They acted too strangely.

/ou/- You should go straight ahead.

/aɪ/- My strategy is to avoid the enemy.

/p/- There was a sponge and a bar of soap strewn on the floor.

/t/- Eight streets have been closed.

/k/- She told the joke straight-faced.

/s/- Loose strands of wire can be dangerous.

/ʒ/- Have you been to the Turkish Straits?

/f/- His wife strongly influenced his choice.

/θ/- Her bags had cloth straps.

/tʃ/- How much stretching has she done?

/b/- Bob struggled to finish his paper.

/d/- I went to bed straightaway.

/g/- The big streetlamp was out.

/z/- These strawberries are delicious.

/ʒ/- The rouge strangely disappeared.

/v/- She has a lot of strength.

/ð/- There are hills abound with streams and waterfalls.

/dʒ/- The village straggles down the hillside.

/m/- Relations between our families became strained.

/n/- Brendon strode along the river.

/ŋ/- Betty's hair is being straightened at the hairdresser's.

/r/- This has always been their struggle.

/l/- He is a tall strapping boy.

null- Strict upbringing won't do her any good.

## 11)                    skw Clusters

/u/- He's chosen the blue square.

/ou/- No squads will be located at the border.

/aɪ/- That guy squandered his savings last weekend.

/oɪ/- You don't seem to enjoy squalid flats.

/p/- Stop squelching, Peter!

/t/- They eat squash at every meal.

/k/- They look squarely at social problems.

/s/- That was a delicious square meal.

/ʃ/- Josh squatted down under the tree.

/f/- Jeff squealed on Paul.

/θ/- Both squashy tomatoes were used in the salad.

/tʃ/- I like peach squash.

/b/- Bob squeezed the packs.

/d/- It was an area of a hundred square miles.

/g/- He gave her hand a big squeeze.

/z/- She always squabbles over little details.

/ʒ/- His shirt had beige squares.

/v/- There are people living in conditions of squalor.

/ð/- I saw her with squirrels around her feet.

/dʒ/- Village squatters were evicted this morning.

/m/- It would have made him squeamish to look at it.

/n/- The town square was well-kept.

/ŋ/- There was a strong squall over the bay yesterday.

/r/- There was a car squashed between two lorries on the motorway.

/l/- Several squad cars were sent to the area.

null- Square deals were given to them.

**12)**

**skr Clusters**

/ou/- Only low scrub can survive on that land.

/aɪ/- I scabbled weakly at the sanded floor.

/au/- You don't know how scrupulous he is.

/oɪ/- The oldest boy scribbled all over the floor.

/p/- I hope screenwriters will appear soon.

/t/- They offer a somewhat scrappy education.

/k/- He does not like scrambled eggs.

/s/- The police scrawled on a piece of paper.

/ʃ/ Josh scrambled up the bank.

/f/- Jeff scraped through his exams last semester.

/θ/- If we both scrape up enough money we can open a bar.

/t ʃ/- There is no policy concerning such screening.

/b/- Rob screwed up his eyes as he faced the sun.

/d/- They both should scam.

/g/- Meg scratched the boy's back.

/z/- I held his scraggy wrist.

/ʒ/- It was written on a beige scroll.

/v/- It was made of scraps of old clothes.

/ð/- The programme started off with scripted dialogue on tape.

/dʒ/- It was a huge scrapbook.

/m/- Sam screamed in terror.

/n/- All nuts have been scraped.

/ŋ/- He bought a long screwdriver.

/r/- You have to make your way over screes of stones.

/l/- People like small screens.

null- Scruffy children can be found in the street.



## Appendix B- Transcriptions

### Subjects 1 and 2

1)	sp Clusters	
	subject 1	subject 2
/i/- He speaks	[ hispiks ]	[ hispiks ]
/eɪ/- They spoilt	[ deɪspɔɪlt ]	[ deɪ + spɔɪlt ]
/u/- you spell	[ juɪspɛw ]	[ jəɪspɛw ]
/ou/- No spitting	[ noʊ + + əspɑɪtɪŋ ]	[ deɪspɪtɪŋ ]
/p/- map specially	[ mæpəspeʃiəli ]	[ mæp + ɪspeʃiəli ]
/t/- not speed	[ nɒtspi:d ]	[ nɒtspi:d ]
/k/- black spades	[ blækɪspeɪdz ]	[ blækɪspeɪdz ]
/s/- famous speech	[ feɪməʊspitʃ ]	[ fəməʊs + ɪspitʃ ]
/ʃ/- rush spoilt	[ hʌʃspɔɪlt ]	[ ʌʃəspɔɪlt ]
/f/- life span	[ laɪf + əspæ̃n ]	[ laɪfspæ̃n ]
/tʃ/- such spoilt	[ sʌtʃɪspɔɪlt ]	[ sʌtʃəspɔɪlt ]
/θ/- twentieth Spanish	[ twentɪ + əspæ̃niʃ ]	[ twentɪθ + spæ̃niʃ ]
/b/- mob spoke	[ mɒb + spɔwk ]	[ mɒbspɔwk ]
/d/- mad sponsor	[ mæd + əspɒnsə ]	[ mædɪspɒnsə ]

/g/- big spatula	[ bigspat̩əla ]	[ bigi + əspat̩ula ]
/z/- always specify	[ əʊweɪz + ɪspesɪfaɪ ]	[ əlweɪz + əspesɪfaɪ ]
/ʒ/- beige spaniel	[ beɪdʒ + speɪnjəw ]	[ beɪdʒɪspɛnjəl ]
/v/- of spectators	[ ɒf + +spekteɪtɔːs ]	[ ɒf + spɛktatoːz ]
/ð/- with spades	[ wɪspeɪs ]	[ wɪdəzpeɪdz ]
/dʒ/- judge special	[ dʒʌdʒə + əspɛʃɪəl ]	[ ʒudʒɪspɛʃiəl ]
/m/- some special	[ sʌməspɛʃiəl ]	[ sɒmɪspɛʃiəl ]
/n/- done specially	[ dʌnəspɛʃiəlɪ ]	[ dʌnəspɛʃiəlɪ ]
/ŋ/- sang spectacular	[ seŋəsɛtəkjulə ]	[ seŋɪspɛtɛkjulə ]
/r/- beggar spelt	[ bigarspelt ]	[ bəgə + spɛwt ]
/l/- Several species	[ sɛvərəʊspɛs ]	[ sɛvərəʊ + +spɪsɪz ]
null- Spaghetti	[ ɪspagɛtɪ ]	[ spagɛt ]

2)

st Clusters

/eɪ/- may stay	[ meɪsteɪ ]	[ meɪsteɪ ]
/u/- too stubborn	[ tu + stʊbɔːn ]	[ tu + əstʊbɔːn ]
/ou/- No standing	[ noʊstændɪŋ ]	[ noʊɪstændɪŋ ]
/aɪ/- My staff	[ maɪstaf ]	[ maɪstæf ]
/p/- hope steelworkers	[ hoʊpɪstɪw ]	[ hoʊp + əstɪlwoːkəz ]

/t/- get stuck	[ gæt + stʌk ]	[ gætɪs \$ tʌk ]
/k/- like stale	[ laɪkstəɪju ]	[ laɪkstəle ]
/s/- famous store	[ feɪməʊz + stɔː ]	[ fəməʊzəstɔː ]
/ʃ/- brush stallions	[ brʌʃ + + əsteɪlɪənz ]	[ brʌʃstəlɪənz ]
/f/- Jeff steals	[ dʒɛfəsteɪwz ]	[ dʒɛf - əsteɪwz ]
/θ/- cloth stains	[ klaʊs + əsteɪnz ]	[ kləθ + ɪsteɪnz ]
/tʃ/- such still	[ sʌtʃ + ɪstɪl ]	[ sʌtʃ + stɪl ]
/b/- rob students	[ rɒbstjuːdnts ]	[ hɒb + stjuːdnts ]
/d/- should stand	[ ʃʊdstænd ]	[ ʃʊdstænd ]
/g/- big stapler	[ bɪgɪstəplə ]	[ bɪgɪstəplə ]
/z/- was stabbed	[ wɒz + + teɪkəbd ]	[ wɒz + ɪstæbəd ]
/ʒ/- rouge stuck	[ huːgəstʌk ]	[ huːdʒɪstʌki ]
/v/- of style	[ əvstajl ]	[ əvstajl ]
/ð/- with sterilized	[ wɪθ + əsteɪrɪlaɪzəd ]	[ wɪθ + + ɪstəɪrɪlɪzəd ]
/dʒ/- judge stood	[ dʒʌdʒədstʊd ]	[ ʒʊdʒə + əstʊd ]
/m/- I'm starving	[ aɪmstɑːvɪŋ ]	[ aɪmɪstɑːvɪŋ ]
/n/- then stir	[ den + stɪ ]	[ den - ɪstɪ ]
/ŋ/- shooting stars	[ ʃʊtɪŋɪstɑːz ]	[ ʃəʊtɪŋstɑːz ]
/r/- Peter stares	[ pɪtəstɑːs ]	[ pɪrə - əstɑːs ]

/l/- All staple	[ əʊsteɪpəʊ ]	[ əuəsteɪpl ]
null- Students	[ ɪstjuːdənts ]	[ stjuːdənts ]

### 3) sk Clusters

/u/- do skateboarding	[ duəskeɪtbɔːdɪŋ ]	[ du + əskeɪtbɔːdɪn ]
/ou/- go skiing	[ go + əskɑːɪŋ ]	[ gu + əskɪn ]
/aɪ/- guy skin	[ gaɪskɪndəɪvz ]	[ gəɪ - ɪskɪn ]
/aʊ/- cow skipped	[ kaʊskɪpəd ]	[ kaʊ - ɪskɪped ]
/p/- hope skiving	[ haʊp + skaɪvɪŋ ]	[ haʊpskɪvɪŋ ]
/t/- bit skew	[ bɪt + ɪskjuː ]	[ bɪtskjuː ]
/k/- book skips	[ buːk + əskɑːps ]	[ buːk + skɪps ]
/s/- Famous skinheads	[ feɪməʊskɪnhɛdz ]	[ feməʊ + ɪskɪnhɛdz ]
/ʃ/- Josh skidded	[ dʒɔːskɑːdɪd ]	[ ʒɔː + ɪskɪdɪd ]
/f/- brief sketch	[ brɪf + əskɛtʃ ]	[ brɪfɪskɛtʃɪ ]
/θ/- Both skiers	[ bɔːθ skaɪəz ]	[ bæʊθ + əskaɪəz ]
/tʃ/- Which ski	[ wɪtʃskaɪ ]	[ wɪtʃəs + skaɪ ]
/b/- Bob skimps	[ bɒbəs + kɪps ]	[ bɒb + ɪskɪps ]
/d/- passed skimming	[ pæsɪdskɪmɪŋ ]	[ pɛsɪd + skɪmɪŋ ]
/g/- Big skiffs	[ bɪgɪskɪfs ]	[ bɪgɪskɪfs ]

/z/- is skeptical	[ iz + skɪptɪkəʊ ]	[ iz - skɛptɪkəʊ ]
/ʒ/- Beige skirtings	[ beɪʒ + əskɪtɪŋz ]	[ beɪʒ + əskɪtɪŋz ]
/v/- of skis	[ əskɪs ]	[ ofəskɪs ]
/ð/- with skill	[ wɪðɪskɪw ]	[ wɪθ + ɪskɪwz ]
/dʒ/- huge skirt	[ hjʊʒ + skɪrt ]	[ hjʊdʒɪskɪrt ]
/m/- Sam skinned	[ sʌm + ɪskɪn ]	[ sam + skɪned ]
/n/- human skeleton	[ ʃʊmənˌskelɪtən ]	[ hjʊmənɪskelɪtən ]
/ŋ/- Long skeins	[ lɒŋŋskɪns ]	[ ləʊŋgəskɪnz ]
/r/- roller-skating	[ ˌhɒləɪskɛtɪŋ ]	[ ˌrɒləɪskɛtɪŋ ]
/l/- Paul skewered	[ paʊ + əskjuəɪ ]	[ paʊ + ɪskɪweɪəd ]
null- Sketchpads	[ skɛtʃpædz ]	[ skɛtʃpædz ]

4)

sw Clusters

/əʊ/- ago swear	[ əgəʊ + swɪəwɔɪd ]	[ əgəʊ + swɪəwɔɪd ]
/aɪ/- Thai sweets	[ taɪswɪts ]	[ θaɪ + swɪts ]
/aʊ/- now swear	[ naʊswɛɪ ]	[ naʊ + swɛɪ ]
/ɔɪ/- boy swept	[ bɔɪswɛp ]	[ bɔɪ + swɛp ]
/p/- Stop swanking	[ stɒpswʌŋkɪŋ ]	[ stɒp + swʌŋkɪŋ ]
/t/- brought swarms	[ brɒtswɑːms ]	[ brɒtswɑːms ]

/k/- neck sweaters	[ nek ++ switəɪz ]	[ nekɪ - swɛrəɪz ]
/s/- This swampy	[ diswēpɪ ]	[ diswēpɪ ]
/ʃ/- Josh swapped	[ dʒɔs + swɛpəd ]	[ ʒɔʃə - ispɛʃiəlɪ ]
/f/- wife sweating	[ waɪf ++ switiŋ ]	* <sup>5</sup>
/θ/- Both swans	[ bɔs + swā ]	[ bæuθ + swowz ]
/tʃ/- Which sweater	[ witʃ + switəɪ ]	[ witʃə - swɛrəɪ ]
/b/- Bob swatted	[ bɔbswɛɪtəd ]	[ bɔb - swɔtəd ]
/d/- David swore	[ deɪvidswɔɪ ]	[ deɪvidswɔɪ ]
/g/- Big swastikas	[ bigswɔstikəs ]	[ bigɪ ++ swɔstikəz ]
/z/- These swimmers	[ dis + swiməɪz ]	[ dizswiməɪz ]
/ʒ/- Beige sweatbands	[ biɪgswitbændz ]	[ beɪdʒ + swɛtbændz ]
/v/- of swamps	[ ɔfswamps ]	[ ɔfswæmps ]
/ð/- with swarthy	[ witə ++ swɔɪtɪ ]	[ wiθ - swɔɪtɪ ]
/dʒ/ huge switchboard	[ hʌdʒswitʃibɔɪd ]	[ hjuːdʒ ++ switʃibɔɪd ]
/m/- Jim swaggered	[ dʒɪmswɛɪdʒəd ]	[ dʒim + izwɔɪdʒəd ]
/n/- in swaddling	[ i ++ swɛdlin ]	[ in ++ sʃwɔdliŋ ]
/ŋ/- long swallow	[ lɒŋswɔləw ]	[ lɒŋswələw ]
/r/- Peter swam	[ pi:təɪswʌm ]	[ pi:təɪ - swæm ]
/l/- Michael swabbed	[ maɪkəʊswɛɪbəd ]	[ maɪkəʊ - swɔbəd ]

<sup>5</sup> -- Sentence not read by the subject.

null- Sweets [ swits ] [ swits ]

5) sm Clusters.

/i/- see smugglers [ si + əsmʌɡlɜːz ] [ si + əsmʌɡlɜːz ]

/ou/- So smokers [ sowzməʊkəɪz ] [ sowizməʊkəɪz ]

/au/- bow smashed [ bow + əzmɛʃəd ] [ bau + izmɛʃəd ]

/oɪ/- coy smile [ kɔɪzmajʊ ] [ kɔɪzmajl ]

/p/- soup smells [ sowpsmɛwz ] [ sowp<sup>h</sup> + izmɛwz ]

/t/- got small [ gotsmaw ] [ gotismɔw ]

/k/- look smart [ luksmaɪ ] [ luk<sup>h</sup>ismaɪt ]

/s/- its smog [ itsmow ] [ itsizmɔg ]

/ʃ/- Josh smirked [ ʒɔsmɪrkəd ] [ ʒɔʃ + izmɪrkəd ]

/f/- wife smokes [ waɪfsmowks ] [ waɪf + izmowk ]

/θ/- both smashed [ bɔsmɛʃəd ] [ bɒθ + izmɛʃəd ]

/tʃ/- Each smithy [ itʃ + smʌtʃi ] [ itʃizmɪθ ]

/b/- Bob smiled [ bɔbizmaɪlowd ] [ bɔbizmaɪled ]

/d/- dad smacked [ dɛdismækəd ] [ dɛd + izmækəd ]

/g/- Big smelters [ bigizmɛltɜːz ] [ bigizmɛwɪtɜːz ]

/z/- his smile [ hɪzmajʊ ] [ hizizmajl ]

/ʒ/- beige smock. [ beɪgizmowk ] [ beɪgizmɔk ]

/v/- of smash	[ ɔfsmɛʃ ]	[ ɔfizmɛtʃ ]
/ð/- with small	[ wɪd + əsmɔw ]	[ wɪθ - ɪzmɔw ]
/dʒ/- huge smudges	[ hʌg + əsmʌdʒəz ]	[ hʌdʒ + ɪzmʌtʃəz ]
/m/- some small	[ sʌmsmɔw ]	[ sʌmɪzmɔw ]
/n/- been smartened	[ bɪnzməʊtɪnəd ]	[ bɪn + ɪzməʊtenəd ]
/ŋ/- making small	[ meɪkɪŋɪsmɔw ]	[ meɪkɪŋɪzmɔw ]
/r/- are smartly	[ aɪsməʊtlɪ ]	[ aɪzməʊtlɪ ]
/l/- Bill smashed	[ biwɪzmɛʃəd ]	[ biw + ɪzmɛʃəd ]
null- Smallholdings	[ smɔwhɔʊdɪ ]	[ əsmɔwhɔʊdɪŋz ]

6) sn Clusters

/i/- She snores	[ ʃɪsnɔɪz ]	[ ʃɪ + ɪznɔɪz ]
/eɪ/- They snatched	[ deɪznɛtʃəd ]	[ deɪ + ɪznɛtʃəd ]
/aʊ/- How snobbish	[ haʊsnɒbɪʃ ]	[ haʊznɒbɪʃ ]
/oɪ/- enjoy snuggling	[ endʒɔɪ + əsnʌɡlɪn ]	[ enʒɔɪ + ɪznɪɡlɪn ]
/p/- Stop snivelling	[ stɒpsnaɪvlɪŋ ]	[ stɒpɪsnɪvelɪŋ ]
/t/- it snappy	[ ɪtɪsnæpɪ ]	[ ɪtɪsnæpɪ ]
/s/ delicious snacks	[ dəliʃɔʊzsnæks ]	[ dəliʃɔʊzsnæks ]



/k/- Jack snared	[ dʒæksnɛɹəd ]	[ dʒæk <sup>h</sup> + iznɛɹəd ]
/ʃ/- Josh sneered	[ dʒɔ:snɪəd ]	[ ʒɔ: + iznɪdɛɹəd ]
/f/- wife sniggered	[ waɪf + + sɪgnɛɹ ]	[ waɪf + iznɪgeɹəd ]
/θ/- both snicked	[ bɔ:s + snɪkəd ]	[ boθ + iznɪkəd ]
/t ʃ/- Which sniper	[ wtʃi + iznɔ:ɪpɛɹ ]	[ wɪtʃɪznɪpɛɹ ]
/b/ Bob sneaked	[ bɒbɪsnɪkəd ]	* <sup>6</sup>
/d/- lid snapped	[ lɪdɪsnɛpəd ]	[ lɪd + iznɛpəd ]
/g/- big snails	[ bɪg + əsneɪjuz ]	* <sup>7</sup>
/z/- these snappish	[ dɪs + + əsnɛpɪʃ ]	[ dɪz + + iznæpɪʃ ]
/ʒ/- beige sneakers	[ beɪʒɪsnɪkəɹz ]	[ beɪʒ + iznɛɪkəɹz ]
/v/- have snapped	[ heɪvsnɛpəd ]	[ heɪvəznæpəd ]
/ð/- with sneezing	[ wɪθɪsnɪzɪŋ ]	[ wɪð + + iznɪzɪ ]
/dʒ/- huge snack	[ hʌg + sneɪk ]	[ hʒudʒɪznɛɪkbɑ: ]
/m/- game snakes	[ geɪm + əsneɪks ]	[ geɪmi + + iznɛɪks ]
/n/- Ian snagged	[ iɑ̃ + əsneɪdʒɪd ]	[ iɑ̃ + iznæged ]
/ŋ/- long snakes	[ lɔŋəsneɪks ]	[ lɔŋɪznɛɪks ]
/r/- cure snakebite	[ kju:ɹznɛɪkbaɪts ]	[ ku:ɹ + iznɛɪkbaɪts ]
/l/- Beautiful snapdragons	[ bjʊrɪfʊəsneɪpdɹæɡɔnz ]	[ bjʊrfulɪznæpdɹæɡɔnz ]
null- Snake	[ sneɪk ]	[ ɪsneɪk ]

<sup>6</sup> -- Sentence omitted from the corpus.

<sup>7</sup> -- Sentence omitted from the corpus.

/ð/- with sleep	[ wɪðslɪp ]	[ wɪθslɪp ]
/dʒ/- huge slammer	[ hʊdʒslæmə ]	[ hʊdʒ + ɪzlæmə ]
/m/- Tom slowed	[ tɒ + əsləʊəd ]	[ tɒ + ɪzləʊəd ]
/n/- been slashed	[ bi + əslæʃəd ]	[ biɪzlæʃəd ]
/ŋ/- long sleeves	[ lɒŋslɪvz ]	[ lɒŋɪzlɪvz ]
/r/- Peter slammed	[ pi:tərislæməd ]	[ pi:rə + ɪzlæməd ]
/l/- All sleepers	[ əwslɪpəz ]	[ əwɪzlɪpəz ]
null- Slackers	[ slækəz ]	[ əzlækəz ]

8) spr Clusters

/i/- We sprayed	[ wɪsprɛɪəd ]	[ wɪzpraɪd ]
/u/- you spread	[ ju:spred ]	[ ju:ɪsprɛɪd ]
/eɪ/- They sprawled	[ deɪsprɔ:ld ]	[ ðeɪ + + sprɔ:ld ]
/ou/- so spry	[ sɔ:spraɪ ]	[ sɔ:wɪsprɔ:ɪ ]
/p/- hope sprouts	[ hɒpspraʊts ]	[ hɒwɪsprɔ:ts ]
/t/- meat spring	[ mi:t + əsprɪŋ ]	[ mi:t + + əsprɪŋ ]
/k/- Jack sprained	[ dʒækspreɪnəd ]	[ dʒækɪsprɛɪnəd ]
/s/- This sprinkler	[ dɪsprɪŋklə ]	[ θɪzprɪŋklə ]
/ʃ/- fresh spring	[ frɛʃ + əsprɪŋ ]	[ frɛʃɪsprɪŋ ]

7)	sl Clusters		
/i/- many slang	[ mənɪ + əslɛŋz ]		[ mənɪzɪŋzlənd ]
/eɪ/- They sleep	[ deɪslɪp ]		[ deɪzɪzlɪp ]
/u/- Sue slapped	[ suəsləpəd ]		[ sju + ɪzləpəd ]
/oɪ/- boy sliced	[ bɔɪəslɪsəd ]		[ bɔɪ + slɪsəd ]
/p/- up sleepyhead	[ ʌp + slɪphɛd ]		[ ʌp + ɪzɪphɛd ]
/t/- bit slack	[ bɪt + əslæk ]		[ bɪtslæk ]
/k/- Jack slung	[ dʒækslʌŋ ]		[ dʒɛki + ɪzlʌŋ ]
/s/- dreamless sleep	[ dɪmɪləslɪp ]		[ dɪmɪləsɪzɪzlɪp ]
/ʃ/- Josh slandered	[ ʒɔsləndərəd ]		[ ʒɔʃ + ɪzlɛndərəd ]
/f/- rough slab	[ haʊgɪzlæb ]		[ hug + ɪzlæb ]
/θ/- both slept	[ bɔs + əslɛp ]		[ bɔθ - ɪzlɛp ]
/tʃ/- much slapstick	[ mʌtʃɪsləpstɪk ]		[ mʌtʃ + ɪzləpstɪk ]
/b/- Bob slunk	[ bɔbslʌŋk ]		[ bɔb + ɪzlʌŋk ]
/d/- Ted sloshed	[ tɛdɔslɔʃəd ]		[ tɛd + ɪslɔʃəd ]
/g/- big sledgehammer	[ bɪgɪzlɛdʒɪ + hɪmɛr ]		[ bɪgi + ɪzlɛdʒhæmɛr ]
/z/- always slagging	[ əʊweɪz + əslɛgɪ ]		[ əlweɪz + ɪzlɛgɪ ]
/ʒ/- beige sleeping	[ bɪgɪslɪpɪ ]		[ beɪʒeɪzlɪpɪ ]
/v/- of slap	[ ɒnzlɛp ]		[ ɔfɪzlɛp ]

/f/- Jeff spread	[ dʒɛfspɹɛd ]	[ dʒɛf+ spɹɛd ]
/θ/- Both spring	[ bɔs + əsprɪŋs ]	[ bowθ + + əsprɪŋ ]
/tʃ/- Each spring	[ itʃsprɪŋ ]	[ itʃɪsprɪ ]
/b/- Bob spring	[ bɔbspɹɪŋklɪnəd ]	[ bɔb + sprɪŋ ]
/d/- had sprung	[ hɛdspɹʌŋ ]	[ hɛdspɹʌŋ ]
/g/- Meg sprinted	[ mɛɡspɹɪntəd ]	[ mɛgi + ɪsprɪntəd ]
/z/- was sprung	[ wɔsprʌŋ ]	[ wɔzɪsprɪŋ ]
/ʒ/- beige springboard	[ blɪŋspɹɪŋbɔrd ]	[ bɪdʒi - sprɪŋbɔrd ]
/v/- of springy	[ ɔfspɹɪŋɪ ]	[ ɔf + sprɪŋɪ ]
/ð/- with springboks	[ wɪðəsprɪŋbɔks ]	[ wɪd + ɪsprɪŋbʊks ]
/dʒ/- village sprawled	[ vɪlɔdʒɪ + spɹɔwɹɛd ]	* <sup>8</sup>
/m/- Jim sprinkled	[ dʒɪəsprɪŋkləd ]	[ dʒɪm + ɪsprɪŋkləd ]
/n/- in springtime	[ ɪnəsprɪŋtaɪm ]	[ ɪn + ɪsprɪŋtaɪm ]
/ŋ/- drinking spree	[ dɪŋkɪŋspɹi ]	[ dɪŋkɪ + əsprɪ ]
/r/- Hair spray	[ hɛɹspɹɛɪ ]	[ hɛɹɪsprɛɪ ]
/l/- Small sprats	[ smɔwspɹɛts ]	[ ɪzmɔwɪzprɛts ]
null- Sprayers	[ əsprɛɹɪɹz ]	[ sprɛɹɪz ]

<sup>8</sup> -- Sentence omitted from the corpus.

9)	spl Clusters	
/i/- He splashed	[ hisplɛʃəd ]	[ hizpləʃəd ]
/eɪ/- motorway splits	[ mɔːtɔʊweɪsplɪts ]	[ mɔːtɔʊweɪ + əsplɪts ]
/u/- do splendid	[ dusplɛndɪd ]	[ du + splɛndɪd ]
/ou/- so splenetic	[ sow + əsplənɛtɪk ]	[ soisplɛnɛtɪk ]
/p/- Stop splinter	[ stopsplɪntəɹ ]	[ stɒp + ɪsplɪŋz ]
/t/- wrote splendid	[ wɹɔwtəsplɛndɪd ]	[ wɹɔwt + ɪsplɛndɪ ]
/k/- Jack splurged	[ dʒɛksplɹɹdʒəd ]	[ dʒɛkəsplɹɹgəd ]
/s/- police splashed	[ pəlɪsɪsplɛʃɪs ]	[ pɒlɪs + ɪsplɛʃəθ ]
/ʃ/- rush splenetic	[ hɹʃɪsplɛnɛtɪk ]	[ ɹʃ + əsplɛnɛtɪk ]
/f/- rough splintery	[ ɹɒgdspɪntɛɹɪ ]	[ hʌg + splɪntɛɹɪ ]
/θ/- Both splendiferous	[ bɔsplɛndɪfɛɹɔwz ]	[ bæʊθ + ɪsplɛndɪfɛɹɔwz ]
/tʃ/- Which split	[ wɪtʃɪsplɪt ]	[ wɪtʃəsplɪts ]
/b/- bib split	[ bɪbɪsplɪt ]	[ bɪbɪsplɪt ]
/d/- loud splashes	[ laʊdɔsplɛʃəd ]	[ laʊdɪsplɛʃɪz ]
/g/- big splinter	[ bɪgɪsplɪntəɹ ]	* <sup>9</sup>
/z/- was splattered	[ wɔz + əsplɛtəd ]	[ wəzɪsplɛtəd ]
/ʒ/- beige splint	[ bɪgɪsplɪnt ]	[ beɪʒɪsplɪnt ]

<sup>9</sup> -- Sentence omitted from the corpus.

/v/- of spleen	[ ɔfisp̩l̩ ]	[ ɔfisp̩l̩ ]
/ð/- with splayed	[ wis + əspl̩ɛɪəd ]	[ wiθ + + ispl̩ɛɪəd ]
/dʒ/- huge split	[ hʌgəspl̩ɪt ]	[ hjudʒispl̩ɪt ]
/m/- him splendidly	[ his + əspl̩ɛndɪdl̩ ]	[ hī + əspl̩ɛndɪdl̩ ]
/n/- Brian spliced	[ bɹaɪnspl̩aɪsəd ]	[ bɹaɪən + + ispl̩aɪsəd ]
/ŋ/- exciting splashdown	[ eksaɪtɪŋɪspl̩ɛʃdn̩ ]	[ eksaɪtəŋəspl̩ɛʃdʒdn̩ ]
/r/- Peter splashed	[ pɪtərspl̩ɛʃəd ]	[ pɪrə + ispl̩ɛʃəd ]
/l/ occasional splatter	[ okəʒənəw + əspl̩eɪtə ]	[ okɛʃowɪspl̩ɛrə ]
null- Splats	[ əspl̩ɛts ]	[ spl̩ɛts ]

#### 10) str Clusters

/eɪ/- say strange	[ seɪgstr̩ɛɪʒi ]	[ seɪəst̩r̩ɛndʒ ]
/u/- too strangely	[ tuːst̩r̩ɛndʒl̩ ]	[ tʃu + ɪst̩r̩ɛndʒəl̩ ]
/ou/- go straight	[ gowstr̩ɛɪʒahɛd ]	[ gow + + st̩raɪt ]
/aɪ/- My strategy	[ maɪst̩r̩ɛtʒɪ ]	[ maɪst̩r̩ɛtʒɪ ]
/p/- soap strewed	[ sɔwpst̩ruəd ]	[ swɔp + əst̩r̩ɛwəd ]
/t/- Eight streets	[ eɪt̩st̩r̩ɪts ]	[ eɪt̩ <sup>h</sup> st̩r̩ɪts ]
/k/- joke straight	[ dʒɔwkst̩r̩ɛɪʒəd ]	[ ɪst̩raɪt ]
/s/- Loose strands	[ lʊst̩r̩ɛndz ]	[ lʊzɪst̩r̩ɛndz ]
/ʃ/- Turkish Straits	[ tʌkɪʃt̩r̩eɪts ]	[ tʌkɪʃɪst̩r̩ɛɪz + + st̩r̩eɪts ]

/f/- wife strongly	[ waɪfəstɹɔŋli ]	[ waɪfstɹɔŋled ]
/θ/- cloth straps	[ klɔʊsəstɹɛps ]	[ kɔθ + ɪstɹæps ]
/tʃ/- much stretching	[ mʌtʃstɹɛtʃɪŋ ]	[ mʌtʃəɪstɹɛtʃɪŋ ]
/b/- Bob struggled	[ bɔbəstɹʌɡlɛd ]	[ bɔb + ɪstɹʌɡlɛd ]
/d/- bed straightaway	[ bɛdstɹaɪtəweɪ ]	[ bɛd + stɹaɪtəweɪ ]
/g/- big streetlamp	[ bɪɡi + ɪstɹiːtlʌmp ]	[ bɪɡi + ɪstɹiːtʃilɛmp ]
/z/- These strawberries	[ dɪstɹɔʊbɛɹɪz ]	[ dɪzɪzɹɔʊbɛɹɪz ]
/ʒ/- rouge strangely	[ hʒʊɡəstɹɛndʒli ]	[ huʒ - stɹɛndʒəli ]
/v/- of strength	[ əfɪstɹɛndʒə ]	[ əfstɹɛnt ]
/ð/- with streams	[ wɪθɹiːmz ]	[ wɪθɹiːmz ]
/dʒ/- village straggles	[ vɪlɪdʒə + əstɹʌɡlɛz ]	[ vɪlɪdʒ + ɪstɹɛɡɔwz ]
/m/- became strained	[ bɪkeɪmɪstɹeɪnɛd ]	[ bɪkəməstɹeɪnɛd ]
/n/- Brendon strode	[ brɛndɔstɹɔwd ]	[ brɛndɔ + əstɹɔwd ]
/ŋ/- being straightened	[ bɪŋɪstɹaɪzɪtnɛd ]	[ bɪŋ + + ɪstɹaɪtnɛd ]
/r/- their struggle	[ deɪstɹʌɡɔw ]	[ dɪzɪstɹʌɡɔw ]
/l/- tall strapping	[ tɔl + stɹɛpɪŋ ]	[ tawəstɹɛpɪŋ ]
null- Strict	[ stɹɪkti ]	[ stɹɪkt ]

11)	skw Clusters	
/u/- blue square	[ bluskwɛɹ ]	[ bluiskwɛɹ ]
/ou/- No squads	[ nowskwɛds ]	[ noiskwɛds ]
/aɪ/- guy squandered	[ gaɪiskwɛndəɹɛd ]	[ gɛɪ + skwɛndəɹɛd ]
/oɪ/- enjoy squalid	[ ɛndʒɔɪɛskwəlɪd ]	[ ɛndʒɔɪ + + iskwəlɪd ]
/p/- Stop squelching	[ stɔpskwɛltʃɪn ]	[ stɔpɪskəʊʃɪn ]
/t/- eat squash	[ ɪtskwɛʃ ]	[ ɛɪtskwɛʃ ]
/k/- look squarely	[ lukskwɛɹɪ ]	[ luk <sup>h</sup> + + iskwɛɹɪ ]
/s/- delicious square	[ dɛlɪʃɛs + ɛskwɛɹ ]	[ dɛlɪʃɪɔwzɪskwɛɹ ]
/ʃ/- Josh squatted	[ ʒɔskɛɪtɪd ]	[ ʒɔʃ + ɛskwɛtɛdɔwn ]
/f/- Jeff squealed	[ dʒɛfɪskwɪlɪd ]	[ dʒɛf + iskwɪlɛd ]
/θ/- squashy tomatoes	[ bɔskwɛʃɪ ]	[ bəʊθ + + iskwɛʃɪ ]
/tʃ/- peach squash	[ pɪtʃskwɛʃ ]	[ pɪtʃɪskwɛʃ ]
/b/- Bob squeezed	[ bɔbɪskwɪzɛd ]	[ bɔb + skwɪzɛd ]
/d/- hundred square	[ hʌndrɛd + + ɛskwɛɹ ]	[ hʌndrɛdɪskwɛɹɪz ]
/g/- big squeeze	[ bɪgɪskwɪz ]	[ bɪgɪskwɪz ]
/z/- always squabbles	[ əʊwɪzskwɛɪblɔw ]	[ əlweɪz + ɛskɛbɔwz ]
/ʒ/- beige squares	[ bɪ + skwɛɹz ]	[ bɛɪʒɪzkwɛɹɛz ]
/v/- of squalor	[ ɔf + + skwɛləɹ ]	[ ɔfɛskwələɹ ]
/ð/- with squirrels	[ wɪskwɪəɹɪz ]	[ wɪθ + ɪskwɪəɹɪz ]



/dʒ/- Village squatters	[ vɪlɒdʒɪskwɛtəz ]	[ vɪlɒdʒ + ɪskwɔːtə ]
/m/- him squeamish	[ hɪmskwɪmɪʃ ]	[ hɪ + əskwɛmɪʃ ]
/n/- town square	[ taʊnskweɪ ]	[ taʊnskweɪ ]
/ŋ/- strong squall	[ stɒŋŋpskwɔːz ]	[ stɒŋŋəskwɔː ]
/r/- car squashed	[ kɑː + əskwɛʃɪd ]	[ kɑː + ɪskwɛʃɪd ]
/l/- Several squad	[ sɛvəɹɒwəskwɛd ]	[ sɛvəɹɒwɪskwɛd ]
null- Square	[ əskweɪ ]	[ skweɪ ]

## 12) skr Clusters

/ou/- low scrub	[ loʊskɹʌb ]	[ loʊ + əskɹʌb ]
/aɪ/- I scabbled	[ aɪskæɪbɔw ]	[ aɪskæɪbɔd ]
/aʊ/- how scrupulous	[ haʊ + əskɹʌpʊləʊz ]	[ haʊɪskɹʌpʊləʊz ]
/oɪ/- boy scribbled	[ bɔɪskɹɪbɔd ]	[ bɔɪ + skɹɪbɔd ]
/p/- hope screenwriters	[ hoʊpəskɹɪnwɹaɪtəz ]	[ hoʊp + skɹɪzwɹaɪtəz ]
/t/- somewhat scrappy	[ sɒmwɔt + skɹæpt ]	[ sɒmwɔtɪskɹæp ]
/k/- like scrambled	[ laɪkskɹæmbɔw ]	[ laɪkskɹæmbɔd ]
/s/- police scrawled	[ pɔlɪsɪskɹɔʊlɔd ]	[ pɔlɪsɪ + əskɹɔʊlɔd ]
/ʃ/ Josh scrambled	[ ʒɔskɹæmbɔʊd ]	[ ʒɔʃ + ɪskɹæmbɔd ]
/f/- Jeff scraped	[ dʒɛfɪskɹæɪpɪd ]	[ dʒɛf + ɪskɹæpɪd ]

/θ/- both scrape	[ bɒsəskreɪpə ]	[ bɒθ + ɪskreɪp ]
/tʃ/- such screening	[ sʌtʃəskrɪnɪŋ ]	[ sʌtʃ + + skɪnɪ ]
/b/- Rob screwed	[ hɒbɪskruːd ]	[ ɹɒbə + + skruːd ]
/d/- should scam	[ ʃu + skæm ]	[ ʃudskæm ]
/g/- Meg scratched	[ meɪg s kɹætʃɪd ]	[ meɪg + skɹætʃɪd ]
/z/- his scraggy	[ hɪskɹæɡɪ ]	[ hɪs + + kɹɛdʒɪ ]
/ʒ/- beige scroll	[ bɪg + skɹɔʊ ]	[ beɪʒɪskɹɔʊ ]
/v/- of scraps	[ əfskæps ]	[ ɔfɪskɹæps ]
/ð/- with scripted	[ wɪðəskɹɪptɪd ]	[ wɪθ + ɪskɹɪptɪd ]
/dʒ/- huge scrapbook	[ hjuːg + skɹeɪpbʊk ]	[ hjuːdʒɪskɹeɪpbʊk ]
/m/- Sam screamed	[ səskɹɪmɪd ]	[ səm + əskɹeɪmɪd ]
/n/-been scraped	[ bɪnskɹeɪptɪd ]	[ bɪnskɹeɪptɪd ]
/ŋ/- long screwdriver	[ lɔŋ + skɹuːdɹaɪvə ]	[ lɔŋ + skɹuːdɹaɪvə ]
/r/- over screens	[ ɔvənskɹɪz ]	[ ɔvə + skɹɪz ]
/l/- small screens	[ smɔʊnskɹɪnz ]	[ ləɪkɪzmɔʊ ]
null- Scruffy	[ skɹʌfɪ ]	[ skɹʌfɪ ]

### Subjects 3 and 4

	sp Clusters	
	Subject 3	Subject 4
/i/- He speaks	[ hiispiks ]	[ hispiks ]
/eɪ/- They spoilt	[ deɪspɔɪlt ]	[ deɪspɔɪlət ]
/u/- you spell	[ juɪspɛl ]	[ juɪspɛw ]
/ou/- No spitting	[ nouɪspɪtɪŋ ]	* <sup>10</sup>
/p/- map specially	[ mæpspeʃəli ]	[ mæp + speʃiəli ]
/t/- not speed	[ nɒtspɪr ]	* <sup>11</sup>
/k/-black spades	[ blɛkspeɪds ]	[ blɛkspeɪdz ]
/s/- famous speech	[ feɪmɒws + ɪspitʃ ]	[ feɪmɒzɪspitʃ ]
/ʃ/- rush spoilt	* <sup>12</sup>	[ ɹʌʃ + əspɔɪlt ]
/f/- life span	[ laɪfspɛn ]	[ laɪfspɛn ]
/tʃ/- such spoilt	[ sʌtʃɪspɔɪlt ]	[ sʌtʃspɔɪlt ]
/θ/- twentieth Spanish	[ twɛtɪspɛniʃ ]	[ twɛntɪspæniʃ ]
/b/- mob spoke	[ mɒbɛspəʊk ]	[ mɒb + əspəʊk ]

<sup>10</sup> -- Sentence omitted from the corpus.

<sup>11</sup> -- Sentence omitted from the corpus.

<sup>12</sup> -- Sentence not read by the subject.

/d/- mad sponsor	[ mɛd <span>ˌ</span> sɒnsɔː ]	[ mæd <span>ə</span> sɒnsɔː ]
/g/- big spatula	[ bɪ <span>ɡ</span> spætulə ]	[ bɪ <span>ɡ</span> spætula ]
/z/- always specify	[ ə <span>l</span> wɪz <span>ə</span> spesɪfaɪ ]	[ ə <span>l</span> uːwɪz + ə <span>l</span> spesɪfaɪ ]
/ʒ/- beige spaniel	[ beɪ <span>dʒ</span> ɪ <span>s</span> pəɪnjəl ]	[ beɪ <span>dʒ</span> ɪ <span>s</span> pəɪnjəʊ ]
/v/- of spectators	[ ə <span>v</span> spek <span>t</span> ɪt <span>ə</span> z ]	[ ə <span>f</span> spek <span>t</span> ɪt <span>ə</span> z ]
/ð/- with spades	[ wɪ <span>ð</span> speɪdz ]	[ wɪ <span>f</span> speɪdz ]
/dʒ/- judge special	[ dʒ <span>ʌ</span> dʒɪ <span>s</span> pe <span>ʃ</span> əl ]	[ dʒ <span>ʌ</span> dʒ <span>ə</span> spe <span>ʃ</span> əl ]
/m/- some special	[ s <span>ʌ</span> mspe <span>ʃ</span> əl ]	[ s <span>ʌ</span> m <span>ə</span> spe <span>ʃ</span> əʊ ]
/n/- done specially	[ d <span>ʌ</span> n <span>s</span> pe <span>ʃ</span> əlɪ ]	[ d <span>ə</span> n <span>s</span> pe <span>ʃ</span> əlɪ ]
/ŋ/- sang spectacular	[ s <span>ɛ</span> ŋ <span>s</span> pet <span>ə</span> kul <span>ə</span> ]	[ s <span>ɛ</span> ŋ + ə <span>s</span> pet <span>ə</span> kul <span>ə</span> ]
/r/- beggar spelt	[ b <span>ɪ</span> g <span>ə</span> rs <span>p</span> ɛlt ]	[ b <span>ɛ</span> g <span>ə</span> + sp <span>ɛ</span> wt ]
/l/- Several species	[ s <span>ɛ</span> v <span>ə</span> ri <span>ə</span> sp <span>ɛ</span> sɪ <span>s</span> ɪz ]	[ s <span>ɛ</span> v <span>ə</span> ri <span>ə</span> sp <span>ɛ</span> sɪ <span>s</span> ɪz ]
null- Spaghetti	[ sp <span>æ</span> ɡ <span>ə</span> t <span>ɪ</span> ]	[ ə <span>s</span> pa <span>ɡ</span> ət <span>ɪ</span> ]

2)

st Clusters

/eɪ/- may stay	[ meɪ <span>ɪ</span> steɪ ]	[ meɪsteɪ ]
/u/- too stubborn	[ tu <span>ʊ</span> st <span>ʌ</span> p <span>b</span> ɔːn ]	[ t <span>ʃ</span> u <span>ə</span> st <span>ʌ</span> p <span>b</span> ɔːn ]
/ou/- No standing	[ n <span>o</span> wɪst <span>ə</span> ndɪŋ ]	[ n <span>o</span> w <span>ə</span> st <span>ə</span> ndɪ ]
/aɪ/- My staff	[ maɪ <span>ɪ</span> st <span>f</span> ]	[ maɪst <span>f</span> ]

/p/- hope steelworkers	[ howpstɪwɜːks ]	[ howpstɪwɜːkəz ]
/t/- get stuck	[ ɡɛtstʌk ]	[ ɡɛt + stʌk ]
/k/- like stale	[ laɪksteɪl ]	[ laɪksteɪbɔː ]
/s/- famous store	[ feɪmɔːstɔː ]	[ feɪmɔːs + əstɔː ]
/ʃ/- brush stallions	[ brʌʃstɛljənz ]	[ brʌʃ + əstɛljɔːnz ]
/f/- Jeff steals	[ dʒɛfstɪwz ]	[ dʒɛfstɪwz ]
/θ/- cloth stains	[ klɒðsteɪnz ]	[ klɒwsəsteɪnz ]
/tʃ/- such still	[ sʌtʃəstiːl ]	[ sʌtʃ + stiːl ]
/b/- rob students	[ rɒbɪstjʊdənts ]	[ rɒb + əstjʊdənts ]
/d/- should stand	[ ʃʊdəstænd ]	[ ʃʊdstænd ]
/g/- big stapler	[ bɪgstæplə ]	* <sup>13</sup>
/z/- was stabbed	[ wɒz + əstæpɪd ]	[ wɒzəstæpɪd ]
/ʒ/- rouge stuck	[ rʊwɔːzstʌk ]	[ rʊz + əstʌk ]
/v/- of style	[ əvəstɑɪl ]	[ əfstɑɪl ]
/ð/- with sterilized	[ wɪðəstɛrɪlaɪzd ]	[ wɪf + əstɛrɪlaɪzɪd ]
/dʒ/- judge stood	[ dʒʌdʒɪstʊd ]	[ dʒʌdʒəstʊd ]
/m/- I'm starving	[ aɪməstɑːvɪŋ ]	[ aɪmstɑːvɪ ]
/n/- then stir	[ denstɪ ]	[ dɛn + stɪ ]
/ŋ/- shooting stars	[ ʃʊtɪŋstɑːz ]	[ ʃʊtɪŋstɑː ]

<sup>13</sup> -- Sentence omitted from the corpus.

/r/- Peter stares	[ pɪrə + estərz ]	[ pɪtə + stərz ]
/l/- All staple	[ awəstɛpɔw ]	[ awəstɛpɔw ]
null- Students	[ stʊdənts ]	[ əstjʊdənts ]

### 3) sk Clusters

/u/- do skateboarding	[ duɪskɛɪrɪbɔɪdɪŋ ]	[ du + əskɛɪtɔɪbɔɪdɪ ]
/ou/- go skiing	[ gɔwɪskɪŋ ]	[ gɔwɪskɑɪn ]
/aɪ/- guy skin	[ gaɪskɪ ]	[ gaɪ + ɪskɪn ]
/aʊ/- cow skipped	[ kaw + skɪpɪd ]	[ kaw + skɪpɪd ]
/p/- hope skiving	[ hɔwpskɪvɪŋ ]	[ hɔwpskɑɪvɪ ]
/t/- bit skew	[ bɪtɪskju ]	[ bɪtskju ]
/k/- book skips	[ bukskɪps ]	[ bukskɪps ]
/s/- Famous skinheads	[ feɪmɔwzɪskɪnhɛds ]	[ feɪmɔws + ɪskɪhɛds ]
/ʃ/- Josh skidded	[ dʒɔʃskɪdɪd ]	[ dʒɔʃ + əskɑɪdɪd ]
/f/- brief sketch	[ brɪfskɛtʃ ]	[ brɪfɪs + kɛtʃ ]
/θ/- Both skiers	[ bɔθskɪəz ]	[ bɔw + skɑɪz ]
/tʃ/- Which ski	[ wɪtʃskɪ ]	[ wɪtʃskɑɪ ]
/b/- Bob skimps	[ bɔbskɪmps ]	[ bɔbɪskɪmps ]
/d/- passed skimming	[ pɛsɪdəskɪmɪŋ ]	[ pɛsɪdskɪmɪ ]

/g/- Big skiffs	[ bigiskɪfs ]	[ bigəskɪfs ]
/z/- is skeptical	[ ɪzskɛptɪkəw ]	[ ɪzəskɛptɪkəw ]
/ʒ/- Beige skirtings	[ beɪdʒəskiɪtɪŋz ]	[ beɪʒə + əskɑɪtɪz ]
/v/- of skis	[ əfskis ]	[ əfskis ]
/ð/- with skill	[ wɪðskiw ]	[ wɪθskiw ]
/dʒ/- huge skirt	[ hʌdʒskiɪt ]	[ hjuːdʒi + əskɛɪt ]
/m/- Sam skinned	[ sæmskɪnɪd ]	[ sam + əskɪnɪd ]
/n/- human skeleton	[ hjuːmənskələtən ]	[ ˌjuːmən + əskələtən ]
/ŋ/- Long skeins	[ lɒŋskəɪnz ]	[ lɒŋəskɪnz ]
/r/- roller-skating	[ ɹɒlɹəskɛɪtɪŋ ]	[ ɹɒləɹskɛɪtɪ ]
/l/- Paul skewered	[ paʊskjuːəd ]	[ paʊ + ɪskjuːɪd ]
null- Sketchpads	[ skɛtʃpɛdz ]	[ əskɛtʃpɛdz ]

4) sw Clusters

/ou/- ago swearwords	[ əgɒwsweɪwɔɪdz ]	[ əgəw + swɛɪwɔɪdz ]
/aɪ/- Thai sweets	[ taɪswɪts ]	[ taɪ + swɪts ]
/aʊ/- now swear	[ naʊswɛɪ ]	[ naʊswɛɪ ]
/ɔɪ/- boy swept	[ bɔɪswɛpt ]	[ bɔɪ + swɛpt ]
/p/- Stop swanking	[ stɒpswɒŋkɪ ]	[ stɒpswɒŋkɪ ]

/t/- brought swarms	[ bɹawtswɔ:ɹmz ]	[ bɹɔwt + swa:ɹmz ]
/k/- neck sweaters	[ nekswɛɹəz ]	[ nek + + swɛtəz ]
/s/- This swampy	[ dis + swɛmpɪ ]	[ diswamp ]
/ʃ/- Josh swapped	[ dʒɔʃ + swɔpɪd ]	[ dʒɔʃ + swɔpɪd ]
/f/- wife sweating	[ waɪfswɪtɪŋ ]	[ waɪfswɪfɪ ]
/θ/- Both swans	[ bɔtswamz ]	[ bowθ + swənz ]
/tʃ/- Which sweater	[ wɪtʃswɪtə ]	[ wɪtʃswɪtə ]
/b/- Bob swatted	[ bɔbswɔtɪd ]	[ bɔbswɔtɪd ]
/d/- David swore	[ deɪvɪdswɔ ]	[ deɪvɪdswɔ ]
/g/- Big swastikas	[ bigswɔstɪkəz ]	[ bigəswɔstɪkəs ]
/z/- These swimmers	[ dis + swɪməz ]	[ diz + swɪməz ]
/ʒ/- Beige sweatbands	[ beɪʒi + swɪtbəndz ]	[ beɪdʒə + swɪtbəndz ]
/v/- of swamps	[ əvswæmps ]	[ əfswæmps ]
/ð/- with swarthy	[ wɪðswɔ:ɹɪ ]	[ wɪðswɔ:ɹɪ ]
/dʒ/- huge switchboard	[ hʌg + swɪtʃɪbɔ:ɹd ]	[ hɹʌdʒi + swɪtʃɪbɔ:ɹd ]
/m/- Jim swaggered	[ dʒɪm + swɔgəɹɪd ]	[ dʒɪm + swɔgəɹɪd ]
/n/- in swaddling	[ ɪnswɔdlɪŋ ]	[ ɪnswɔdlɪ ]
/ŋ/- long swallow	[ lɔŋ + swɔləw ]	[ lɔŋswɔləw ]
/r/- Peter swam	[ pɪtəɹ + swam ]	[ pɪtəɹswam ]
/l/- Michael swabbed	[ maɪkɔwswɔbɪd ]	[ maɪkɔwswɔbɪd ]



null- Sweets                            [ swits ]                            [ swits ]

5)    sm Clusters.

/i/- see smugglers                    [ siəsʍʌɡləɪz ]                    [ si + izʍʌɡləɪz ]

/ou/- So smokers                    [ sɔwəsməʊkəɪz ]                    [ sɔwizməʊkəɪ ]

/au/- bow smashed                    [ baʊ + smɛʃɪd ]                    [ baʊwəsmɛʃɪd ]

/oɪ/- coy smile                        [ kɔɪzmaɪl ]                        [ kɔɪ + izmaɪl ]

/p/- soup smells                        [ sɒp + izmɛlz ]                        [ sɔwɪzsmɛwz ]

/t/- got small                         [ ɡɒtsmɔl ]                         [ ɡɒtsmɔl ]

/k/- look smart                        [ lʊksmɑrt ]                        [ lʊkəzsmɑrt ]

/s/- its smog                            [ ɪtsmɒɡ ]                            [ its + izmʊɡ ]

/ʃ/- Josh smirked                    [ dʒɔʃ + smɪrkt ]                    [ dʒɔʃ + izmɑrkt ]

/f/- wife smokes                    [ waɪfsməʊks ]                    [ waɪfsməʊks ]

/θ/- both smashed                    [ bɔtsmɛʃɪr ]                    [ baʊ + izmɛʃɪd ]

/tʃ/- Each smithy                    [ ɪtʃsmit ]                    [ ɪtʃə + izmɪt ]

/b/- Bob smiled                        [ bɒbsmaɪl ]                        [ bɒbəzmaɪlɪd ]

/d/-dad smacked                    [ dædɪzmɛkt ]                    [ dæd + izmɛkt ]

/g/- Big smelters                    [ bɪɡɪzmɛltəɪz ]                    [ bɪɡəsmɛltəɪz ]

/z/- his smile                         [ hɪzɪzmaɪw ]                         [ hɪzmaɪl ]

/ʒ/- beige smock	[ beɪdʒsmɔwk ]	[ beɪʒɪzmʊk ]
/v/- of smash	[ əvəzmɛʃ ]	[ ɔf + ɪzmɛʃə ]
/ð/- with small	[ wɪdəsmɔw ]	[ wɪfsmɔw ]
/dʒ/- huge smudges	[ hʌdʒɪzmʌdʒɪz ]	[ hɪjʊdʒə + əzmʊds ]
/m/- some small	[ sʌmsmɛl ]	[ sʌməzməw ]
/n/- been smartened	[ bɪnzmaɪtənid ]	[ bɪ + ɪzmaɪtənid ]
/ŋ/- making small	[ meɪkɪŋzmɔl ]	[ meɪkɪ + ɪzmɔw ]
/r/- are smartly	[ ərəsmɑɪtlɪ ]	[ ər + ɪzmaɪtlɪ ]
/l/- Bill smashed	[ bɪwəsmɛʃɪd ]	[ bɪwɪzmɛʃɪd ]
null- Smallholdings	[ smɔwɦowdɪŋz ]	[ ɪzməwɦowdɪz ]

6) sn Clusters

/i/- She snores	[ ʃiɪznɔɪz ]	[ ʃɪznɔɪz ]
/eɪ/- They snatched	[ deɪznɛtʃɪd ]	[ deɪznɛtʃɪd ]
/aʊ/- How snobbish	[ hawəsnɔbɪʃ ]	[ hawɪznɔbɪʃ ]
/oɪ/- enjoy snuggling	[ endʒɔɪznʌɡlɪŋ ]	[ endʒɔɪ + ɪznʌɡlɪ ]
/p/- Stop snivelling	[ stɔpsnɪvəlɪŋ ]	[ əstɔpsnəɪvlɪŋ ]
/t/- it snappy	[ meɪkəsneɪpɪ ]	[ ɪtsneɪpɪ ]
/s/ delicious snacks	[ delɪʃɪəws + əsnɛks ]	[ delɪsɪəwsɪznæks ]

/k/- Jack snared	[ dʒɛksnɛɹɪd ]	[ dʒɛks \$ nɛɹɪd ]
/ʃ/- Josh sneered	[ dʒɔʃ + iznɪɹɪd ]	[ dʒɔʃ + iznɪɹɪd ]
/f/- wife sniggered	[ waɪf snɪgɹɪd ]	[ waɪfə + iznɪgɹɪd ]
/θ/- both snicked	[ bɔʊθ snɪkɪd ]	[ bowθ + iznɪkɪd ]
/tʃ/- Which sniper	[ swɪtʃ snɪpɹə ]	[ wɪtʃ snɪpɹə ]
/b/ Bob sneaked	[ bɔb snɛɹɪkɪɹ ]	[ bɔb snɛɹɪkɪd ]
/d/- lid snapped	[ lɪd snæpɪd ]	[ lɪd ə snæpɪd ]
/g/- big snails	[ bɪg ə snɛɹɪlz ]	[ bɪg ə snɛɹɪwz ]
/z/- these snappish	[ dɪz ə snæpɪʃ ]	[ dɪz ə snæpɪʃ ]
/ʒ/- beige sneakers	[ beɪdʒɪz snɪkəɹz ]	[ beɪdʒ snɪkəɹz ]
/v/- have snapped	[ heɪv ə snæpɪd ]	
/ð/- with sneezing	[ wɪð snɪzɪŋ ]	[ wɪθ snɪzɪ ]
/dʒ/- huge snack	[ hʌg + snɛɹɪk ]	[ hɹʊdʒə + əznək ]
/m/- game snakes	[ geɪmɪs nɛɹɪks ]	[ geɪm əs + əznɛɹɪks ]
/n/- Ian snagged	[ aɪ ə nsnæg ]	[ jən + əznɛgɪd ]
/ŋ/- long snakes	[ lɔŋ snɛɹɪks ]	[ lɔŋ əznɛɹɪks ]
/r/- cure snakebites	[ kʌɹ + iznɛɹɪkbɪts ]	[ kjʊɹ + iznɛɹɪk + bɪts ]
/l/- Beautiful snapdragons	[ bjʊɹɪfəwəznɛɹɪpdɹæɡənz ]	[ bjʊɹɪfəwəznɛɹɪpdɹæɡōz ]
null- Snake	[ snɛɹɪk ]	[ snɛɹɪk ]

7)	sl Clusters		
/i/- many slang	[ mənɪzlen ]		[ mənɪzlen ]
/eɪ/- They sleep	[ deɪzliːp ]		[ deɪzliːp ]
/u/- Sue slapped	[ suəzleɪp ]		[ su + əzleɪp ]
/oɪ/- boy sliced	[ bɔɪzlaɪs ]		[ bɔɪzlaɪs ]
/p/- up sleepyhead	[ ʌpɪzliːphɛd ]		[ ʌp + izliːphɛd ]
/t/- bit slack	[ bɪtslək ]		[ bɪtslək ]
/k/- Jack slung	[ dʒɛkslʌŋ ]		[ dʒɛkslʌŋ ]
/s/- dreamless sleep	[ dɪmləs + ɪslɪp ]		[ dɪmləs + əzliːp ]
/ʃ/- Josh slandered	[ dʒɔʃslændəɪd ]		[ ʒɔʃ + əslændəɪd ]
/f/- rough slab	[ ɹʌk + əsleɪb ]		[ ɹʌf + əzleɪb ]
/θ/- both slept	[ bɔːtsleɪpt ]		[ bɔːts + əzliːpt ]
/tʃ/-much slapstick	[ mʌtʃslæpsɪk ]		[ mʌtʃslæpsɪk ]
/b/- Bob slunk	[ bɒbslʌŋk ]		[ bɒb + əzslʌŋk ]
/d/- Ted sloshed	[ tɛdəzslɔːʃ ]		[ tɛd + əzslɔːʃ ]
/g/- big sledgehammer	[ bɪgɪslɛdʒhɪŋɡə ]		[ bɪg + əzslɛdʒhɪŋɡə ]
/z/-always slagging	[ ɔːlwɪzslæɡɪŋ ]		[ əweɪz + ɪzslæɡɪŋ ]
/z/- beige sleeping	[ beɪdʒslɪpɪŋ ]		[ beɪdʒ + əzslɪpɪŋ ]
/v/- of slap	[ əvslæp ]		[ əvslæp ]

/ð/- with sleep	[ wɪdslɪp ]	[ wɪð + əslɪp ]
/dʒ/- huge slammer	[ hʌdʒɪzləmər ]	[ hjuːdʒəslemər ]
/m/- Tom slowed	[ tɒm + sləʊəd ]	[ tō + əzləʊəd ]
/n/- been slashed	[ bɪnɪslɛʃɪd ]	[ bɪnzlɛʃɪd ]
/ŋ/- long sleeves	[ lɒŋslɪvz ]	[ lɒŋzɪvz ]
/r/- Peter slammed	[ pɪərəʊslæmɪd ]	[ pɪteɪzɪzlæmɪd ]
/l/- All sleepers	[ ɔwəslɪpəz ]	[ əwəzɪpəz ]
null- Slackers	[ slækəz ]	[ əzɪləkəz ]

8) spr Clusters

/i/- We sprayed	[ wɪsprɛɪəd ]	[ wɪsprɛɪəd ]
/u/- you spread	[ juːsprɛɪd ]	[ juːsprɛɪd ]
/eɪ/- They sprawled	[ deɪsprɔʊlɛd ]	[ deɪsprɔʊlɛd ]
/ou/- so spry	[ sɔwɪsprɪ ]	[ sɔwəsprɪ ]
/p/- hope sprouts	[ haʊpspraʊts ]	[ haʊpspraʊts ]
/t/- meat spring	[ miːtsprɪŋ ]	[ miːt + ɛsprɪŋ ]
/k/- Jack sprained	[ dʒækɪsprɛɪnɪd ]	[ dʒækɪ + ɛsprɛɪnɪd ]
/s/- This sprinkler	[ dɪsprɪŋklər ]	[ dɪzɪsprɪŋklər ]
/ʃ/- fresh spring	[ frɛʃsprɪŋ ]	[ frɛʃ + ɪsprɪŋ ]

/f/- Jeff spread	[ dʒɛfspɹɪd ]	[ dʒɛf + əspɹɛd ]
/θ/- Both spring	[ bɒtspɹɪŋ ]	[ bɒwθ + əspɹɪŋ ]
/tʃ/- Each spring	[ ɪtʃspɹɪŋ ]	[ ɪtʃəspɹɪŋki ]
/b/- Bob spring	[ bɒbspɹɪŋ ]	[ bɒb + əspɹɪŋ ]
/d/- had sprung	[ hədspɹʌŋ ]	[ hədspɹʌŋd ]
/g/- Meg sprinted	[ mɛɡspɹɪntɪd ]	[ mɛɡ + spɹɪntɪd ]
/z/- was sprung	[ wəzɪspɹʌŋ ]	[ wəzɪspɹʌŋ ]
/ʒ/- beige springboard	[ beɪdʒɪspɹɪŋbɔːrd ]	[ beɪdʒə + əspɹɪnbɔːrd ]
/v/- of springy	[ əvspɹɪŋɪ ]	[ ɔfspɹɪŋɪ ]
/ð/- with springboks	[ wɪðspɹɪŋbɒks ]	[ wɪð + əspɹɪnbɒks ]
/dʒ/- village sprawled	[ vɪlədʒɪspɹɔːld ]	[ vɪlədʒspɹɔːld ]
/m/- Jim sprinkled	[ dʒɪm + əspɹɪŋklɪd ]	[ dʒɪ + əspɹɪŋklɪd ]
/n/- in springtime	[ ɪ + ɪspɹɪŋtaɪm ]	[ ɪnɪspɹɪŋtaɪm ]
/ŋ/- drinking spree	[ dɪŋkɪŋɪspɹi ]	[ dɪŋkɪ + spɹi ]
/r/- Hair spray	[ hɛr + ɪspɹeɪ ]	[ hɛr + əspɹeɪ ]
/l/- Small sprats	[ smɔːwspɹɛts ]	[ ɪzmɔːwɪspɹɛts ]
null- Sprayers	[ spɹeɪz ]	[ əspɹeɪz ]

9)	spl Clusters	
/i/- He splashed	[ hispləʃɪd ]	[ hisplɛʃɪd ]
/eɪ/- motorway splits	[ mɔːrəweɪsplɪts ]	[ mɔːrəweɪəsplɪts ]
/u/- do splendid	[ duəsplɛndɪd ]	[ duəsplɛndɪd ]
/ou/- so splenetic	[ sowəsplɛnɪk ]	[ sowəsplɛnɛtɪk ]
/p/- stop splinter	[ ɪstɔːpsplɪntə ]	[ stɔːpəsplɪntə ]
/t/- wrote splendid	[ wɹɔːtspɛndɪd ]	[ wɹɔːtspɛndɪd ]
/k/- Jack splurged	[ dʒɛksplɜːdʒɪd ]	[ dʒæk + əsplɜːdʒɪd ]
/s/- police splashed	[ pɔːlɪsɛspləʃɪd ]	[ pɔːlɪsɛsplɛʃɪd ]
/ʃ/- rush splenetic	[ ɹʌʃɪsplɛnɛtɪk ]	[ ɹʌʃəsplɛnɛtɪk ]
/f/- rough splintery	[ ɹʌgəsplɪntəri ]	[ ɹʌdəsplɪntəri ]
/θ/- Both splendiferous	[ bɔːt + əsplɛndɪfərəs ]	[ bɔːθ + əsplɛndɪfərəs ]
/tʃ/- Which split	[ wɪtʃspɪt ]	[ wɪtʃsplɪt ]
/b/- bib split	[ bɪb + ɪsplɪt ]	[ bɪbəsplɪt ]
/d/-loud splashes	[ laʊd + splɛʃɪz ]	[ laʊdəsplɛʃɪz ]
/g/- big splinter	[ bɪgɪsplɪntə ]	[ bɪg + splɪntə ]
/z/- was splattered	[ wəzɛsplɛtəd ]	[ wəzɛsplɛtəd ]
/ʒ/- beige splint	[ beɪdʒɪsplɪnt ]	[ beɪdʒsplɪnt ]
/v/- of spleen	[ ɔːvsplɪn ]	[ ɔːfəsplɪn ]

/ð/- with splayed	[ wɪdəspleɪəd ]	[ wɪf + əspleɪəd ]
/dʒ/- huge split	[ hʌʒɪsplɪt ]	[ hʃudʒsplɪt ]
/m/- him splendidly	[ hɪm + əsplɛndɪdli ]	[ hɪ + əsplɛndli ]
/n/- Brian spliced	[ braɪən + ɪsplɑɪsɪd ]	[ braɪənəsplɑɪsɪd ]
/ŋ/-exciting splashdown	[ əksaɪtɪŋ + əsplɛʃdaʊn ]	[ ɪksaɪfɪ + əsplɛʃdaʊn ]
/r/- Peter splashed	[ pɪtərsplɛʃɪr ]	[ pɪtə + əsplɛʃɪd ]
/l/ - occasional splatter -	[ əkeɪʒənawɪsplɛɪtə ]	[ okəʒənawɪsplætə ]
null- Splats	[ əsplɛts ]	[ splɛts ]

#### 10) str Clusters

/eɪ/-say strange	[ seɪstɹendʒ ]	[ seɪstɹeɪndʒ ]
/u/- too strangely	[ tuəstɹɛŋli ]	[ tuəstɹeɪndʒəlɪ ]
/ou/- go straight	[ ɡowɪstɹeɪr ]	[ ɡowəstɹeɪt ]
/aɪ/- My strategy	[ maɪstɹɛtəʒɪ ]	[ maɪstɹɛtədʒɪ ]
/p/- soap strewed	[ sɔwpəstɹuəd ]	[ sɒpɪstɹjuəd ]
/t/- Eight streets	[ eɪtstɹi:ts ]	[ eɪtstɹi:ts ]
/k/- joke straight	[ dʒɔwkstɹeɪt ]	[ dʒɔwʊkstɹeɪt ]
/s/- Loose strands	[ lu:z + əstɹɛndz ]	[ lu:zəstɹɛndz ]
/ʃ/- Turkish Straits	[ tʃɜ:kɪstɹeɪts ]	[ tʃɜ:kɪ + əstɹeɪts ]



/f/- wife strongly	[ waɪfstɹɔŋlɪ ]	[ waɪfstɹɔŋlɪ ]
/θ/-cloth straps	* <sup>14</sup>	[ kləʊθ + stɹæps ]
/tʃ/- much stretching	[ mʌtʃəstɹɪtʃɪŋ ]	[ mʌtʃstɹɛtʃi ]
/b/- Bob struggled	[ bɒbɪstɹʌɡlɪd ]	[ bɒbəstɹʌɡəʊ ]
/d/-bed straightaway	[ bɛdstɹaɪtweɪ ]	[ bɛd + əstɹaɪt + əweɪ ]
/g/- big streetlamp	[ bɪɡəstɹiːplæmp ]	[ bɪɡəstɹiːləmpə ]
/z/- These strawberries	[ ðizəstɹɔʊbɛɹɪz ]	[ dɪzɹɔʊbɛɹɪz ]
/ʒ/- rouge strangely	[ ʒəʊdʒɪstɹɛŋlɪ ]	[ ʒɹɔʊdʒəstɹɛndʒəlɪ ]
/v/- of strength	[ əvstɹɪŋ ]	[ əfstɹɛɪnts ]
/ð/- with streams	[ wɪðstɹɪmz ]	[ wɪð + stɹɪmz ]
/dʒ/- village straggles	[ vɪlədʒəstɹæɡəʊz ]	[ vɪlədʒɪstɹɪəɡəʊz ]
/m/- became strained	[ bɪkeɪmɪstɹɛɪnɪd ]	[ bɪkeɪmɪstɹɛɪnɪd ]
/n/- Brendon strode	[ brɛndəʊwəstɹəʊd ]	[ brɛndə + əstɹəʊd ]
/ŋ/- being straightened	[ baɪn + əstɹaɪtənɪd ]	[ baɪnɪstɹaɪtənɪd ]
/r/- their struggle	[ deɪəstɹʌɡəʊ ]	[ deɪəstɹʌɡəʊ ]
/l/-tall strapping	[ təʊstɹæpɪŋ ]	[ təʊəstɹæpɪ ]
null- Strict	[ əstɹɪkt ]	[ əstɹɪt ]

<sup>14</sup> -- Sentence omitted from the corpus.

11)	skw Clusters		
/u/- blue square	[ bluəskwɛɹ ]	[ bluəskwɛɹ ]	
/ou/- No squads	[ nowəskwɛds ]	[ nowəskwɛds ]	
/aɪ/- guy squandered	[ gaɪskwʌndəɹɪ ]	[ gaɪ + skwʌndəɹɪd ]	
/oɪ/- enjoy squalid	[ endʒɔɪ + əskwɛd ]	[ endʒɔɪ + əskwæɪd ]	
/p/- Stop squelching	[ stɔpskwɛlʃɪŋ ]	[ stɔpskwɛwtʃɪ ]	
/t/- eat squash	[ itskwɔʃ ]	[ itskwɛʃ ]	
/k/- look squarely	[ lukskwɛɹəɪ ]	[ lukskwɛɹəɪ ]	
/s/- delicious square	[ delɪʃəskwɛɹ ]	[ dəliʃuz + iskwɛɹ ]	
/ʃ/- Josh squatted	[ dʒɔʃɪ + əskwɔɹɪd ]	[ dʒɔʃ + uskwʌtɪd ]	
/f/- Jeff squealed	[ dʒɛfɪskwɪɪd ]	[ dʒɛfɪskwɪɪd ]	
/θ/- Both squashy	[ bɔtskwɛʃɪ ]	[ bowθ + əskwɛʃɪ ]	
/tʃ/- peach squash	[ pitʃəskwɛʃ ]	[ pitʃə + əskwɛʃ ]	
/b/- Bob squeezed	[ bɔbskwɪzɪd ]	[ bɔbɪskwɪzɪd ]	
/d/- hundred square	[ hʌndɹɪdskwɛɹ ]	[ χʌndɹɪdskɛɹ ]	
/g/- big squeeze	[ bɪgɪskwɪz ]	[ bɪgəskwɪz ]	
/z/- always squabbles	[ ɔlweɪzəskwɛbɔwz ]	[ wəweɪz + iskwəbɔw ]	
/ʒ/- beige squares	[ beɪdʒɪskwɛɹz ]	[ beɪdʒɪskwɛɹz ]	
/v/- of squalor	[ əvəskwɛləɹ ]	[ ɔfɪskwələɹ ]	

/ð/- with squirrels	[ wɪd + əskwɪjəwz ]	[ wɪfɪs + kwæjəwz ]
/dʒ/- Village squatters	[ vɪlɪdʒ \$ kwɒtəz ]	[ vɪlɪdʒ + əskwətəz ]
/m/- him squeamish	[ hɪm + skwɪmɪʃ ]	[ hɪ + ɪskwɪmɪʃ ]
/n/-town square	[ tawnskweɪ ]	[ tawnəskweɪ ]
/ŋ/- strong squall	[ əstɹɒŋəskwɔ ]	[ əstɹɒŋəskwɔl ]
/r/- car squashed	[ kærəskwɒʃɪd ]	[ kærəskwɛʃɪd ]
/l/- Several squad	[ sevrəwəskwɒd ]	[ sevrəwəskwɒd ]
null- Square	[ skweɪ ]	[ əskweɪ ]

12) skr Clusters

/ou/- low scrub	[ ləʊ + skɹɒb ]	[ ləwəskɹɒb ]
/aɪ/- I scrabbled	[ aɪskɹæbəl ]	[ aɪskɹæbəwɒd ]
/aʊ/- how scrupulous	[ haʊəskɹjʊləwz ]	[ haʊəskɹjələwz ]
/ɔɪ/- boy scribbled	[ bɔɪəskɹɪbəl ]	[ bɔɪskɹɪblɪd ]
/p/- hope screenwriters	[ haʊpskɹɪnwɹaɪtəz ]	[ haʊpɪ+əskɹɪnwɹaɪtəz ]
/t/- somewhat scrappy	[ sɒməwɒtskɹæpɪ ]	[ swɪmwɒtskɹæpɪ ]
/k/- like scrambled	[ laɪkskɹæmbəd ]	[ laɪkskɹæmbəd ]
/s/- police scrawled	[ pɒlɪsɪ + əskɹəʊlɪd ]	[ pɒlɪsɪ + əskɹəʊlɪd ]
/ʃ/ Josh scrambled	[ dʒɒʃ + əskɹæmbəd ]	[ dʒɒʃ + əskɹæmbəd ]

/f/- Jeff scraped	[ dʒɛfəskɹeɪpɪd ]	[ dʒɛfskɹeɪpɪd ]
/θ/- both scrape	[ bɒðskɹeɪpɪd ]	[ bɔwθ + əskɹeɪpɪd ]
/tʃ/- such screening	[ sʌtʃskɹiːnɪŋ ]	[ sʌtʃskɹiːnɪŋ ]
/b/- Rob screwed	[ rɒbɪskɹuːəd ]	[ rɒbəskɹuːəwɪd ]
/d/- should scam	[ ʃʊd + skɹɪm ]	[ ʃʊdəskɹɪm ]
/g/- Meg scratched	[ mɛɡsəskɹætʃɪd ]	[ mɛɡəskɹætʃ ]
/z/- his scraggy	[ hɪzskɹæɡɪ ]	[ hɪzəskɹæpɹɪ ]
/ʒ/- beige scroll	[ beɪdʒɪskɹɔːl ]	[ beɪzəskɹɔːl ]
/v/- of scraps	[ əvskɹæps ]	[ əfskɹæps ]
/ð/- with scripted	[ wɪðəskɹɪptɪd ]	[ wɪsəskɹɪptɪd ]
/dʒ/- huge scrapbook	[ hʌdʒɪskɹeɪpbʊk ]	[ hɹʊd + əskɹeɪpbʊk ]
/m/- Sam screamed	[ səmskɹɪmɪd ]	[ sʌm + əskɹɪmɪd ]
/n/- been scraped	[ biːnəskɹeɪpɪd ]	[ biːn + əskɹeɪpɪd ]
/ŋ/-long screwdriver	[ lɒŋskɹuːdɹaɪvə ]	[ lɒŋəskɹuːdɹaɪvə ]
/r/-over screens	[ ɔvəskɹiːnz ]	[ ɔvə + əskɹiːnz ]
/l/- small screens	[ smɔːlskɹiːnz ]	[ smɔːwəskɹiːnz ]
null- Scruffy	[ əskɹɪfɪ ]	[ əskɹɪf ]

## Subjects 5 and 6

1)	sp Clusters	
/i/- He speaks	[ hispiks ]	[ hiispiks ]
/eɪ/- They spoilt	[ deɪsplɔɪlt ]	[ deɪspɔɪlt ]
/u/- you spell	[ juːspɛw ]	[ juːspɛl ]
/ou/- No spitting	[ noʊwəspɪtɪŋ ]	[ nɒtspɪfɪ ]
/p/- map specially	[ mæp + əspeʃɪəli ]	[ mæp + əspeʃəli ]
/t/- not speed	[ nɒtspɪr ]	[ dɒntspɪd ]
/k/-black spades	[ blækspɛɪdz ]	[ blækɪspɛɪdz ]
/s/- famous speech	[ feɪməʊspɪtʃ ]	[ feɪməʊz + ɪspɪtʃ ]
/ʃ/- rush spoilt	[ ɹʌʃ + əksplɔɪt ]	[ hʌʃɪspɔɪl ]
/f/- life span	[ laɪf + spæn ]	[ laɪfspæn ]
/tʃ/- such spoilt	[ sʌtʃəspɔɪlt ]	[ sʌʃspɔɪld ]
/θ/- twentieth Spanish	[ twentiθspæniʃ ]	[ twentiθspæniʃ ]
/b/- mob spoke	[ mɒb + spɔʊk ]	[ mɒbɪspɔʊk ]
/d/- mad sponsor	[ mædəspɒnsə ]	[ mædspɒnsə ]
/g/- big spatula	[ bɪgəspɛtjʊlə ]	[ bɪgɪspatʊlə ]
/z/- always specify	[ əweɪzəspesɪfaɪ ]	[ əweɪz + ɪspesɪfaɪ ]

/ʒ/- beige spaniel	[ bɪdʒɪspɛnjəl ]	[ beɪdʒ + əspɛniəl ]
/v/- of spectators	[ əfspekteɪtəz ]	[ əfspekteɪtoz ]
/ð/- with spades	[ wɪðspeɪdz ]	[ wɪðspeɪdz ]
/dʒ/-judge special	[ dʒʌdʒəspeʃəl ]	[ dʒʊdʒɪspeʃəl ]
/m/- some special	[ sʌməspeʃəl ]	[ sʌmspeʃəwz ]
/n/- done specially	[ dʌnəspeʃəlɪ ]	[ dʌnɪspeʃjəlɪ ]
/ŋ/- sang spectacular	[ seŋ + +spektekjuːlə ]	[ səŋspektulə ]
/r/- beggar spelt	[ beɡərəspelt ]	[ bɪɡərɪspelt ]
/l/- Several species	[ sevrəlspɛʃɪz ]	[ sevrələspɛʃɪz ]
null- Spaghetti	[ əspæɡetɪ ]	[ spagetɪ ]

2) st Clusters

/eɪ/- may stay	[ meɪsteɪ ]	[ meɪsteɪ ]
/u/- too stubborn	[ tuːstʊbɔːn ]	[ tʃuːstʊbɔːn ]
/ou/- No standing	[ noʊstændɪ ]	[ noʊstændɪŋ ]
/aɪ/- My staff	[ maɪstaf ]	[ maɪstɛf ]
/p/- hope steelworkers	[ hoʊpstɪlwɜːkəz ]	[ həʊpɪstɪlˈwɜːkəz ]
/t/- get stuck	[ ɡetstʌk ]	[ ɡetstʌk ]
/k/- like stale	[ laɪksteɪl ]	[ laɪksteɪl ]

/s/- famous store	[ feɪmowzəstɔː ]	[ feɪtstɔː ]
/ʃ/- brush stallions	[ bɹʌʃstɛljənz ]	[ bɹʌʃstæliɔːz ]
/f/- Jeff steals	[ dʒɛfstʃiwz ]	[ dʒɛfstiwz ]
/θ/- cloth stains	[ klɔθsteɪnz ]	[ klowθsteɪnz ]
/tʃ/- such still	* <sup>15</sup>	[ sʌtʃistɪw ]
/b/- rob students	[ ɹɔbəstjʊdənts ]	[ ɹɔbɪstjʊdənts ]
/d/- should stand	[ kudəstænd ]	[ ʃudɪstænd ]
/g/- big stapler	[ bɪgɪstɛɪpləw ]	[ bɪgɪstɛplə ]
/z/- was stabbed	[ wəztæb ]	[ wɔzɪstɛɪbd ]
/ʒ/- rouge stuck	[ ɹowdəstʌk ]	[ ɹuzɪstʌk ]
/v/- of style	[ əvstaɪl ]	[ əvstaɪl ]
/ð/- with sterilized	[ wɪðstɛɪɹlaɪzɪd ]	[ wɪθstɛɪɹlaɪzəd ]
/dʒ/- judge stood	[ dʒʌdʒəstʊd ]	[ dʒʌdʒ + ɪstʊd ]
/m/- I'm starving	[ aɪmstɑːvɪŋ ]	[ aɪmɪstɑːvɪŋ ]
/n/- then stir	[ denəstɪ ]	[ denɪstʃɪ ]
/ŋ/- shooting stars	[ ʃʊtɪŋstɑː ]	[ ʃʊtɪŋstɑːz ]
/r/- Peter stares	[ pɪtɛɪstɛɪ ]	[ pɪtɛɪstɛɪz ]
/l/- All staple	[ ɔwstɛɪpləw ]	[ əwɪstɛɪpləw ]
null- Students	[ əstjʊdənts ]	[ stjʊdənts ]

<sup>15</sup> -- Sentence cancelled due to the erroneous inclusion of the indefinite article 'a' between the target words.

3)	sk Clusters		
/u/- do skateboarding	[ duəskeɪt <b>ɪ</b> bɔ:ɪŋ ]	[ duɪskɛɪt <b>ɪ</b> bɔ:ɪŋ ]	
/ou/- go skiing	[ gow <b>ɪ</b> skɪn ]	[ gowɪskɪ <b>ɪ</b> n ]	
/aɪ/- guy skin	[ gaɪəs <b>ɪ</b> skɪn ]	[ gaɪ + ɪskɪ <b>ɪ</b> n ]	
/aʊ/- cow skipped	[ kaw + skɪ <b>ɪ</b> pt ]	[ kawɪskɪ <b>ɪ</b> pəd ]	
/p/- hope skiing	[ howp + əskɛɪ <b>ɪ</b> ŋ ]	[ howp + ɪskɪ <b>ɪ</b> ŋ ]	
/t/- bit skew	[ bɪtə <b>ɪ</b> skju ]	[ bɪtɪsk <b>ɪ</b> ju ]	
/k/- book skips	[ bukəs <b>ɪ</b> kɪps ]	[ bukɪskɪ <b>ɪ</b> ps ]	
/s/- Famous skinheads	[ feɪmowzəs <b>ɪ</b> skɪnhɛdz ]	[ feɪmowz + ɪskɪ <b>ɪ</b> nhɛdz ]	
/ʃ/- Josh skidded	[ dʒɔʃ + ɪskɪ <b>ɪ</b> dɛd ]	[ dʒɔʃ + ɪskɪ <b>ɪ</b> dɪd ]	
/f/- brief sketch	[ bɹɪfɪskɛ <b>ɪ</b> tʃ ]	[ bɹɪfɪskɛ <b>ɪ</b> tʃ ]	
/θ/- Both skiers	[ bowθəskaɪ <b>ɪ</b> z ]	[ bowfɪskɪ <b>ɪ</b> əz ]	
/tʃ/- Which ski	[ wɪtʃkaɪ ]	[ wɪtʃɪskɪ ]	
/b/- Bob skimps	[ bɒbɪskɪ <b>ɪ</b> mps ]	[ bɒbɪskɪ <b>ɪ</b> mps ]	
/d/- passed skimming	[ pɛsəs <b>ɪ</b> skɪmɪŋ ]	[ pɛsədskɪ <b>ɪ</b> mɪŋ ]	
/g/- Big skiffs	[ bɪgskɪ <b>ɪ</b> fs ]	[ bɪgɪskɪ <b>ɪ</b> fs ]	
/z/- is skeptical	[ ɪzskɛ <b>ɪ</b> ptɪkəl ]	[ z + skɛ <b>ɪ</b> ptɪpɔw ]	
/ʒ/- Beige skirtings	[ bɪdʒɪskɪ <b>ɪ</b> tɪŋz ]	[ beɪdʒɪskɪ <b>ɪ</b> tɪŋz ]	
/v/- of skis	[ əvskɪ <b>ɪ</b> s ]	[ əvskɪ <b>ɪ</b> s ]	



/ð/- with skill	[ wɪθskiw ]	[ wɪθəskju ]
/dʒ/- huge skirt	[ hjudʒiskɪrt ]	[ hjuʒ + iskɜrt ]
/m/- Sam skinned	[ sɛməskɪnd ]	[ samskɪnɪd ]
/n/- human skeleton	[ hjumənəskɛlɪtən ]	[ jumən + iskelɛkton ]
/ŋ/- Long skeins	[ lɒŋskainz ]	[ lɒŋskɪnz ]
/r/- roller-skating	[ hɒləʃkɛɪtɪŋ ]	[ hɒləʃiskɛɪtɪŋ ]
/l/- Paul skewered	[ pəʊəskjuəd ]	[ pəʊɪskjuɪd ]
null- Sketchpads	[ skɛtʃpɛdz ]	[ skɛtʃpɛdz ]

## 4) sw Clusters

/ou/- ago swearwords	[ əgɔw + swɛɹwɜɹdz ]	[ əgɔw + swəwɜɹdz ]
/aɪ/- Thai sweets	[ taɪswɪts ]	[ deɪswɪts ]
/aʊ/- now swear	[ naʊswɛɹ ]	[ naʊ + swɛɹ ]
/ɔɪ/- boy swept	[ bɔɪswɛpt ]	[ bɔɪswɛpt ]
/p/- Stop swanking	[ əstɔpswɒŋkɪ ]	[ ɪstɔpswɒŋkɪ ]
/t/- brought swarms	[ brɔtswɜɹmz ]	[ brɔtswɜɹmz ]
/k/- neck sweaters	[ nɛkswɛtəɹz ]	[ nɛkswɛtəɹz ]
/s/- This swampy	[ tɪswɒmpɪ ]	[ dɪswɒmpɪ ]
/ʃ/- Josh swapped	[ dʒɔʃswəpɪd ]	[ dʒɔʃ + swɔpɪd ]

/f/- wife sweating	[ waɪf + swɛfɪ ]	[ waɪfswɛfɪ ]
/θ/- Both swans	[ bowθswɛnz ]	[ bowθswanz ]
/tʃ/- Which sweater	[ hwɪtʃswɛrə ]	[ wɪtʃswɛtə ]
/b/- Bob swatted	[ bɒbswætɪd ]	[ bɒbswɛtəd ]
/d/- David swore	[ deɪvɪdswɔ ]	[ deɪvɪdswɔ ]
/g/- Big swastikas	[ bigswəstɪkəs ]	[ bɪgi + wɛstɪkəz ]
/z/- These swimmers	[ dɪs + swɪmɪz ]	[ dɪswɪmɪz ]
/ʒ/- Beige sweatbands	[ bɪdʒswɛtbændz ]	[ beɪdʒ + swɪtbændz ]
/v/- of swamps	[ əvswāps ]	[ əvswɛmps ]
/ð/- with swarthy	[ wɪs + θwɔrθɪ ]	[ wɪfə + swɔrθɪ ]
/dʒ/- huge switchboard	[ hjuːdʒɪswɪtʃɪbɔrd ]	[ hjuːzi + swɪtʃɪbɔrd ]
/m/- Jim swaggered	[ dʒɪmswægərd ]	[ ʒɪswægɪrd ]
/n/- in swaddling	[ ɪnswɔdlɪŋ ]	[ ɪn + swɛdlɪ ]
/ŋ/- long swallow	[ lɒŋswəlɔw ]	[ lɒŋswəlɔw ]
/r/- Peter swam	[ pɪtərswam ]	[ neɪvərswam ]
/l/- Michael swabbed	[ maɪkəswəbɪd ]	[ maɪkəswɛbɪd ]
null- Sweets	[ swɪts ]	[ swɪts ]

5)	sm Clusters.	
/i/- see smugglers	[ siəzmʌgləɪz ]	[ sizmʌgləɪz ]
/ou/- So smokers	[ sowəzməʊkəɪz ]	[ slɪzməʊkəɪz ]
/au/- bow smashed	[ bowəzmɛʃɪd ]	[ bowizməʃɪd ]
/oɪ/- coy smile	[ kɔɪzmaɪ ]	[ kɔɪzmaɪ ]
/p/- soup smells	[ sowpsmɛwz ]	[ sowp + izmɛwz ]
/t/- got small	[ gɒtsmaʊ ]	[ gɒtsməʊ ]
/k/- look smart	[ luksmaɪt ]	[ lukismaɪ ]
/s/- its smog	[ itsmɒg ]	[ itsmɒg ]
/ʃ/- Josh smirked	[ dʒɔʃsmɜːkɪd ]	[ dʒɔʃ + izmɜːkɪd ]
/f/- wife smokes	[ waɪfsməʊks ]	[ waɪfisməʊks ]
/θ/- both smashed	[ bəʊθmɛʃɪd ]	[ bəʊfizmɛʃɪd ]
/tʃ/- Each smithy	[ itʃəsmɪði ]	[ itʃizmɪði ]
/b/- Bob smiled	[ bɒbəzmaɪld ]	[ bɒbizmaɪləʊd ]
/d/-dad smacked	[ dæd + əzmɛkəd ]	[ dædizmɛkɪd ]
/g/- Big smelters	[ bigizmɛwtəɪz ]	[ bigizmɛwtəɪz ]
/z/- his smile	[ hizmaɪ ]	[ hizizmaɪ ]
/ʒ/- beige smock	[ biːdʒiŋəsmɒk ]	[ beɪdʒi + izmɒk ]
/v/- of smash	[ əfsmɛʃ ]	[ əvisməʊ ]

/ð/- with small	[ wɪθmɔw ]	[ wɪfɪsmɔw ]
/dʒ/- huge smudges	[ hʒudʒəzmʌdʒɪz ]	[ hʒudʒɪzmʌg ]
/m/- some small	[ sʌmɪsmɔl ]	[ sʌmɪzmɔw ]
/n/- been smartened	[ bɪn + ɪzmɑːtənd ]	[ bɪn + ɪzmɑːtəd ]
/ŋ/- making small	[ meɪkɪŋəzmɔw ]	[ meɪkɪɪzmɔw ]
/r/- are smartly	[ aɪəzmɑːtlɪ ]	[ aɪzmɑːtlɪ ]
/l/- Bill smashed	[ bɪwəsmɛʃ ]	[ bɪwɪzmɛʃɪd ]
null- Smallholdings	[ smɔːhɔʊdɪŋ ]	[ ɪzmɔːhɔʊdɪŋz ]

6) sn Clusters

/i/- She snores	[ ʃɪznɔːz ]	[ ʃɪznɔːz ]
/eɪ/- They snatched	[ deɪznɛtʃɪd ]	[ deɪznɛtʃɪd ]
/aʊ/- How snobbish	[ haʊznɔːbɪʃ ]	[ haʊznɔːbɪʃ ]
/oɪ/- enjoy snuggling	[ endʒɔɪznʌɡlɪŋ ]	[ endʒɔɪznʌɡlɪ ]
/p/- Stop snivelling	[ stɔːpsnɪvəlɪŋ ]	[ ɪstɔːpsnɪvəlɪ ]
/t/- it snappy	[ ɪtsnæpɪ ]	[ dɪznæp ]
/s/ delicious snacks	[ dɛlɪʃɪəsneɪks ]	[ dɛlɪʃɔːwəznæks ]
/k/- Jack snared	[ dʒækseɪnɪd ]	[ dʒækɪznɛɪd ]
/ʃ/- Josh sneered	[ dʒɔːʃnɪəd ]	[ dʒɔːsnɪəd ]

/f/- wife sniggered	[ waɪf + əsnɪgəɪd ]	[ waɪfɪznɪgəɪd ]
/θ/- both snicked	[ bəʊθsnɪkɪd ]	[ bəʊfɪsnɪkɪd ]
/tʃ/- Which sniper	[ hwɪtʃsnaɪpə ]	[ wɪtʃsnaɪpə ]
/b/ Bob sneaked	[ bɒbɪznɪkɪd ]	[ bɒb + ɪznɪgə ]
/d/- lid snapped	[ lɪdəznɛpɪd ]	[ lɪdə + ɪznɛpɪd ]
/g/- big snails	[ bɪgɪznɛɪlz ]	[ bɪgɪznɛɪəʊz ]
/z/- these snappish	[ dɪznɛpɪʃ ]	[ dɪs + ɪznɛpɪʃ ]
/ʒ/- beige sneakers	[ bɪdʒi + əznɪkəz ]	[ beɪʒɪsnɪkəz ]
/v/- have snapped	[ heɪvəznɛpɪd ]	[ heɪvəznɛpə ]
/ð/- with sneezing	[ wɪðnɪzɪ ]	[ wɪfznɪzɪ ]
/dʒ/- huge snack	[ hʒudʒəznɛk ]	[ hʒudʒ + znɛk ]
/m/- game snakes	[ geɪməsneɪks ]	[ geɪmɪznɛkəz ]
/n/- Ian snagged	[ ɪən + əznɛg ]	[ janznɛgɪd ]
/ŋ/- long snakes	[ lɒŋzneɪks ]	[ lɒŋzneɪks ]
/r/- cure snakebites	[ kju + ɪznɛɪkbarts ]	[ kjuɪznɛɪkbarts ]
/l/- Beautiful snapdragons	[ bjʊɪfʊləsneɪpdɹægənz ]	[ bjʊɪfəwɪznɛɪpdɹægənz ]
null- Snake	[ əsneɪk ]	[ ɪznɛɪki ]

7)	sl Clusters		
/i/- many slang	[ mʌnɪzɪzɪŋ ]	[ mɛnɪzɪzɪŋ ]	
/eɪ/- They sleep	[ deɪzɪp ]	[ deɪzɪlɪp ]	
/u/- Sue slapped	[ suəzɪləpəd ]	[ suɪzɪləpɪd ]	
/oɪ/- boy sliced	[ bɔɪɪslɑɪsɪd ]	[ bɔɪɪzɪlɑɪsɪd ]	
/p/- up sleepyhead	[ ʌpsɪjphɛd ]	[ ʌp + ɪzɪjphɛd ]	
/t/- bit slack	[ bɪtslæk ]	[ bɪt + ɪzlæk ]	
/k/- Jack slung	[ dʒɛksɪŋ ]	[ dʒɛkɪzɪŋ ]	
/s/- dreamless sleep	[ dɪmɪləslɪp ]	[ drɪmɪləs + əzɪp ]	
/ʃ/- Josh slandered	[ dʒɔʃslændəd ]	[ dʒɔʃlændəɪd ]	
/f/- rough slab	[ ʌfəslæb ]	[ hʌkzɪləb ]	
/θ/- both slept	[ bəʊθslɛpt ]	[ bəʊf + ɪzlɛpt ]	
/tʃ/-much slapstick	[ mʌʃslɛpstɪk ]	[ mʌtʃi + əzɪpstɪk ]	
/b/- Bob slunk	[ bɒbɪzlʌŋk ]	[ bɒbɪzɪlʌŋk ]	
/d/- Ted sloshed	[ tɛdɪslɔʃɪd ]	[ tɛdɪslɔʃɪd ]	
/g/- big sledgehammer	[ bɪgɪzɪlədʒhæməɹ ]	[ bɪg + ɪzɪlədʒɪhæməɹ ]	
/z/-always slagging	[ ɔwɪzɪləgɪŋ ]	[ ɔlweɪzɪləgɪ ]	
/ʒ/- beige sleeping	[ bɪdʒɪzɪlɪpɪ ]	[ beɪdʒ + əslɪpɪ ]	
/v/- of slap	[ ɒnzɪləp ]	[ ɔfəzɪləp ]	

/ð/- with sleep	[ wɪθlɪps ]	[ wɪθslɪp ]
/dʒ/- huge slammer	[ hɪdʒslæmɜː ]	[ hɪdʒzslæmɜː ]
/m/- Tom slowed	[ tōsləʊ ]	[ tō + ɪzləʊəd ]
/n/- been slashed	[ bɪnəzslæʃəd ]	[ bɪnzslæʃɪd ]
/ŋ/- long sleeves	[ lɒŋslɪvz ]	[ lɒŋzslɪvz ]
/r/- Peter slammed	[ pɪtəɹəzslæmɪd ]	[ pɪtəɹɪzslæmɪd ]
/l/- All sleepers	[ ɔwzslɪpɜːz ]	[ əwzslɪpɜːz ]
null- Slackers	[ slækɜːz ]	[ ɪzslækɜːz ]

## 8) spr Clusters

/i/- We sprayed	[ wɪsprɛɪd ]	[ ɪsprɛɪd ]
/u/- you spread	[ juːsprɛd ]	[ juːsprɛd ]
/eɪ/- They sprawled	[ deɪsprəʊld ]	[ deɪsprɔːld ]
/ou/- so sry	[ sɔwɪsprɔɪ ]	[ sɔwɪsprɔɪ ]
/p/- hope sprouts	[ haʊpspraʊts ]	[ haʊpspraʊts ]
/t/- meat spring	[ miːt + ɛsprɪŋ ]	[ miːt + ɪsprɪŋ ]
/k/- Jack sprained	[ dʒækspreɪnd ]	[ dʒækɪsprɛɪnd ]
/s/- This sprinkler	[ dɪsprɪklɜː ]	[ dɪz + ɪsprɪklɜː ]
/ʃ/- fresh spring	- cancelled -	[ frɪʃsprɪŋ ]

/f/- Jeff spread	[ dʒɛfspɹɛd ]	[ dʒɛfspɹɛd ]
/θ/- Both spring	[ bəʊθ + əsprɪŋ ]	[ bəʊθsprɪŋ ]
/tʃ/- Each spring	[ ɪtʃsprɪŋ ]	[ ɪtʃsprɪŋ ]
/b/- Bob spring	[ bɒb + + sprɪŋ ]	[ bɒbɪsprɪ̃ ]
/d/- had sprung	[ hɛdspɹʌŋ ]	[ hɛdɪsprɹʌŋ ]
/g/- Meg sprinted	[ mɛgəsprɪntɪd ]	[ mɛgɪsprɪntɪd ]
/z/- was sprung	[ wɒzspɹʌŋ ]	[ wɒzɪsprɹʌŋ ]
/ʒ/- beige springboard	[ bɪdʒəsprɪŋbɔːd ]	[ beɪzɪsprɪŋbɔːd ]
/v/- of springy	[ əfspɪŋɪ ]	[ əfspɪŋɪ ]
/ð/- with springboks	[ wɪðspɪŋbʊks ]	[ wɪfɪsprɪŋbʊks ]
/dʒ/- village sprawled	[ vɪlɪdʒɪsprɔːld ]	[ vɪlɪʒɪ + ɪsprɔːld ]
/m/- Jim sprinkled	[ dʒɪməsprɪŋklow ]	[ dʒɪɪsprɪŋklow ]
/n/- in springtime	[ ɪnspɪŋtaɪm ]	[ ɪnspɪŋtaɪm ]
/ŋ/- drinking spree	[ dʒɪŋkɪspɪ ]	[ dʒɪŋkɪ + ɪspɪ ]
/r/- Hair spray	[ hɛrsprɛɪ ]	[ hɛɪsprɛɪ ]
/l/- Small sprats	[ smɔːwəsprɛts ]	[ ɪzɪsmɔːwɪsprɛts ]
null- Sprayers	[ sprɛɪz ]	[ sprɛɪz ]



9)	spl Clusters	
/i/- He splashed	[ hiəsplɛʃt ]	[ hisplɛʃɪd ]
/eɪ/- motorway splits	[ mɒtɔːweɪsplɪts ]	[ mɒtɔːweɪsplɪt ]
/u/- do splendid	[ duəsplɛndɪd ]	[ duɪsplɛndɪd ]
/ou/- so splenetic	[ sɔwəsplɛnɛtɪk ]	[ sɔwɪsplɛnɛtɪk ]
/p/- stop splinter	[ stɒpsplɪntə ]	[ ɪstɒpəsplɪnə ]
/t/- wrote splendid	[ wɹɔwtsplɛndɪd ]	[ wɹɔwtsplɛndɪd ]
/k/- Jack splurged	[ dʒɛksplɜːdʒə ]	[ dʒɛgəsplɜːgə ]
/s/- police splashed	[ pɒlɪsɪsplɛʃt ]	[ pɒlɪsɪsplɛʃɪd ]
/ʃ/- rush splenetic	[ ɹʌʃsplɛnɛtɪk ]	[ ɹʌʃ + əsplɛnɛtɪk ]
/f/- rough splintery	[ ɹʌfsplɪntɪ ]	[ ɹɔwəsplɛntɪ ]
/θ/- Both splendiferous	[ bɔwθəsplɛndɪfərəʊs ]	[ bɔw + əsplɛndɪfərəʊz ]
/tʃ/- Which split	[ hwɪtʃsplɪt ]	[ wɪtʃsplɪt ]
/b/- bib split	[ bɪbɪsplɪt ]	[ bɪt + ɪsplɪt ]
/d/-loud splashes	[ laʊdɪsplɛʃɪz ]	[ laʊd + ɪsplɛʃɪz ]
/g/- big splinter	[ bɪgɪsplɪntə ]	[ bɪg + ɪsplɪntə ]
/z/- was splattered	[ wəzplɛtəd ]	[ wəzɪsplɛtə ]
/ʒ/- beige splint	[ beɪdʒɪsplɪnt ]	[ beɪʒɪsplɪnt ]
/v/- of spleen	[ əfɪsplɪn ]	[ əfɪsplɛɪn ]

/ð/- with splayed	[ wɪθ + əspl <u>ɛ</u> ɪd ]	[ wɪfspl <u>ɛ</u> ɪəd ]
/dʒ/- huge split	[ hjuːdspl <u>ɪ</u> t ]	[ hjuːz + spl <u>ɪ</u> t ]
/m/- him splendidly	[ hɪmspl <u>ɛ</u> ndɪd <u>l</u> ɪ ]	[ hɪ + spl <u>ɛ</u> nd <u>ɛ</u> ɪd <u>l</u> ɪ ]
/n/- Brian spliced	[ br <u>ɪ</u> ənspl <u>ɔ</u> ɪs ]	[ br <u>ɪ</u> ən + ɪspl <u>ɔ</u> ɪsɪd ]
/ŋ/-exciting splashdown	[ ɪks <u>aɪ</u> tɪŋspl <u>ɛ</u> ʃd <u>ɔ</u> wn ]	[ əks <u>aɪ</u> tɪ + ɪspl <u>ɛ</u> ʃd <u>ɔ</u> wn ]
/r/- Peter splashed	[ pɪt <u>ə</u> rspl <u>ɛ</u> ʃɪd ]	[ pɪt <u>ə</u> rɪspl <u>ɛ</u> ʃɪd ]
/l/ - occasional splatter	[ əkeɪ <u>ʒ</u> ən <u>ə</u> wspl <u>ɛ</u> t <u>ə</u> ]	[ əkeɪ <u>ʒ</u> ən <u>ə</u> l <u>ə</u> wspl <u>ɛ</u> t <u>ə</u> ]
null- Splats	[ əspl <u>ɛ</u> t <u>s</u> ]	[ ɪspl <u>ɛ</u> t <u>s</u> ]

10) str Clusters

eɪ/-say strange	[ seɪ <u>ə</u> st <u>ɪ</u> ŋ ]	[ seɪst <u>ɪ</u> ŋ <u>z</u> ɪ ]
/u/- too strangely	[ tu <u>ə</u> st <u>ɪ</u> ŋd <u>ʒ</u> ɪ ]	[ tʃu <u>ə</u> st <u>ɪ</u> ŋ <u>l</u> ɪ ]
/ou/- go straight	[ ɡ <u>o</u> ws <u>t</u> ɪ <u>r</u> ɪt ]	[ ɡ <u>o</u> wɪst <u>ɪ</u> ŋɪd ]
/aɪ/- My strategy	[ maɪ <u>ə</u> st <u>ɪ</u> ʒ <u>ə</u> t <u>ə</u> d <u>ʒ</u> ɪ ]	[ maɪst <u>ɪ</u> ʒ <u>ə</u> t <u>ə</u> zɪ ]
/p/- soap stewed	[ s <u>o</u> wp <u>ə</u> st <u>ɪ</u> ju <u>əd</u> ]	[ s <u>u</u> p + ɪst <u>ɪ</u> ʒ <u>u</u> əd ]
/t/- Eight streets	[ eɪtst <u>ɪ</u> ts ]	[ eɪst <u>ɪ</u> t <u>s</u> ]
/k/- joke straight	[ dʒ <u>o</u> kw <u>s</u> t <u>ɪ</u> ŋɪt ]	[ dʒ <u>o</u> kw <u>s</u> t <u>ɪ</u> ŋɪt ]
/s/- Loose strands	[ luːz <u>ə</u> st <u>ɪ</u> ŋd <u>z</u> ]	[ luːz <u>ɪ</u> st <u>ɪ</u> ŋd <u>z</u> ]
/ʃ/- Turkish Straits	[ tʃ <u>ʌ</u> kɪst <u>ɪ</u> ŋɪts ]	[ tʃ <u>ʌ</u> kɪ + st <u>ɪ</u> ŋɪts ]
/f/- wife strongly	[ waɪf <u>s</u> t <u>ɪ</u> ŋ <u>l</u> ɪ ]	[ waɪf <u>s</u> t <u>ɪ</u> ŋ <u>l</u> ɪ ]

/θ/-cloth straps	[ klɒstɹɛps ]	[ klowð + stɹɛps ]
/tʃ/- much stretching	[ mʌtʃstɹɛtʃɪ ]	[ mʌtʃɪtɹɛtʃɪ ].
/b/- Bob struggled	[ bɒbɛstɹʌɡlɔwd ]	[ bɒbstɹʌɡɔwd ]
/d/- bed straightaway	[ bɛdstɹɛɪtaweɪ ]	[ bɛdstɹɛɪtaweɪ ]
/g/- big streetlamp	[ bɪɡstɹɪtlɛmp ]	[ bɪɡɛstɹɪtlɛmp ]
/z/- These strawberries	[ dɪzɛstɹɒbɛɹɪz ]	[ dɪz + ɪstɹɒbɛɹɪz ]
/ʒ/- rouge strangely	[ howd + + θstɹɛndʒəɪ ]	[ ʒ + strɛŋʃɪ ]
/v/- of strength	[ əfsθɹɛɪnθ ]	[ əvɪstɹɛɪndʒ ]
/ð/- with streams	[ wɪθstɹɪmz ]	[ wɪθstɹɪmz ]
/dʒ/- village straggles	[ vɪlɒdʒɛstɹɛɡɔwz ]	[ vɪlɒdʒɪstɹɛɡlɪz ]
/m/- became strained	[ bɪkeɪmɪstɹɛɪnd ]	[ bɪkəmstɹɛɪnɪd ]
/n/- Brendon strode	[ brɛndɔstɹɔwd ]	[ brɛndənɛstɹɔwd ]
/ŋ/- being straightened	[ bɪŋstɹɛɪtən ]	[ bɪ + ɪstɹɛɪtɪd ]
/r/- their struggle	[ dɛɪstɹʌɡɔw ]	[ dɛɪstɹʌɡə ]
/l/-tall strapping	[ tawstɹɛɪpɪŋ ]	[ tɔwɪstɹɛɪpɪ ]
null- Strict	[ stɹɪkt ]	[ stɹɪktɪd ]

11)	skw Clusters		
/u/- blue square	[ bluəskwɛɹ ]	[ bluiskwɛɹ ]	
/ou/- No squads	[ nowskɛdz ]	[ nowiskwɛd ]	
/aɪ/- guy squandered	[ gaɪəskwʌndəɹd ]	[ gaɪ + iskʌndəɹd ]	
/oɪ/- enjoy squalid	[ əndʒɔɪskwɛlɪd ]	[ əndʒɔɪiskwɛlɪd ]	
/p/- Stop squelching	[ stɒpskwɛltʃɪŋ ]	[ stɒp + iskɛlʃɪ ]	
/t/- eat squash	[ itəskwɛʃ ]	[ itiskwɛʃɪ ]	
/k/- look squarely	[ lukskwɛɹlɪ ]	[ lukskwɛɹlɪ ]	
/s/- delicious square	[ dɛlɪʃuzskwɛɹ ]	[ dɛlɪʃɔw + iskɛɹ ]	
/ʃ/- Josh squatted	[ dʒɔʃskwɛtɪd ]	[ ʒɔʃskwɛtɪd ]	
/f/- Jeff squealed	[ dʒɛfskwɪld ]	[ ʒɛfskwɪlɪd ]	
/θ/- Both squashy	[ bowθskwɛʃɪ ]	[ bowfskwɛʃɪ ]	
/tʃ/- peach squash	[ pɪtʃskwɛʃ ]	[ pɪʃiskwɛʃ ]	
/b/- Bob squeezed	[ bɒbskɪzd ]	[ bɒbskɪzɪd ]	
/d/- hundred square	[ hʌndrɪdskwɛɹ ]	[ hʌndrɪdskwɛɹ ]	
/g/- big squeeze	[ bɪgəskwɪz ]	[ bɪgiskwɪz ]	
/z/- always squabbles	[ ɔwweɪzskwɛbəlz ]	[ ɔlweɪz + skɛbowz ]	
/ʒ/- beige squares	[ bɪdʒiskwɛɹ ]	[ beɪʒ + skwɛɹz ]	
/v/- of squalor	[ əfskwɛləɹ ]	[ əfskwɛləɹ ]	

/ð/- with squirrels	[ wiskwɪəlz ]	[ wɪfɪskwɪəlz ]
/dʒ/- Village squatters	[ vɪlɒdʒəskwɛtətəz ]	[ vɪləʒɪskwɛrəz ]
/m/- him squeamish	[ hɪmskɪmɪʃ ]	[ hɪm + ɪskwɪmɪʃ ]
/n/-town square	[ tawnskweɪ ]	[ tawnskɛɪ ]
/ŋ/- strong squall	[ əstɹŋəskwaw ]	[ stɹŋəskwaw ]
/r/- car squashed	[ kærəskwɛʃəd ]	[ kwærɪskwɛʃɪd ]
/l/- Several squad	[ sevrəwəskwəd ]	[ sevrəɪskwɛd ]
null- Square	[ əskwɛɪ ]	[ ɪskwɛɪ ]

12) skr Clusters

/ou/- low scrub	[ lowəskɹʌb ]	[ lawɪskɹʌb ]
/aɪ/- I scrabbled	[ aɪəskɹæbəl ]	[ aɪskɹæbɔw ]
/aʊ/- how scrupulous	[ haʊəskɹʌpələz ]	[ haʊɪskɹʌpələz ]
/oɪ/- boy scribbled	[ bɔɪ + skɹɪbəl ]	[ bɔɪ + skɹɪbɔw ]
/p/- hope screenwriters	[ haʊpskɹɪnwɪtəɪtəz ]	[ haʊpskɹɪnmɪtəɪtəz ]
/t/- somewhat scrappy	[ sʌmwɒtskɹæpɪ ]	[ sʌmwɒtskɹæpɪ ]
/k/- like scrambled	[ laɪkskɹʌmbəl ]	[ laɪskɹʌmbɔw ]
/s/- police scrawled	[ pɔlɪskɹɔld ]	[ pɔlɪsəskɹɔld ]
/ʃ/- Josh scrambled	[ dʒɔʃskɹʌmbəl ]	[ dʒɔʃskɹʌmbɔw ]
/f/- Jeff scraped	[ dʒɛfskɹæp ]	[ dʒɛpskɹæpɪd ]

/θ/- both scrape	[ bɔwθskɹɛp ]	[ bɔwθskɹɛp ]
/tʃ/- such screening	[ sʌtʃskwɪnɪ ]	[ sʌtʃskɹɪnɪ ]
/b/- Rob screwed	[ ɹɔbskɹjuəd ]	[ hɔbskwɹjuəd ]
/d/- should scam	[ ʃʊdskɹæm ]	[ ʃʊdskɹʌm ]
/g/- Meg scratched	[ mɛgəskɹɛtʃə ]	[ mɛgi + iskɹɛtʃd ]
/z/- his scraggy	[ hɪzskɹægi ]	[ hɪzɪzskɹægi ]
/ʒ/- beige scroll	[ bɪdʒɪskɹɔw ]	[ beɪʒ + skɹɔw ]
/v/- of scraps	[ əvskɹɛps ]	[ əvskɹɛps ]
/ð/- with scripted	[ wɪðskɹɪptə ]	[ wɪθskɹɪpə ]
/dʒ/- huge scrapbook	[ hɹʊdʒɪskɹɛpbʊk ]	[ hɹʊʒ + iskɹɛpbʊk ]
/m/- Sam screamed	[ sɑmskɹɪmɪd ]	[ sɛmskɹɪmən ]
/n/- been scraped	[ bɪnskɹeɪp ]	[ bɪnskɹɛɪpɪd ]
/ŋ/-long screwdriver	[ lɔŋskɹjuːɹaɪvə ]	[ lɔŋ + iskɹjuːɹaɪ ]
/r/-over screens	[ ɔvəɹɛskɹɪz ]	[ ɔvəɹɪskɹɪz ]
/l/- small screens	[ smɔlskɹɪnz ]	[ ɪzmɔwɪskɹɪnz ]
null- Scruffy	[ skɹʌfɪ ]	[ skɹʌfɪ ]

## Bibliography

- Anderson, J. I. (1987) "The markedness differential hypothesis and syllable structure difficulty". Ioup, G. & Weinberger, S. H. (eds.), *Interlanguage Phonology: The Acquisition of a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House, pp. 279-91.
- Baptista, B. O. (1987) "A comparison of syllable-structure and phonotactics of American Spanish and Brazilian Portuguese". Paper submitted at UCLA.
- Beebe, L. (1988) "Five sociolinguistic approaches to second language acquisition". In Beebe, L. (ed.) , *Issues in second language acquisition: Multiple perspectives*, pp. 43-77. New York, Newbury House.
- Berri, A. R. (1996) *Contribuição para o estudo acústico da sonoridade da consoante /R/ do francês realizada por estudantes brasileiros*. Unpublished master's thesis, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Bowen, J. D. (1978) *Patterns of English Pronunciation*, 2nd ed. Rowley, Massachusetts: Newbury House.
- Broselow, E. (1987a) "Non-obvious transfer: on predicting epenthesis errors". Ioup, G. & Weinberger, S.H. (eds.), *Interlanguage Phonology: The Acquisition of a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House, pp. 292-304.

- Broselow, E. (1987b) "An investigation of transfer in second language phonology". Ioup, G. & Weinberger, S. H. (eds.), *Interlanguage Phonology: The Acquisition of a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House, pp. 261-79.
- Broselow, E. (1993) "Transfer and universals in second language epenthesis". Gass, S. M. & Selinker, L. (eds.), *Language Transfer in Language Learning*. Philadelphia : John Benjamins Publishing Company, volume 5, pp. 71-86.
- Camara, J. M. (1970) *Estrutura da Língua Portuguesa*, 8a edição. Petrópolis: Editora Vozes.
- Carlisle, R. S. (1991) "The influence of environment on vowel epenthesis in Spanish/English interphonology". *Applied Linguistics* 12, 1 :76-95.
- Carlisle, R. S. (1994) "Markedness and environment as internal constraints on the variability of interlanguage phonology". Yavas, M. (ed.), *First and Second Language Phonology*. San Diego, Singular Publishing Group, pp. 223-49.
- Clark, J. & Yallop, C. (1990) *An Introduction to Phonetics and Phonology*. Oxford, Blackwell.
- Clements, G. N. & Keyser, S. J. (1983) *CV Phonology: A generative theory of the syllable*. Cambridge, MA: The MIT Press.



- Dickerson, L. (1974) "Internal and external patterning of phonological variability in the speech of Japanese learners of English". Unpublished doctoral dissertation, University of Illinois, Urbana.
- Dickerson, L. (1975) "*The learner's interlanguage as a system of variable rules*". TESOL Quarterly 9 (4) : 401-407.
- Eckman, F. R. (1987a) "Markedness and the contrastive analysis hypothesis". Ioup, G. & Weinberger, S.H. (eds.), *Interlanguage Phonology: The Acquisition of a Second language Sound System*. Cambridge: Newbury House, pp. 55-69.
- Eckman, F. R. (1987b) "The reduction of word-final consonant clusters in interlanguage". James, A. & Leather, J. (eds.), *Sound Patterns in Second language Acquisition*. Dordrecht, Holland: Foris Publications, pp. 143-62.
- Eckman, F. R. (1991) "The structural conformity hypothesis and the acquisition of consonant clusters in the interlanguage of ESL learners". *SSLA*, 13, pp. 23-41.
- Eckman, F. R. & Iverson, G.K. (1994) "Pronunciation difficulties in ESL : coda consonants in English interlanguage. Yavas, M. (ed.), *First and Second Language Phonology*. San Diego, Singular Publishing Group, pp. 251-65.
- Fernandes, P.R.C (1997) "A epêntese vocálica na interfonologia Português/Inglês". Universidade Católica de Pelotas.
- Flege, J. E. (1987) "Effects of equivalence classification on the production of foreign language speech sounds". James, A. & Leather, J. (eds.), *Sound Patterns in*

- Second Language Acquisition*. Dordrecht, Holland: Foris Publications, pp. 2-39.
- Greenberg, J. (1965) "Some generalizations concerning initial and final consonant clusters". *Linguistics*, 18, pp. 5-34
- Hankamer, J. & Aissen, J. (1974) "The sonority hierarchy". Bruck, A, Fox, R. & LaGaly, M. (eds.), paper from the parasession on Natural Phonology, pp. 131-45. Chicago: Chicago Linguistic Society.
- Harris, J. W. (1983) *Syllable Structure and Stress in Spanish. A Non-linear Analysis*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Hawkins, P. (1984) *Introducing Phonology*. London, Routledge.
- Hooper, J. (1976) *Introduction to Natural Generative Phonology*. New York: Academic Press.
- Hooper, J. (1972) "The syllable in phonological theory". *Language* 48,3:525-40.
- Ioup, G. & Weinberger, S. H. (1987) *Interlanguage Phonology: The Acquisition of a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House.
- Istre, G. L. (1983) *Fonologia Transformacional e Natural- Uma Introdução Crítica*. Florianópolis: UFSC.
- Istre, G. L. (1981) *Studies in Pure Natural Phonology and Related Topics*. Florianópolis :UFSC.

- James, A. & Leather, J. (1987) *Sound Patterns in Second Language Acquisition*.  
Dordrecht, Holland: Foris Publications.
- Karimi, S. (1987) "Farsi speakers and the initial consonant clusters in English". Ioup,  
G. & Weinberger, S. H. (eds.), *Interlanguage Phonology: The Acquisition of  
a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House, pp. 305-18.
- Kenworthy, J. (1987) *Teaching English Pronunciation*. London: Longman.
- Kreidler, C. W. (1989) *The Pronunciation of English. A Course Book in Phonology*.  
Oxford: Basil Blackwell.
- Ladefoged, P. (1982) *A Course in Phonetics*, 2nd ed. New York: Harcourt Brace  
Jovanovich.
- Major, R. C. (1987) "The natural phonology of second language acquisition". James,  
A. & Leather, J. (eds.), *Sound Patterns in Second Language Acquisition*.  
Dordrecht, Holland: Foris publications, pp. 207-24.
- Major, R. C. (1994) "Current trends in interlanguage phonology". Yavas, M. (ed.),  
*First and Second Language Phonology*. San Diego, Singular Publishing  
Group, pp. 181-203.
- Murray, R. W. & Vennemann, T. (1983) "Sound change and syllable structure in  
Germanic phonology". *Language* 59,3:514-28.
- Oliveira, S. G. (1994) "A sílaba: algumas considerações sobre a rima no português".  
Paper presented at UFSC.

- Patkowsk, M. S. (1994) "The critical age hypothesis and interlanguage phonology"  
Yavas, M. (ed.), *First and Second Language Phonology*. San Diego, Singular  
Publishing Group, pp. 205-21.
- Prator, C.H. & Robinett (1985) *Manual of American English Pronunciation*, 4th ed.  
New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Rendenbarger, W. J. (1981) "Portuguese evidence for the non-unitary nature of  
syllable parsing". Cressey, W. W. & Napoli, D. J. (eds.), *Linguistic Symposium  
on Romance Languages*: 9, pp. 37-45. Washington, DC: Georgetown  
University Press.
- Roach, P. (1992) *Introducing Phonetics*. London : Penguin Books.
- Ross, S. (1994) "The ins and outs of paragoge and apocope in Japanese-English  
interphonology". Pankhurst, J. N. & Smith, M. A. Sharwood (eds.), *Second  
Language Research*, volume 10. London: Hodder Headline Group, pp. 1-24.
- Sato, C. J. (1987) "Phonological processes in second language acquisition: another  
look at interlanguage syllable structure". Ioup, G. & Weinberger, S. H. (eds.),  
*Interlanguage Phonology: The Acquisition of a Second Language Sound  
System*. Cambridge: Newbury House Publishers, pp. 248-60.

- Selkirk, E. (1984) "On the major class features and syllable theory". Aronoff, M. & Oehrle, R. T. (eds.), *Language Sound Structure*. Cambridge, MA: The MIT Press, pp.107-36.
- Schane, S. (1975) *Fonologia Gerativa*. Editora Zahar.
- Silva Filho, J. L. A. (forthcoming) "The influence of voicing and syllable contact on the production of English final consonants by EFL learners". Master's thesis. Florianópolis : UFSC.
- Tarone, E. (1987a) "Some influences on the syllable structure of interlanguage phonology". Ioup, G. & Weinberger, S. H. (eds.), *Interlanguage Phonology: The Acquisition of a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House, pp. 232-47.
- Trope, H. S. (1987) "Sonority as a variability factor in second language phonology". James, A. & Leather, J. (eds.), *Sound Patterns in Second language Acquisition*. Dordrecht, Holland: Foris publications, pp. 173-91.
- Underhill, A. (1994) *Sounds Foundations*. Oxford: Heinemann.
- Wolfram, W. & Johnson, R. (1992) *Phonological Analysis: Focus on American English*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics.
- Weinberger, S. H. (1987) "The influence of linguistic context on syllable simplification". Ioup, G. & Weinberger, S. H. (eds.), *Interlanguage*

*Phonology : The Acquisition of a second language Sound System*. Cambridge : Newbury House, pp. 401-417.

Weinberger, S. H. (1994) "Functional and phonetic constraints on second language phonology". Yavas, M. (ed.), *First and Second Language Phonology*. San Diego, Singular Publishing Group, pp. 283-302.

Yavas, M. (1994) "Final stop devoicing in interlanguage". Yavas, M. (ed.), *First and Second Language Phonology*. San Diego, Singular Publishing Group, pp. 267-81.

Young-Scholten, M. (1994) "On positive evidence and ultimate attainment in L2 phonology". Pankhurst, J. N. & Smith, M. A. S. (eds.), *Second Language Research* 10, 3: 193-214.